

21/11
227

RUY BARBOSA

O Partido Republicano Conservador

DOCUMENTOS DE UMA TENTATIVA BALDADA

~~24 25 26~~

RIO DE JANEIRO

CASA MONT'ALVERNE, RUA DO OUVIDOR 52.

1897

V
320
B 238
PRC



CONFERENCIAS

Fronunciadas na Bahia em 24 e 26
de maio de 1897



CONFÉRENCIAS

1. Conferência Nacional de História, 1984
Rio de Janeiro, 1984

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 1608

do ano de 1984

Voltam estes discursos a correr mundo, agora em livro, graças ao carinho de alguns amigos, empenhados em lhes dar forma estavel e curso mais amplo.

Condescendendo com esses entusiastas, o auctor não tem illusões. Pouco mais poderá esperar do publico em geral que a indiferença, com que já os acolheu a politica, desmentindo, ainda bem, o falso testemunho de haver o orador, na sua excursão á Bahia, servido a planos officiaes. Já Santo Antonio, com ser thaumaturgo, se viu reduzido a evangelizar aos peixes, e, o que mais é, veiu a encontrar depois imitador em sujeito não menos insigne que o padre Antonio Vieira. Sirvam tão egregios exemplos de escusa, sem idéa de comparação, a est'outro pregador de verdades inuteis e conselhos despresados.

Rio, outubro de 1897.



INDICE

	PAGINAS
Primeira conferencia	1
Segunda conferencia.....	63
Jacobinismo e terrorismo.....	111

INDICE

1. INTRODUZIONE 1

2. LA STORIA DELLA LETTERATURA ITALIANA 2

3. LA LETTERATURA ITALIANA IN EUROPA 3

4. LA LETTERATURA ITALIANA IN AMERICA 4



Minhas senhoras, meus senhores.

No tempo em que os nossos maiores honravam esta cidade com o appellido historico de Athenas brasileira, o que deslumbrava aquellas gerações, o que ellas queriam emblemam n'essa homenagem, era a capital do talento, a mãi das grandes capacidades. Nunca se me figurou mais justa do que n'este momento essa qualificação magnifica, mas como expressão de pensamento diverso. Celebrem outros a fertilidade intellectual do sólo attico. Agora, sob a impressão das nuvens pesadas, que, ha tres mezes, carregam a nossa atmosphaera, o que eu vejo aqui, é o céo hellenico da liberdade, é a cidade consagrada por Pallas á justiça, a metropole da independencia espiritual.

Quando o horisonte se estreita de todos os lados em inesperadas ameaças, e a hypocrisia taciturna do terror esmaga as almas, a consciencia necessita de respirar desoppressa em um canto da patria, onde a palavra não tenha perdido os seus direitos, e é então que

Foi proferida esta conferencia no Polytheama Bahiano, aos
21 de maio de 1897.

este cimo luminoso, coroado de tantas tradições, se lhe descobre em uma nesga de azul.

Esse privilegio da tribuna popular, que a philosophia, a eloquencia e o patriotismo zelaram sempre, na «Escola da Hellade», como o talisman da sua supremacia, e que entregava á controversia publica os mais graves problemas do estado entre os muros de Athenas em armas, sitiada pela Lacedemonia e dizimada pelo typho dos exercitos, venho encontral-o intacto no seio da vossa hospitalidade. E' especialmente nos dias de calamidade que os povos capazes se abraçam, confiantes, a esse recurso inestimavel, de que as nações inferiores se apressam em desabrir mão ao menor alvoroço.

Bem diversa era a minha situação, ha pouco mais de quatro mezes, quando benevola indiscrição da imprensa divulgou o projecto, ainda indeciso, desta minha visita ao lar de meus pais. A Bahia tinha-me conferido a distincção mais sublimada, com que nunca enobrecera um filho seu, com que jámais se vira dignificar pelos comicios populares um brasileiro. Suscitando e sobalçando a minha candidatura, collocara-a sobre um pedestal de noventa e dois mil votos, por uma eleição sem precedentes, que echoou no paiz como o rumor de vasta aclamação. As potestades, que, hoje em dia, dispõem da politica nacional, tinham cerrado fileiras contra esse nome açoitado. Mas a Bahia o tomou nos braços, e, de um gesto soberano, levantou-o á altura de sua frente, como a Terra divinizada no mytho grego cingia outr'ora á cabeça o loiro diadema de espigas apanhadas na modestia das suas searas. Ella tinha as mãos livres, graças, em grande parte, á prohibidade, á energia e ao tino de um governo, que não se aparceirou na conjuração de adulterar-lhe os sentimentos.

Se alguma vez o suffragio representativo orçou, entre nós, pela unanimidade, foi n'esse resultado, talvez

incomparavel na historia brasileira, a que todas as opiniões concorreram, e em que se conciliaram os mais accentuados antagonismos. Escolhendo para essa demonstração o mais combatido de seus filhos, indo buscar-o á sua quasi solidão politica, exactamente quando o escandalo, buzinado do parlamento, acabava de indicalo ao vosso desprezo, a Bahia assignalou a independencia do seu juizo, a magestade da sua força, o poder da sua união. Essa attitude, porém, foi, ao mesmo tempo, uma resposta e uma sentença. Ella envolveu o meu passado em uma consagração, e desceu como um raio sobre os detractores da minha honra.

Eu não podia enviar-vos de longe a oblação do reconhecimento. Contrahido sob tamanha divida, elle parecia impor-me extraordinarios deveres, para a satisfação dos quaes eu necessitava de reconstituir ao contacto materno as forças diminuidas pelos annos e pelo soffrimento. Seis mezes depois das ovações inolvidaveis, com que me acolhestes aqui em fevereiro de 1893, o furor de uma vingança politica, empolhada em longa incubação, havia de arremessar-me, innocente e condemnado, a paragens extranhas. Não podia eu entresonhar a fatalidade caprichosa, pela qual agora, do s mezes após o phenomeno grandioso da immensidade deste eleitorado estendendo-se em torno do meu nome num oceano de adhesões, antes de emmudecer o murmurio da victoria, me saltaria de trás ella, especie de marraxo nas aguas de uma surpresa, a perseguição traiçoeira e subitanea.

Tinheis-me trocado os espinhos pelo carvalho civico. Meu intento era vir beijar-vos as mãos generosas. Quando não me consentiram, em outubro de 1893, abrigar no vosso regaço a minha innocencia, amarrada pela mais cruel das iniquidades á sorte da revolta, quando me forçaram a commungar com ella na reivindicção da patria, que me roubaram, urdindo em diligencias policiaes e prégando, na imprensa, a minha

morte, o exílio offereceu-me de longe o agasalho dos seus braços resfriados, e encostou á minha cabeça as cãs da sua tristeza avergada de saudades.

Era eu obrigado a fugir destas plagas, onde me tinham designado para hospedagem as muralhas de uma fortaleza. Caminho de Europa, as aguas cortadas pelo barco, onde a minha vida passava fluctuando no ninho de meus filhos, tinham banhado as praias formosas da Bahia, e parecia levarem-me no silencio de sua melancolia infinita o echo morto dos applausos, com que, pouco antes, a minha terra se garnia de louçanias e flôres, para acclamar, na illusão do seu alvoroço, como o maior o minimo de seus filhos. Entre o mar e o céu a consciencia me mostrava, entretanto, no desterro, provado em seu primeiro calix, a expiação da minha constancia nas idéas, cujo culto inspirara aqui, entre extasis de admiração e beijos de fraternidade, ao futuro vice-presidente da republica a semi-divinização entoada nas vossas festas á minha individualidade. E, ao perlongar de além estas costas, essa proximidade, esse obstaculo, essa reminiscencia, essa injustiça gelavam-me as lagrimas nos olhos. Não podia habituar-me a crêr que «a heroína dos seios títanicos» subscrevesse a cobardia da minha expatriação. Uma dessas vozes interiores, cujas confidencias não enganam, me vertia em balsamo na ferida exulcerada a certeza de que o coração da Bahia não estava com os meus perseguidores, me embalava no consolo de que, se os meus pés se tivessem posto neste sólo, as garras da justiça politica não me arrebatariam d'aqui para o sumidoiro dos condemnados.

Para sentir a patria, senhores, é preciso amal-a na privação e no desterro. O conchego ineffavel dos prazeres da familia está longe de suppril-a. Não basta á planta humana, que impios sopros desarreigar am e ventaneiam, sentir-se dia a dia acarinhada pelas mesmas mãos, que a semearam, que a protegiam, que a agasalhavam nos

dias bruscos, em que o coração se recolhe á meiguice das affeições domesticas. Falta-lhe o ambiente, a orvalhada, o torrão querido, que deixou nas raizes do arbusto desabridamente desplantado, com os restos do humus nativo, o fluido da nostalgia incuravel.

Era esse mal penetrante e indefinido, que repassava o canto do poeta florentino, naquelles versos em cuja dolorida melodia parece estar se reabrindo a chaga do banido como ao primeiro golpe do exilio que o separára das coisas mais amadas.

Tu lascerai ogni cosa diletta
Più caramente : e questo è quello strale
Che l'arco dell'esilio pria saetta. 1)

Mirrando na origem as alegrias mais vivas, envenenando os gosos mais suaves, esterilizando as energias mais uteis, elle estiola as almas communs, ou retempera as naturezas fortes, reduzidas a preza de uma aspiração absoluta. Na amphora de oiro, onde a arte bebe, ainda hoje, pela epopéa homérica, a poesia dos deuses, ficaram algumas gottas sublimes desse fél, que tinha de estriar, seculos mais tarde, em laivos de amargura o paraíso de Dante. Nem as deusas seduzem Odysseu; no longo desterro as misérias do destino não alquebram o heróe «duramente experimentado»; porque no fundo de seu coração, de seu espirito, de sua vontade está a patria, dominante, radiosa, adorada. Atravez de privações, desconfortos e tempestades esse culto exclusivo não lhe esmorece; e, quando o mar o deixa na costa suspirada como pedaço de nave desfeita pela tormenta, a visão do regresso á patria ainda sustêm por momentos o corpo exausto do naufrago, e colla ao chão bemfazejo a bocca livida do exilado: «Ulysses dobrou os dois joelhos, e deixou

(1) DANTE : *Paradiso*, XVII.

recahir os braços robustos ; porque as vagas lhe tinham quebrado o animo. O corpo entumecera-lhe ; da bocca e das narinas escorria-lhe a salsugem ; sem folego, nem voz, jazia estendido, semi-morto, no sólo ; penetrava-o doloroso cansaço. Mas, quando lhe voltou o alento, e lhe tornaram a despertar os sentidos, arrojou para longe a faixa de Ino, afastou-se alguns passos do rio, e, debruçando-se entre os vimes da margem, beijou a terra, nutriz de todos os homens. » (1)

Essa commoção inenarravel de agradecimento e reconciliação com a existencia, os homens e as coisas, fruí-a eu, heroica e rejuvenescente, ao reavistar, ha do'is annos, estas costas, ao pisar outra vez este chão. Em verdade vos digo que tive a sensação religiosa da entrada a uma cathedral, que me parecia envolver-me a immanencia do Creador no universo, que nunca reconheci tão benefica a felicidade do pranto. Era, de envolta com a effusão das crises supremas nos affectos poderosos do sangue, o mysterio dos actos sagrados : uma como communicação insinuante com o invisivel, a presença sensivel do elemento divino atravessando a vida ephémera da creatura. Os longos soffrimentos do proscripto condensaram-se instantaneamente em uma oração, cujo lenitivo dir-se-hia devolver-se do seio de Deus em uma benção, em um perdão, em uma caricia do céo á flôr da paz, levemente soaberta neste canto agitado da terra.

Era o plenilunio da esperanza renascente. Em sonho entrerealizado o paiz saudava a éra nova : a sua restituição ao direito. Uma grande confiança dilatava ao povo os pulmões livres. A nação, cançada de servir, soffrer e sangrar, impunha á republica o regresso aos seus primeiros dias : á humanidade, á legalidade, á liberdade. A piedade, reanimando-se no sentimento chris-

(1) HOMERO: *Odyssea* V, 445-463.

tão, principiava a sanar as mutilações da guerra. O esquecimento abeberava na suavidade do seu allivio os espiritos inclinados ao descanso e ao trabalho. A familia brasileira não queria persistir em se dilacerar derredor do epitaphio de um morto e da legenda de um nome. Das ruínas do periodo extincto a anciedade de todas as classes presumia ver surgir gloriosamente a verdade do regimen civil. Era uma dessas horas criticas, irremeaveis, em que a situação se equilibra numa aresta entre duas vertentes, e o bem, ou o mal, depende da rectitude de uma alma, da firmeza de um homem.

O cidadão, que a senhoreasse, estimulando as qualidades sans da democracia, confiando na virtude providencial da lei, utilizando o movimento geral das vontades, teria fundado o Brasil republicano. Sentia-se assomar na opinião publica a mais soberana das realidades. Tinha-se a intuição de que ella podia mais do que o ferro. Percebia-se que todas suas forças convergiam para o governo. Via-se que para o governo, apoiado nella, não haveria impossiveis.

Ao cantar dessa alvorada, cuja claridade banhava as espansões festivas, com que a população da Bahia e a do Rio de Janeiro me receberam, o problema da pacificação impoz-se em termos ineluctaveis. Haviam perpassado já dezoito mezes por sobre a capitulação de 13 de março, sem que o mechanismo da acção legal se puzesse em movimento contra os indiciados na revolta. Deveria inferir-se que o governo optava pela indulgencia, se se não soubesse que as leis da guerra e as leis da civilização não se observaram senão na área vedada á barbaria pelos pavilhões estrangeiros, que as prisões só a custo revessaram as suas fornadas de suspeitos, que se preferira martyriziar a processar, supprimir a punir. O methodo eliminativo perfizera o seu cyclo. A lei, violada pela insurreição e pela repressão, tinha de entrar em scena, punindo o crime de

um e outro lado. Mas as circumstancias não permittiam calma e imparcialidade. A sociedade ficára dividida pela guerra em dois campos de recriminações e paixões. Não havia onde escolher com segurança os arbitros para a liquidação das responsabilidades. A opinião vencedora não podia condemnar a vencida, nem esta se absolver a si mesma. Os que tinham innocentado a dictadura, não haviam de julgar a revolução. A justiça devia librar a balança entre ambas, e não sentar uma á sua direita, para fulminar a outra. Applicando uma medida aos felizes, outra aos mallogrados, a sentença, cortezã da fortuna, assentaria o seu laudo no pezo das armas, em vez de se inspirar na equidade reconstroctora.

Entretanto, da solução dependia immediatamente a paz na fronteira meridional da republica e a volta ao paiz da parte mais brilhante de sua marinha, suprema condição da nossa respeitabilidade entre as nações. A occasião, portanto, não era de punir, e separar, mas de congraçar, e remittir. A fórmula geralmente abraçada nos espiritos, sob os dictames consentaneos da prudencia e da justiça, da magnanimidade e do interesse, era a amnistia. Só a politica subterfugia ainda a essa evidencia, a que a nação inteira se inclinára logo após o conflicto. O governo tinha nas mãos os meios de reduzir á cordura o temperamento revêso das facções parlamentares. A' sua mercê estava o arbitrio da amnistia plena, que, tirando ao odio o pasto, e removendo as causas subsistentes da scisão, desinçaria por uma vez a ordem publica do fermento pertinaz das reacções.

Mas, se o que, apesar de tudo, se afincavam em querer, era a repressão na sua rispidez mais ou menos attenuada, mais ou menos aggravada, viesse a repressão, mas legalmente: negassem de todo a amnistia, ou submettessem a amnistia ás reservas compativeis com o character da instituição e o codigo fundamental. O que não era admissivel, porém, é o que se fez: cortar

aos accusados a defesa, para os agrilhoar a penas irremissiveis, prejulgar, para não julgar, embuçar o castigo no manto do perdão, sentencear por acto legislativo, dar á politica o logar dos tribunaes. inverter a natureza da clemencia constitucional, gerando, por concubito do sophisma com a maldade, uma amnistia de correcção, uma amnistia de vingança, uma amnistia de stygma: a amnistia cilada, a amnistia mentira, a amnistia monstro, escandalo do direito, da historia e do senso commum.

A essa phantasia usurpatoria do papel da amnistia, da competencia da magistratura, da função das leis do processo, eu devia oppor-me, eu me oppuz, em nome, não só da constituição republicana, como das garantias mais elementares hoje a todos os regimens livres. Corroada por uma sentença na primeira instancia, essa causa, a mais justa, a mais clara, a mais bella que se podia suscitár perante uma grande magistratura, cahiu, com o prestigio da justiça, por tres votos adversos em um corpo de quinze julgadores. O tempo, juiz sem falsia, recebeu o meu appello, e ha de julgar-o, como julgou, e cancelou, a favor das garantias constitucionaes, tantos outros arestos, em que a pressão exterior obstava a justiça. Tanto mais devo esperal-o, quanto, na hypothese, a questão não foi resolvida pelo tribunal, mas pela anomalia de um caso fortuito, que ha de marcar epoca na chronica das surpresas forenses.

Outras batalhas travava eu, par a par com essa, pela minha mal estreada cliente, a constituição republicana. Contra um dos seus mais positivos compromissos, um acto do executivo fulminára com a miseria da aposentadoria forçada a antiga magistratura brasileira, uma das classes mais benemeritas do novo regimen. Clamei por ella justiça, e duas sentenças cassaram o abuso administrativo. Atrevido rasgo de dictadura ministerial inflingira ao magisterio superior uma humilhação dissol-

solvente, extinguindo a autonomia legal do professorado em face governo, aniquilando o mestre deante dos alumnos. Reivindicando a dignidade do ensino, que é toda sciencia e auctoridade, mostrei que, abaixo da constituição, ainda ha barreiras, no direito civil, ao arbitrio official. Bem que, segundo os seus habitos no Brasil, não quizesse perder o ensejo de mergulhar nos abysmos da sua imprevidencia, e ostentar a sua facil energia contra os fracos, o poder acabou recuando, reconsiderando, e reparando. Afinal era o jury que ia bater, por minha mão, á porta da justiça nacional. Nullificada pela politica positivista no Rio Grande do Sul, a grande instituição, que traça, no mundo contemporaneo, o meridiano da liberdade individual, era arrastada á barra dos tribunaes, na pessoa do magistrado que ousara amparal-a contra o fanatismo da dictadura comtista. O Supremo Tribunal Federal sancionou a resistencia do juiz rio-grandense, e a reforma castilhistá guarda na ferida o venábulo, que ha de matal-a.

Eis os meus crimes depós o exilio. Elle não me ensinára a prudencia e a deserção. Se do subsólo platinico eu me tivesse embebido no culto de Rosas, se em Paris me saturasse na moral politica da communa, se na Inglaterra houvesse aprendido a desquerer a liberdade: se nas duas travessias do oceano desalijasse a carga dos principios, a minha purificação estaria consummada: a Eumenides republicana saberia lavar-me no leite sanguineo dos seus seios a nodoa official da traição. Mas tantas reincidencias successivas na defesa da verdade constitucional descobriam na persistencia do meu achaque signaes de incurabilidade. Não era bem que continuasse a pestear as instituições espirito lazarado assim pelo amor insanavel do direito. Urgia traçar um cordão sanitario entre elle e o novo régimen. Houve quem se lembrasse, pois, de vedar-me a tribuna parlamentar com o decreto que me substituirá pela viltá

de traidor as honras de general. De envolta com as divisas militares eu devia ter perdido, a um revez da espada suprema, as funcções de senador. Pelo acto do poder executivo ficára revogado o vosso mandato. Naturalmente, desobedeci. Julgaram ferir-me, isolando-me, fechando-me as commissões do senado. Inclinei-me ante a superioridade dos que me excluiram; mas me deixei estar. Só restava aos patriotas um meio de mundificar da minha presença o congresso: era a minha eliminação eleitoral. Ella foi imposta á Bahia, não esquecestes em que termos.

Conventiculos de chefes, intimações minazes, emisarios expressos, todos os artificios da cabala, da seducção e do mando alistaram contra a minha reeleição o mais desusado apparatus de forças. Sobreestante a todos esses recursos, porém, torreando entre elles como irresistivel machina de guerra, altanou a diffamação a sua eloquencia em violenta scena parlamentar, cujo effeito se contava ser decisivo. Haveis de ter em mente como revidei o ataque: com as minhas crenças politicas e a historia documental da minha honra. Não sou candidato, disse-vos eu. A outros, com grande vantagem, se ajustaria melhor a vossa confiança. Mas, se m'a quizerdes renovar, será sob duas condições. Meu programma (eis uma dellas) é o meu velho credo politico, estampado na minha vida. A outra clausula é que não acceitarei o mandato, senão como plebiscito entre mim e a calumnia, como sentença vingadora do meu passado contra o libello do meu aggressor. Com as provas nas mãos expuz aos vossos olhos a minha carreira profissional, o meu lar, a minha lucta pelos deveres intimos, o insano labutar de uma existencia de probidade. Pronunciae, conclui, o vosso *verdictum* sobre ella e o symbolo da minha fé. Creio, disse eu, na liberdade omnipotente; creio na lei, a primeira das suas necessidades; creio que, neste regimen, o unico poder soberano é o do direito, interpretado

pelos tribunaes; creio que a propria soberania popular tem limites insuperaveis nos principios eternos, a que obedecem as constituições livres; creio que a republica decae, por ter abdicado na cegueira da força; creio que a federação expirará, se continuar a desconhecer a justiça; creio na tribuna sem furias e na imprensa sem restricções; creio na persuasão e na tolerancia, no progresso e na tradição, na competencia e na disciplina. Antigo lidador da palavra, creio na consciencia, na verdade e no direito, desprezo a força, e maldigo a desordem.

Reelegestes-me, concedendo-me o que eu pedira: um verdadeiro plebiscito. O eleitorado quasi inteiro concorreu á eleição, laureando o meu humilde nome. Soberbamente vingada estava a minha reputação e sancionadas solememente por vós as minhas idéas. O meu novo diploma de senador, firmado por noventa e dois mil suffragios, era o mandato de sustental-as.

Desde então não pratiquei um acto, não publiquei um escripto, não proferi uma opinião. A' minha terra, aos meus eleitores deviam tocar as primicias desta nova estação na minha vida. A' Bahia meditava eu vir trazer-as. Antes de reentrar no congresso, devia fallar aqui. Approximava-se essa occasião, quando estalou a nova luctuosa de Canudos.

Sob o peso da consternação geral, desci de Friburgo, imprecitado, ao Rio, aonde me chamavam deveres instantes. Encontrei a cidade immersa em pavor. Tinham-se arrazado tres jornaes. Dos seus despojos, conduzidos pela mais transitada rua da capital, um troço de gente desatinada fizera, na praça publica, o mais insolente auto de fé, e as chammas da fogueira sinistra acabaram tranquillamente a obra do mais fatal dos exemplos. Um homicidio ignobil, anegrado por nefandas apologias, inaugurára na metropole brasileira o assassinio politico.

Atravez desse pesadelo, em que se sentia mais

completamente do que nos peiores dias da revolta o nada absoluto dos direitos constitucionaes, só se deixára á imprensa a alternativa de calar o crime, ou lhe soprar o brazeiro. Canudos era a porta aberta á monarchia. Antonio Maciel succedêra a Saldanha da Gama. A rebeldia do fanatico cearense era a sequencia do movimento naval. Com a horda dos bandidos do sertão assomava a guarda avançada do imperio. A todo transe, pois, cumpria solidar com o cimento vermelho do Terror as instituições vacillantes. Urgia extrahir quanto antes, cirurgicamente, as raizes do monarchismo. O sangue vertido no Rio de Janeiro afogaria a semente de Canudos. Por entre essa demencia, essa agonia, esse espanto, crocitava, porém, uma nota singular: a do meu sacrificio aos manes de Moreira Cesar. A cidade inteira estava cheia da certeza do meu assassinio, tinha-o por feito e consummado. Era facto indubitado a minha suppressão, de cujo mallogro o despeito echoou, no Rio Grande do Sul, em urros de morte a Ruy Barbosa, envolvidos em brados de morte á monarchia. Tive que retornar, foragido, ao campo, experimentando então o pesadume de uma iniquidade mais acerba que a do desterrõ: o homisio do innocente, obrigado a se acoitar como o malfeitor; a forçada sequestração do amigo da ordem e da justiça no seio da propria patria subjugada pelo crime. Como o malfeitor, disse eu! Mas o malfeitor, cuja vida a republica assegurou por um artigo constitucional, tem, ao menos, juizes, defesa, leis tutelares. E tudo isso a politica de Lynch recusa ás suas victimas.

Bem sei que estas verdades são prohibidas. A potencia mysteriosa, que decreta o patriotismo e a traição, a vida e a morte, opéra no silencio e á sombra. Seus golpes sentem-se, não se accusam; vêem-se, não se denunciam. Dos seus attentados nomeiam-se os autores, contende-se até pela honra da autoria; mas n'õ se admitte indicial-os á publicidade. O rumor da voz commum, que

os designa, vai expirar no medo geral, que os encobre. A' imprensa, que recenseia cada manhã os minimos delictos, não seria permittido murmurar destes, os mais barbaros de todos. São proezas, que recommendam os benemeritos no fôro dos iniciados, ainda que a sua cotação no da consciencia nacional bem se sabe que ha de ser outra. No capitulo dessas bravuras a historia tem, por isso, de se ver fraudar pela sua archivista, a imprensa. Felizmente a historia possui laboratorios incogitados, a cuja remota profundura os raios da verdade tardam em chegar, mas chegam sempre.

Quando, no segundo anno da republica, um grupo de amigos e parentes do marechal Deodoro, exasperados pela virulencia de um periodico monarchista contra o chefe do Estado, violou uma typographia, toda a imprensa da capital, no dia seguinte, em manifesto colectivo, fez menção de fechar as portas, e ameaçou de revolução o governo provisorio, alheio a esse excesso, contra o qual todos nos pronunciámos. Não transpoz o attentado os limites, que o character pessoal de sua procedencia lhe traçava. O jornalismo fluminense poude, com altivez memoravel, esposar, contra a violencia, a causa da folha imperialista. E o republicanismo de então, ainda incruento, bateu palmas á declaração de solidariedade, que fazia dos interesses do direito offendido nos seus adversarios radicaes o interesse commum. Lembrando que a monarchia apedrejára e empastellára um jornal, longe de se autorizarem com aquella selvageria por modelo, ou escusa, os democratas daquelle tempo a verdascavam como exemplo infame, vitando, cabal de si só para abrir um abysmo entre as duas especies de governo, e qualificar a natureza essencial do seu antagonismo.

Atravessavamos, entretanto, os mares encruzilhados da dictadura, a primeira, agitada ainda pelos maroiços da revolução, em que se submergira um regimen, e o

outro mal tinha a consistencia de terra firme. Hoje, que contamos um septennio de pratica republicana, e a legalidade se fez proverbial, os mesmòs orgãos da opinião, que, em 1890, rejeitavam com desprezo o papel de coactos e emasculados, não podem enunciar o menor reparo contra a devastação de tres jornaes, o fogo ostentosa-mente posto á imprensa, o homicidio perpetrado contra o jornalismo; porque, nesses dias para sempre execrandos, as redacções suspeitas ao tropel assolador tinham sido obrigadas a invocar o soccorro de piquetes armados, e converter as suas salas de honra e trabalho em corpos de guarda.

Como, porém, senhores, nas maiores desgraças ha sempre que agradecer a Deus, a Deus dou graças, por haver permittido que eu merecesse a celeuma da perseguição á hora do naufragio tenebroso, em que a imprensa difficilmente logrou salvar a existencia material, e a honra de minha patria soffria, na sua metropole, um desastre muitas vezes mais fatal que o desbarato de Canudos. Razão tinha a violencia em se querer descartar do inimigo irreconciliavel, que em mim sente. Bem sabe ella que com os seus intuitos não ha no meu character, nem nos meus actos, um episodio, um traço de affinidade. Nunca usei a violencia, nunca a aconselhei, não a applaudi nunca. Lamento « os homens condemnados pelas assolações do fanatismo a se considerarem deshonorados pela sua moderação ». Não me arrependo, antes me congratularei sempre, da indole tolerante do governo provisorio. O que nos fez mal, não é a sua humanidade; é, pelo contrario, a deshumanidade dos que lhe succeram. Elle soube exercer a dictadura, obedecendo ás leis: outros fizeram da rebeldia a ellas a substancia da legalidade. O poder discricionario do governo de 15 de novembro legou aos governos constitucionaes o padrão da reverencia ao direito, a que a republica ha de voltar, se houver de salvar-se. Quando, pois, a força, na sua

expressão mais odiosa, a dos instinctos bravios da rua, esmaga aos pés a liberdade da palavra, vareja o asylo dos cidadãos, tala a propriedade individual, logico é que me não poupe.

Mas o que na força repugna mais do que a brutalidade, é o rasteiro dos sophismas, o deslavado dos subterfugios, o grotesco dos pretextos, com que os seus cortejões lhe envernizam a insania, quando, solta por governos fracos, se desmanda na soberania das fêras, *querens quem devoret*. Quando, ha sete annos, os meus collegas de dictadura se reuniam, dia a dia, na minha casa, em torno de mim, para collaborar no feitio da constituição republicana, commettida especialmente ao meu trabalho; quando todas as noites me confiavam o mandato exclusivo de advogal-a nas conferencias com o general, a que assistiam silenciosos; quando, concluidas ellas, o sr. Glycerio me recommendava que lhe escrevesse o commentario, quem rastrearía o meu destino de passar, pouco tempo depois, réo de morte nas vociferações republicanas contra o monarchismo? Quando, ha oito annos, o chefe do gabinete dissolvido pela revolução de 15 de novembro verberava, no seu manifesto europeu, acima de todas as responsabilidades envolvidas nesse movimento, a do *Diario de Noticias*, onde poderia entreduzir o presagio da intervenção disparatada, que, dentro em pouco tempo, havia de associar na aversão republicana ao visconde de Ouro Preto o mais militante dos seus antagonistas o mais efficaz dos derrocadores do seu governo? Quando, ha tres annos, o *Apostolo* me atirava pelas costas ao desterro os botes da sua mordacidade, quando, ha sete mezes, a calumnia parlamentar ia rever, nas officinas do *Liberdade*, a edição official do seu vomito contra a minha honra, quando, ha tres mezes, a *Gazeta da Tarde* entregava á chalaça dos seus rapazes a escolha do meu nome para a negociação com a França, como se poderia adivinhar, neste mundo, que os factos me reser-

vassem a sorte de acabar no mesmo dia, pela mesma sentença e ás mesmas mãos que o *Apostolo*, o *Liberdade* e a *Gazeta da Tarde*? Quando os meus inimigos religiosos, na Bahia, a proposito da separação entre a igreja e o estado, açulavam contra a minha impiedade a prédica de Antonio Maciel, quem lobrigaria que, não longe, o meu nome seria, entre os patriotas, um dos alvos da indignação contra o louco de Canudos?

Não é, porém, senhores, o destempero da injustiça pessoal o que neste phenomeno me obriga a vos demorar por mais tempo. Não é um individuo: é a Bahia, é o systema representativo, é o direito dos estados, é o regimen federal, o que as circumstancias deste caso põem em questão. Reeleito senador, ha quatro mezes, vivia eu calado e sumido no campo, quando estoitou o trovão de 8 de março. O unico successo, que entrecorrêra, neste periodo, em minha vida, foi a espontaneidade do governo, convidando-me para o logar de ministro plenipotenciario na missão destinada a celebrar, em Paris, o tratado preliminar de arbitramento acerca das nossas fronteiras com a Guyana franceza. Esse espontaneo e insistente chamamento para defender, no estrangeiro, a integridade do territorio nacional era a revogação mais solemne do attentado, que, tres annos antes, me indignitava ao estrangeiro como traidor ao paiz. Meus sentimentos individuaes deviam lisonjear-se com o desagravo, que se me offerecia, de volver tão depressa, representante do Brasil, em missão da mais alta confiança, á Europa, onde, em 1894, a diplomacia brasileira abria derredor de mim largo vasio de indifferença e desdem. Mas eu puz sempre acima dos meus os interesses de minha patria. E por isso, escusando-me, não obstante as instancias do nosso governo, alleguei, entre outras, a consideração de que, sendo manifesto, pela correspondencia official, o empenho do governo francez e seu representante entre nós em concluir aqui o accordo, não

me parecia indispensavel a missão a Paris. Em consequencia ficou assentado correr no Rio de Janeiro a negociação, sob a clausula, a que me comprometti para com o chefe do Estado, obedecendo á instancia do seu appello, de ir eu á França, caso se mallograsse aqui a tentativa entabolada. E assim findou a minha parte em relação a esse episodio diplomatico, onde não cheguei a intervir. Condemnem-me agora os capazes de proceder, em hypothese igual, mais desinteressadamente. A esta circumstancia se reduzio toda a minha vida publica até o incidente de Canudos, desde a minha reeleição. A investidura, que ella me conferio, estava, pois, sobre mim na plenitude da sua autoridade, quando se derramou na atmospherá electrizada e abafadiça de março a voz da minha condemnação.

Entre o decreto subterraneo, que a fuzilára, e o meu, passado politico, entre este decreto e as minhas idéas mediava a vossa deliberação collectiva, nomeando-me senador por nove annos. O vosso acto cobria as minhas opiniões; a vossa opinião resguardava os meus actos. Formulando-vos a minha profissão de fé, em 23 de outubro, eu vos dissera: «Rejeito as doutrinas de arbitrio; abomino as dictaduras de todo genero, militares, ou scientificas, coroadas, ou populares; detesto os estados de sitio, as suspenções de garantias, as razões de Estado, as leis de salvação publica; odeio as combinações hypocritas do absolutismo dissimulado sob as fórmás democraticas e republicanas; opponho-me aos governos de seita, aos governos de facção, aos governos de ignorancia.» Fóra desses principios, terminantemente vos declarei que não poderieis contar commigo. Se me elegestes, portanto, é porque os abraçaveis, é porque me querieis impôr o cargo de propugnall-os. Logo, no phrenesi desencadeado contra a minha pessoa, na gana aforçurada em inutilizal-a, era a vossa representação que se queria nullificar, era a vossa consciencia que se pretendia afas-

tar da tribuna do senado. Sois noventa e dois mil cidadãos que me elegestes. Quero saber qual será, neste paiz, a potestade superior á soberania desses suffragios, para lhe emmordaçar o representante.

Eis a questão. E aqui está porque não me seria licito prescindir, neste momento, do direito de dizer com desassombro a verdade. Ou este discurso encerrará definitivamente a minha carreira politica; ou, se ha seriedade no vosso mandato, cumpre que a sua auctoridade baste, para proteger efficazmente os vossos eleitos contra os soberanos da rua, os dictadores de encruzilhada, os grandes justiceiros da mashorca politica. Tamanha importancia tem, neste regimen, a representação dos estados no senado que nem por meio constituinte admite o pacto federativo alterar-se-lhe a igualdade; sendo ainda em homenagem a esta que, por uma anomalia peculiar ás instituições americanas, o presidente daquella camara não sae dentre os seus membros. Todos os estados têm no seio della o mesmo valor, como em congresso diplomatico, em assembléa de embaixadores, cada nação representa uma unidade deliberante, ainda quando multiplo o numero de seus ministros. O senado é uma especie de dieta federal, onde cada estado mantem, digamos assim, a sua embaixada permanente; de modo que, entre nós, como nos Estados Unidos da America do Norte, o character de mandatario popular, commum a toda a representação nacional, recebe, na função senatoria, o sello especial de delegação dos estados, accentuando-se-lhe assim a inviolabilidade representativa. Aqui tendes estabelecida, pois, a questão em termos inevitaveis: ainda figurando unanime, na metropole, o sentimento popular contra as idéas de um senador, quem lhe deu a ella o poder de lhe embargar, ou ameaçar a liberdade? Notai que não reclamo para o senador privilegios: essa liberdade é igualmente inviolavel em todos os membros do congresso e em todos os habitantes

deste paiz. Tenho em mira apenas avivar especialmente em relação ao senador, as consequencias constitucionaes do invento dos crimes de opinião. O senador é a personificação electiva de um estado. Que ficarão valendo agora os estados, se a independencia e segurança dos seus procuradores naquella camara penderem das sympathias e antipathias da população fluminense? se (coisa ainda mais grave) o residuo das paixões malfazejas, que o delirio do crime collectivo carrega pelas ruas nos dias de eclipse da generosidade popular, vier a ser o arbitro da vida e da morte para os vossos representantes no conselho dos estados? Foi para substituir a centralização imperial pela centralização terrorista, que abolistes a monarchia? Ou as fórmulas politicas já não se discriminam senão pelas placas, á semelhança das nossas ruas, que o partidismo das intendencias converte em medalhario dos caprichos do dia, revogando a historia, o uso e o senso commum?

Representantes dos estados unidos na capital da União, as nossas immunidades lembram, até certo ponto, as dos representantes de um paiz na metropole de outro. Ha certamente, entre estas e aquellas, differenças visiveis. Em substancia, porém, quanto á invulnerabilidade pessoal no exercicio da commissão representativa, os dois casos se correspondem. De nossos actos só temos que dar conta aos nossos committentes; o nosso voto pertence respectivamente aos nossos estados. Nelles, portanto, se vai empregar, atravez de nós, todo arbitrio, que tenda a castigar, em nossas pessoas, as nossas opiniões, a limitar em nossas palavras as nossas idéas, a reagir materialmente contra a politica da nossa attitude. Embaixadores, representando nações soberanas, ou senadores representando estados autonomos, a uns, como a outros, é essencial a independencia mais absoluta na cidade commum, no centro escolhido para reunião das suas assembléas. A pressão popular

exercida alli sobre elles seria, em uma hypothese, a nulificação da autonomia dos estados, como, na outra, a da soberania das nações. Se na capital da republica se enthronizar um poder invisivel, perante quem sejam sentenceados nas trevas e executados nas ruas os vossos representantes, esse poder é o supremo revisor das vossas vontades, esse poder é o eleitor real dos vossos eleitos, esse poder é o senhor arbitrario do vosso mandato, esse poder absorveu tudo, esse poder é a constituição, a republica, a nacionalidade; esse poder é o estado, e os estados não são nada. Ponto está em saber se elles admittirão esta subalternidade.

Nem desdenheis do risco, por estar ainda circumscripto a alguns casos. São poucos, mas solemnes. Outros membros do congresso já passaram pela mesma provação, que culminou no presidente da camara dos deputados. Tudo está no óvulo do mal. Quando o embrião se desenvolver pela impunidade do exemplo inicial, o principio terá feito a conquista da sua legitimidade invasora, e correrá successivamente da tentativa á realidade, da excepção á frequencia, da penumbra ao triumpho.

Onde residirá, porém, a séde obscura dessa força irresponsavel, cujas primeiras explosões nos entenebrecem o céo como o esfumear da cratera antes da lava?

Senhores, os factos collectivos só se interpretam pela analyse dos episodios particulares. Os casos individuaes são, na historia, a chave das grandes generalidades inductivas. Descoberta a origem dos interesses, que, a cada turvação da ordem publica, esbravecem contra mim em ameaças homicidas, tereis a explicação dessas procellas de odio, em que os uivos de rancor ao meu nome significam apenas a colera da lufada contra o obstaculo de um tronco menos dobradiço.

Da minha opposição ao militarismo, da minha lucha contra a dictadura da espada, da minha intransigencia

com a associação entre a politica e as armas, resultou o supposto de que o meu grande inimigo está no exercito. Senhores, não: o exercito não pode ser esse inimigo meu (e bemvinda esta occasião, que se me offerece, de mostral-o); porque amigo mais fiel, recto e desintessado que eu não sei se o exercito já teve. Nunca o lisonjeei, por isso que a lealdade não adula. Nunca o desaviei para o caminho despenhoso dos excessos. Mas por elle, pela sua causa legal, expuz, no embate contra a senilidade irritadiça do imperio, tudo o que um homem politico pode expor nobremente: o futuro e a vida.

Lembrai-vos, senhores, do *Diario de Noticias*, desses escriptos, que penetravam toda manhã na alma do soldado como um clarim de alvorada. Cada um delles era um acto; porque com elles cada dia se aggravava o perigo da minha situação pessoal ante os ministros superexcitados, cuja sobreteima no erro não relevava ao jornalista a certa penetroação de sua palavra no animo da força. Entretanto, a folha liberal não rufava surdamente a chamada á revolta: sua eloquencia, feita unicamente de virilidade e justiça, era a vibração argentina do direito. Quem reler, com a calma de hoje, aquellas paginas, convencer-se-ha de que o meu intuito não foi já-mais precipitar o exercito na revolução, mas compellir o governo á observancia da lei. Mostrando-lhe a sensibilidade vibratil da fileira agitada pelo sopro juridico, eu queria entreabrir, em indicios do futuro, aos apparelhadores do terceiro reinado as consequencias da reacção oppressiva. Diz-se que foi a revolução que arredou o exercito da lei, e mergulhou o exercito na politica. O que arrastou o exercito á politica, e inimistou o exercito com as instituições imperiaes, foi a demencia da monarchia, a agitação da sua caducidade, os attentados da sua decrepidez contra o codigo militar. A linha começou impetrando, e só esgotados os recursos normaes, morta de todo a esperanza, se despenhou na reivindica-

ção armada. O prestigio das instituições inermes sobre a espada nasce da submissão do poder á lei. A reverencia do mando supremo a essa entidade invisivel e desprotegida habitua as baionetas a sentirem que a autoridade não emana da força. Esta, porém, ficará sendo, aos olhos do soldado, o unico elemento respeitavel, desde que a administração civil ferir no militar a justiça. A lei é a origem espiritual, o principio necessario de toda obediencia: não póde haver absurdo mais absurdo que reclamar a obediencia, desobedecendo á lei.

Estive sempre com o direito militar contra a imprudencia civil, desde a campanha abolicionista. Os passos de ensaio na politica imponderada do governo contra o exercito e a armada coincidiram com a molestia do imperador e a imminencia da ascensão de sua filha ao throno. Principiou esse periodo na situação conservadora, sob o ministerio Cotegeipe, em consequencia de infracções palpaveis do direito militar, por elle commettidas. Na sua resistencia circumspecta e respeitosa cederia o exercito a impulsos condemnaveis? Mas a nação inteira se pronunciou por elle. Mas o partido liberal em peso se levantou contra o governo, arguindo-o de tyrannia contra os brios da farda, exortando-a a não esmorecer no conflicto, e fraternizando com ella. Mas a representação nacional, pelo seu orgão mais independente, o senado, reprovou a attitude ministerial. Mas foi exactamente o visconde de Ouro Preto quem iniciou, naquella camara, a moção, convidando o gabinete a recuar da illegalidade. Mas o proprio gabinete reconheceu o seu erro, retractando-se, penitenciando-se, consentindo sem reservas ao exercito o que o exercito requeria. E o documento, em que essa crise irrompeu, o manifesto dos dois generaes, trabalho exclusivamente meu, escrevi-o a rogo de um chefe liberal: o conselheiro Dantas.

Minha não é a culpa, se o partido liberal abandonou em caminho as reclamações militares, por elle patrocini-

nadas contra o ministerio Cotegipe e ainda contra o gabinete de 10 de março no famoso incidente da incursão nocturna do chefe de policia de S. Paulo em um quartel de tropa de linha. Eu é que não costumo deixar a meio da estrada os principios, com que me abraço. Em todos esses estadios do itinerario da perdição alumiei constantemente a imprevisão do imperio com o aviso leal da verdade. O exercito, punido, com a remoção para Matto-Grosso, da resistencia que occasionara a abolição immediata, respirou, na sua odysseá, pela minha indignação contra a vindicta incitadora.

Quando o dr. Moreira Pinto, lente da Escola Militar, assignalado ás desforras palacianas desde 1882, por envolver no morticinio da noite de S. Bartholomeu o nome de Carlos IX, veio a expiar, em 1889, o crime de «censura á antiga casa de França», na phrase da reprimenda official, eu, defendendo contra essa ineptia os direitos da historia e os direitos do ensino, preveni suas altezas contra os instrumentos de tamanho desatino, apontando nelles «a mais perigosa laia de republicanos», como hoje aponto nos transgressores da lei em nome da republica a só especie de monarchistas formidaveis. Com o meu vigor habitual me embrenhei então na batalha «pela liberdade do pensamento na sua expressão mais elevada: o ensino da mocidade», flagellando naquelle requinte de bajulação ao principe estrangeiro «o desprezo insolente de um direito constitucional, origem de todos os outros». Ainda estavam, a esse tempo, commigo os republicanos em que «as ignorancias e os crimes da palavra se corrigem com a palavra mesma». Eu não queria empeçonhar os instinctos do homem armado, mas preservar as forças moraes, que devem refreai-o. «Não inspireis», dizia eu, «á alma do soldado a mentira, a baixeza, a hypocrisia, os vicios mais oppostos á lealdade e á inteireza, que são as bases do dever militar, onde a disciplina assenta na honra.»

Quem esqueceu a minha porfiosa luta pela Escola Militar? A sua reorganização, forjada por interesses indefensáveis, golpeara profundamente o magisterio daquela casa no dr. Valladares, no dr. José Felix, no dr. Serzedello, no dr. Antão Ribeiro, no dr. Jayme Benevolo, no dr. Lauro Sodré. Evidenciando «os obstaculos de ordem legal», que a contrastavam, abri campanha contra o acto ministerial, em cujos desconcertos avultava «radical negação do direito». Já não se assenta a monarchia nas instituições constitucionaes, escrevia eu, descobrindo as origens aulicas da medida; «assenta-se no validismo, apoio desprezível, que a abandonará cynicamente no primeiro momento de perigo». Bem vêdes que eu prophetizava.

Ao ministerio de 10 de março succedeu o de 7 de junho. Tres semanas tinha elle de existencia, quando foi vedada á mocidade militar a leitura das folhas liberaes. O *Diario de Noticias* e o *Paiz* já não podiam ter ingresso na Escola Militar. Essa dieta de publicidade, esse regimen de clausuração mental, imposto á juventude pelo conde Gastão de Orleans, teve a sua flagellação exêmpar no *Diario de Noticias*. O «cinto de castidade» posto ás intelligencias ficou celebrizado pelo simples titulo do escripto, que expoz ao desprezo publico a incompetencia desse cumulo de zelo senil. «Ha freios, que são provocações», advertia eu, caracterizando a politica, de cujos excessos havia de borbotar a reacção improvidamente estimulada. «Ha quebra-mares, que são desafios ao oceano. Ha anachronismos de oppressão, que constituem o mais perigoso fermento de revolta. Ha desatinos, que parecem fadados pela grosseiria da sua enormidade a quebrar a somnolencia morta das resignações do captivo.» O estado superagudo nessa nevrose tem o seu symptoma especifico na preocupação de matar idéas, esmagando-lhes os órgãos. Entre o principe, que trancava aos jornaes as portas da Escola Militar, com medo á

republica, e os democratas, que espedaçam typographias, para evitar a restauração, não ha outra differença que a do mal ao peor. São dois graus de loucura na escala ascendente. Seria absurdo que a verificação das minhas previsões me tivesse levado a apostar a verdade exprimida por mim, naquelle tempo, com este calor: «As idéas, na civilização moderna, são como esse ether, que, na grande hypothese physica, occupa o espaço universal, encasando-se entre as moléculas dos corpos mais compactos, e derramando-se pelo vacuo infinito, onde cessa o fluido atmospherico. Onde quer que suppuzerdes estabelecer á força o vasio por meios materiaes, ellas penetrarão tanto mais activas, quanto mais sensível for a violencia, não obstante a pneumatica dos vossos apparatus de supressão.»

Contra a «politica de calabrote» reivindiquei para o official brasileiro a funcção legal do voto, desconhecido pelo mi nisterio no tenente Costa Lima, que se viu condemnar ao desterro de Matto-Grosso, por não se alistar entre os espoletas do Club Liberal. No conflicto entre o presidente do conselho e o commandante da guarda do The souro, em que se desenhou como ao relampago de uma allucinação a quéda moral da corôa, não trepidei em assumir abertamente o patrocínio da victima, comquanto as proporções dessa demasia revelassem no governo a hypercrise da colera, entremostrando aos seus antagonistas as ameaças do regimen do terror. O illustre estadista olvidara aquelles dias, ainda tão proximos, nos quaes, ante a questão com o exercito, effervescente sob as duas ultimas administrações conservadoras, os liberaes unanimemente sustentavam que «a revolução vinha de cima, que a anarchia baixava do seio dos ministros da corôa, que a reacção militar significava a consciencia do direito em acção contra o delirio de facções alojadas no posto do governo.»

Obra dos conselheiros do throno, pelo seu desprezo acintoso da lei, a questão militar se abeirava do mo-

mento decisivo; e, contudo, eu ainda pedia aos servidores da dynastia «uma solução juridica». Foi a insurreição da auctoridade civil contra a legalidade», insistia eu, «que soprou nas fileiras do exercito o primeiro movimento de resistencia ao governo de sua magestade. Mas no uso dessa faculdade natural de defesa contra a usurpação indecente e desgrenhada, a espada era a mantenedora da paz, a expressão da consciencia juridica e o refugio da liberdade periclitante». Eis o que eu lembrava ao ministerio 7 de junho, exorando-o vivamente a prevenir a indisciplina mediante a reconciliação do governo com a legalidade. «Na lei», repetia-lhe eu, «é que se acha a base de todos os poderes, ephemeros e despresiveis, se assentam na força, inviolaveis e duradoiros, se descançam no direito.»

Mas, na sua insurdecencia fatal, o ministerio, pannos cheios, ventapôpa, se amarava ao largo em plena illegalidade. Ao tenente Carolino, em vez do conselho de guerra, tres vezes requerido e tres recusado, contra os mais terminantes preceitos da jurisprudencia militar, se ordenava o degredo para a fronteira do Amazonas. «E' a guerra aberta á disciplina militar», notava eu, ainda a 8 de novembro, sete dias antes da revolução. «A onda da anarchia official sobe, sobe, enquanto o governo desce rapidamente. Que o exercito saiba ser firme na devoção á lei.»

O governo, emtanto, encontrára meio de excavar mais o despenhadeiro. Ainda não cessára a onda vibratoria do escandalo á entrada do Thesoiro, e já os conselheiros do imperador esparziam novos germens de agitação, transgredindo outra vez a lei na violencia ao director da Escola Militar do Ceará, demittido a bem do serviço publico, sem a defesa do conselho de guerra, a que as instituições marciaes lhe asseguravam direito. «A lei militar», exclamava eu, «não quiz deixar ao arbitrio do poder a faculdade de marear a farda. Porque ha de o governo

insistir em vibrar golpes sobre golpes a officiaes brasileiros, tirando-lhes, ao mesmo tempo, a garantia da justiça militar, e avocando ao arbitrio administrativo as prerogativas della? O conselho de guerra, na ordem militar, vai sendo eliminado, como o *habeas-corpus* na ordem civil.»

Reparai bem: eu não seperava um momento a causa do exercito e a da legalidade. Na minha propaganda liberal de 1889 se prefigura completa a minha propaganda republicana de 1892 a 1896: os principios invocados por mim contra os decretos de 10 de abril e a amnistia de 21 de outubro; o *habeas-corpus* e o direito do cidadão, civil, ou militar, a não ser condemnado sem julgamento.

Tudo, porém, era baldado. Os passos do destino imperial apressuravam-se dia a dia para o termo irreversivel. «Ouve-se estalar a lei militar», deplorava eu, «como a bulha das folhas mortas em selva devastada, sob os pés dos homens actuaes de sua magestade. Elles têm na bocca a palavra *disciplina*, mas no coração o sentimento a ella avêso. A disciplina é o dominio da lei sobre as vontades, e elles são a omnipotencia das vontades contra a lei.» Minha confiança nella, comtudo, ainda não expirara em 9 de novembro, quando acabei de rasgar aos olhos do paiz o véo do plano contra a patria, em um artigo do qual me disse Benjamim Constant que fóra, no seu animo, o impulso decisivo para a revolução. Vêde como, já na hora extrema, alheio ao movimento revolucionario, que só mais tarde se me descobriu, eu honrava o espirito legalista da força armada, como eu lhe definia gloriosamente o papel: «O exercito não é aulico, nem politico. Não pertence á dynastia, nem ás facções. E' nacional e constitucional. E' a guarda das instituições contra a desordem e contra a tyrannia. E' a soberania da lei armada. E' o baluarte de nossas liberdades organicas contra as conspirações, que as amea-

çarem. Fôrma em torno do direito popular a trincheira impenetravel do heroismo; e as opiniões, as propagandas, as reivindicações pacificas expandem-se livremente á sombra da sua imparcialidade tutelar. -

Não sei se já se caracterizou mais nitidamente a disciplina militar do que nestas palavras do meu editorial de 12 de novembro; «A disciplina tem duas faces, das quaes uma apenas convem ao ministerio apresentar-nos: as funções da auctoridade, que manda. Ha nella, porém, o outro lado, a que esse se subordina: os direitos do individuo, que obedece. Consiste a disciplina em um vinculo commum, que submette o commandante e o commandado, a direcção e a força, que a serve, á impersonalidade do regimen legal. A condição da docilidade do elemento militar á ascendencia do governo civil está na observancia por este dos principios permanentes da ordem militar. Não se pode manter a excepcionalidade férrea das leis disciplinares no exercito senão pelo mais austero culto do dever; e este será impossivel, se do governo, que exige obediencia ás suas ordens, não baixar o exemplo do respeito aos limites, que o direito positivo lhes impoz. A dureza da condição, que pesa sobre o soldado, requerendo-lhe uma existencia perenne de sacrificios heroicos, torna duplicadamente sacrosantas as garantias, com que a lei o ampara da degeneração da disciplina em captiveiro.»

A revolta do governo imperial contra essas noções elementares da ordem politica explica a revolta do exercito contra o governo imperial. Era minha convicção absoluta, como ainda continúa a ser, á luz da experiencia destes annos, cheios de successos formidaveis, que o soldado brasileiro nunca se levantaria contra os regimens submissos á lei. A disciplinadora por excellencia é a justiça, distribuida com mão firme para a repressão do abuso e a manutenção do direito. Eu não podia dar mais ao exercito do que lhe dei nessa tenaz defesa juri-

dica e nesse intrepido curso de legalidade militar. Votei-lhe o melhor da minha alma, os mais sazonados fructos da minha vocação, do meu trabalho, sem interesse, com o prumo da equidade em punho, traçando entre a força do poder e a força das armas a linha mediana da obediencia commum á mesma auctoridade superior: a auctoridade da lei. Não seria concebivel que de tal semente pudesse brotar contra mim o odio militar em fructos de morte.

Muitos signaes, pelo contrario, de grata correspondencia me attestaram profundas sympathias na fileira e na mocidade armada.

Mais de uma vez a minha entrada no governo provisorio me deparou ensejo de mostrar que o meu interesse por uma e outra não arrefecêra.

Certa manhã, nos primeiros dias da republica, me recebeu o marechal Deodoro, ainda em sua modesta venda no campo de Sant'Anna, contando-me a sedição militar, que rebentára no Desterro, em Santa Catharina. (Deixae-me dar áquella cidade o nome, que a historia lhe deu, e por que a nação a conhece.) «Dei immediatamente ordem para serem executados os officiaes», concluiu elle. Retrahi-me, tocado por uma impressão glacial. Ainda não conhecia aquella grande alma. Não tivera com elle relações. Ao regressar de Matto Grosso, obsequiara o bravo desterrado o *Diario de Noticias* com a honra, que me dizem não tocou a outros, de uma visita immediata. Mas tão alheia andava a minha attitude na imprensa a calculos politicos, que não lhe retribui a fineza. Apenas nos encontrámos em sua casa, a convite seu, de que foi portador Benjamim Constant, ás vesperas de 15 de novembro. Não ousei, pois, contrariar-o incontinenti. Confesso que o vi, nesse momento, a um aspecto desfavoravel. Ainda não existia entre nós a facilidade de matar. Era-nos realmente sagrada a vida humana. Esse primeiro passo no sangue, ao abrir da re-

publica, afigurou-se-me de máo agoiro, comquanto a situação fosse em extremo grave, e a primeira faúlta pudesse communicar ás coisas uma conflagração geral. Vencendo, pois, o meu embaraço, do Thesoiro, para onde segui, escrevi-lhe, logo após, algumas palavras commovidas, encarecendo-lhe os effeitos incomparaveis da misericórdia nas occasiões supremas. Ao volver, sobretarde, a elle, fui acolhido com a amabilidade destas phrases, indeleveis na minha memoria; «Cumpriram-se as suas ordens; telegraphiei, contramandando a execução dos officiaes.» Estava expansivo. Na varonilidade do rosto lhe brincava o sorriso do bem, e se espelhava o contentamento da piedade. Descobri de relance o intimo do heroe, a sua magnanima personalidade, feita de denodo e clemencia. Nunca mais vi desdizer do typo excelso e bom, quealli se me representou, o fundador da Republica, o unico digno de tal nome, a despeito dos fabricantes de lendas.

E se'l mondo sapesse'l cuor ch'egli ebbe

 Assai lo loda, e più lo loderebbe. (1)

Não sei, não quiz saber, de quem foram as vidas salvas, por essa intercessão minha, do fuzil imminente. De amigos? De inimigos? Ignoro. Perante mim todos tem o mesmo direito a não morrer senão por acto divino. Mas, de cada vez que por sobre a cabeça me passa a violencia, rugindo ameaças sinistras, tenho a consolação de olhar para o fundo de minha consciencia, e ouvir elevar-se della esta prece em duas palavras: «Senhor, eu não matei.»

Deixai-me narrar-vos outro factó. Era aos 24 de maio de 1890. Faz hoje precisamente sete annos. Voltavamos da Escola Militar, onde tinhamos assistido a uma

(1) DANTE: *Paradiso*, VI.

brilhante festa de armas. Emquanto se desdobrava aos meus olhos, nos torneios do vigor e da agilidade, o espectáculo da arte educando a guerra, amadurecia rapidamente em mim a inspiração de enlaçar ás glorias daquella data um festão sempre-vivo de paz dadivosa. Calado, ao chegar á casa, lavrei um decreto, outorgando á Irmandade da Cruz dos Militares a isenção completa da decima predial, e no mesmo ponto o remetti, por um empregado de meu gabinete, ao chefe do Estado. Era o meio perpetuo de beneficiar, no seio do exercito, a viuvez e a orphandade. Devolveu-me o marechal o autographo, que se recusava a firmar, allegando o risco de um favor, a que outras confrarias poderiam aspirar, estribadas no precedente. Não me conorimei, e acto continuo fiz tornar o portador (cujo testemunho poderia invocar), resolvendo a objecção, e insistindo pela assignatura. A duvida honrava a equidade do impugnante; mas não procedia. Aquella aggregriação pia tem, no paiz, uma situação singular: é a caridade estendida em commum á pobreza das familias militares enlutadas pela morte de seus chefes; é, nessa obra pia, um prestadio auxiliar do Thesoiro. Satisfeito de poder praticar mais uma acção boa, o marechal Deodoro subcreveu a concessão, por que eu me empenhava. Posso morrer, pois; mas o meu pensamento não fallecerá. Onde houver um filho, uma viuva, uma irmã, na casa orphanada de um bravo, sobreviverá sempre uma réstea do meu coração, um raio da minha previdencia, acariciando a innocencia das creanças e a tristeza das mãis. No bem, que umas e outras receberem, alguma coisa fallará de mim, pelo menos ao Deus que não esquece, reflectindo-se em um pouco de misericordia para os herdeiros do meu nome e a companheira de minha vida.

Digam agora os que conhecerem a sensibilidade do soldado, profunda na dedicacão e nas paixões do culto

domestico, se do exercito brasileiro poderia jámais romper contra mim um grito de morte

Ha, porém, ao que se diz, na minha existencia, crimes nefandos, relapsias imperdoaveis, ante as quaes todo o bem, que nella houver, desaparece: defendi os proscriptos de 1892 e os amnistados de 1895. Por esses dois attentados me infernei para sempre. Mas, senhores, na minha defesa aos espoliados de 1892 e aos opprimidos de 1885, não ha nada, que o exercito não applaudisse em 1889, e que em 1889 não fosse invocado por mim como a salvação do exercito. Outros foram os pleiteantes; mas a causa era absolutamente a mesma. Chamavam-se, em 1889, Carolino e Mallet; chamam-se, em 1891, Almeida Barreto e Wandenkolk; em 1895, Mello, ou Alexandrino. Eram dois, ou tres, em 1889. Foram 29 em 1892. São umas poucas de dezenas em 1895.

O que eu sustentava contra o imperio, é que «os direitos da farda, as fórmas protectoras de sua honra, os principios tutelares de sua justiça são intangíveis ainda ao arbitrio dos soberanos». «O imperador quasi absoluto de Allemanha», dizia eu, «pode mobilizar a nação em armas, transportar exercitos, movel-os ao seu aceno, expôl-os á destruição nos combates; mas não pôde offender ao de leve, no seu estado juridico, nas defesas legaes do seu direito, o ultimo dos soldados.» E, applicando á especie em questão, concluia: «Um official soffre, por ordem de um ministro, sem fôro sobre elle, censura e prisão. Quer justificar-se. A lei assegura-lhe os meios; a lei não consente a nenhuma auctoridade humana o direito de retirar-lh'os; a lei não reconhece nem aos generalissimos a attribuição de negar-lhe a syndicançia judicial das culpas irrogadas em apoio do stygma, com que o maculáram; mas o ministro não quer, e basta! A vingar impunne este precedente, teremos abolido, no código militar do paiz, o direito de defesa: de ora em diante ficará sendo objecto de mercê e clemencia real.

Quer dizer: a liberdade e a honra do official brasileiro passarão a ser propriedade do arbitrio do governo. Um decreto de opprobrio, fulminado por este contra o militar, não deixará recurso ao infamado, contra o vilipendio que lhe impuzeram. Será fatidico e irrevogavel como o destino.» E, de deducção em deducção, «pelo attentado contra o tenente Carolino», rematava eu, «o conselheiro da corôa, que o praticou, adquirio jus ao banco dos réos.»

Assim me enunciava eu, sob a constituição imperial. A constituição republicana ampliou os direitos á classe armada, affiançando-lhe novas garantias, entre as quaes a da perpetuidade dos postos e patentes. Cotejai agora as duas hypotheses. Consistia a violencia de 1889 na denegação do conselho de guerra a um tenente. Em 1892, sem a menor apparencia de processo, um feixe de reformas arbitrarías cae sobre o exercito e a armada, reduzindo, entre outras muitas espoliações, á inactividade treze generaes. Mais. Em 1895, sob o mentido nome de amnistia, dezenas de officiaes de todas as patentes, sem a minima figura de juizo, militar, ou civil, condemnados sem sentença que os condemne, curtem dois annos de desfalque e preterição, dois annos subtrahidos á sua carreira, ao seu futuro, aos seus direitos. De modo que, no incidente Carolino, mera expiação disciplinar de alguns dias, como no do general Mallet, simples exoneração, a bem do serviço publico, de um cargo de confiança, a omissão do conselho de guerra determinava um caso legitimo de accusação dos ministros, sublevação da força armada e destruição das instituições constitucionaes. Agora, em 1892 e 1895, quando governo e congresso calcam aos pés, nas mais altas patentes do exercito e da marinha, todos os direitos constitucionaes do elemento militar, sem a menor sombra de fórmias judicarias, os amigos da ordem, os amigos do exercito, os amigos da tradição republicana passam a ser os panegyristas do arbitrio colossal, emquanto aquelle que, em nome dos

principios de 1889, se oppõe logicamente á reedição multipla, ampliativa, gigantesca das oppressões de 1889, é quem trae, é quem sophisma, é quem deserta.

Senhores, esta inversão do senso commum é irrisoria demais, para admittir exame, ainda sob o látego da ironia; e, se ha, para a intelligencia humana, regras de probidade, essa desprezível transposição do siso vulgar as desafia brutalmente.

O defensor do tenente Carolino e do coronel Mallet, se não era, em 1889, um vil especulador, tinha, em 1892 e 1895, cem vezes mais razão, para estar com as victimas de Cucuhy e da *reserva especial*. A violação era infinitamente mais grave nos dois ultimos casos que no primeiro. O meu procedimento, logo, não podia ser diverso. Nunca joguei com os principios, nunca os prostitui a interesses. E por isso escrevia em 1889, decertando pela Escola Militar com as armas da velha ensinança liberal, hoje tão mal vista: « Pouca importancia dão, em geral, os nossos publicistas ás *questões de principios*. Mas os principios são tudo. » Emquanto os meus compatriotas não crêem, sobre todos, este artigo maximo de fé, emquanto os principios forem apenas a mascarilha dos indifferentistas e a farpella dos ambiciosos no carnaval das opposições, a republica será um flagello de reivindicacões e desertacões alternativas até ao desmoronamento.

Querem, porém, tristes panegyristas do absolutismo que o acto da dictadura executiva em 1892 e o da dictadura legislativa em 1895 fossem medidas de salvacão, essenciaes á estabilidade da republica. Mas tão de pressa esqueceram que as postergacões do direito militar em 1889, preconizadas pelos cortezãos do terceiro reinado como indispensaveis á consolidacão da monarchia, foram justamente a causa immediata da sua quéda? Monarchista era eu a esse tempo. E não condemnei esses attentados em nome dos verdadeiros interesses da mo-

narchia? Não confirmou o futuro absolutamente os meus prognosticos? Por que hei de eu crer que os golpes de estado, dissolvendo imperios, solidifiquem democracias? E, se a corôa, em 1889, não era menos legitima do que a republica em 1897, como havia de tolerar eu, sob a segunda, attentados á lei militar, contra os quaes sob a primeira me revoltava?

Quando affirmo que o exercito brasileiro está por força commigo, nesta questão, como estava em 1889, é porque creio que a avidez o não invadio. Com a prisão do tenente Carolino e a demissão do coronel Mallet não lucrava ninguem. Com as reformas de 1896 deviam ganhar muitos. E' a unica distincção consideravel entre as duas hypotheses. Mas essa não podia alterar, na segunda, o horror, com que, na primeira, a força armada repellio o abuso. Quando, como no caso das preterições da amnistia e das reformas do estado de sitio, a transgressão da lei reveste o aspecto de premio offerecido ao interesse, de uma serie de vagas franqueadas ao governo para galardoar serviços politicos, ella introduz na esphera militar os incentivos mais oppostos á abnegação e á disciplina. E esse motivo accresce aos outros, mais poderoso que todos, para que a nação armada, melindravel acima de tudo nos pontos de honra, deteste a violencia ataviada de seducções. Não desmereci, pois, da estima, com que o exercito, em 1889, bebia a palavra do seu jornalista: dobrados titulos conquistei a ella.

Sei que ha contra mim, sob o uniforme, antipathias individuaes. Mas ellas não constituem o sentimento militar. Esse, profundamente o creio, não attentaria contra mim, nem engolfaria jámais a capital da republica em situações malditas como a de 8 de março. O réo não é o exercito: é a cabala de uma facção, ou a raiva de um grupo. A abantesma, cuja sombra dominou a metropole, e sobresaltou o paiz, era apenas a agigantação, pelo

mysterio, pelo medo e pela tibiez official, de um motim localizado. O avejão, que destruiu jornaes, amordaçou a imprensa, e quiz beber sangue, cabia em um trecho da rua do Ouvidor, entre duas das travessas que a cortam. Sua zona de operações dilatava-se da estatua de José Bonifacio á confeitaria Castellões. Seus crimes, suas machinações, suas ameaças poderiam cevar-se além; mas o nucleo da praga, o amago do mal, o coração do monstro estava alli, onde seria facil ás auctoridades jugular-o; porque esses heróes da paz não tempesteiam nas ruas, senão emquanto a ordem se refugia transida nos quarteis.

Quando o ministro da justiça, benemerito pela sua firmeza salvadora nessa crise do nosso desgoverno, sentindo fugirem-lhe das mãos os meios de acção prompta, arrostou em pessoa a sedição, o effeito instantaneo da sua presença, desassanhando miraculosamente a onda espumante, evidenciou que, se a repressão intervisse nos primeiros momentos, a capital da republica não se teria ensanguentado.

Não ha calumnia mais desatilada que a de attribuir ao exercito e ao povo façanhas de malfeitores celebres na chronica do cannibalismo politico, evitados pela execração publica e habituados a fazer gala das suas odiosas proezas. O exercito não assassina. Nenhuma opinião social quer a estrangulação ou o aviltamento da imprensa. Não ha uma classe da população fluminense, que commungue nesses factos abominaveis. Todas gemem indignadas, sob uma oppressão tanto menos explicavel, quanto mais insignificante é o valor do circulo que a exerce. Um rancho de facciosos, vociferando ultrages, provocações e sentenças capitaes, tumultua nas ruas. Precede-os o boato, malignamente derramado, arredando-lhes os estorvos. Segue-os o enxurro inconsciente dos elementos perversos, que a curiosidade, a maldade e a cobiça conglomeram sempre em torno do crime. Abriga-

os a indecisão do poder, a inercia da policia, a retracção das forças legaes, cuja promptidão inactiva nos quartéis dir-se-hia destinada antes a desobstruir o campo ás piaras armadas do que a organizar a reacção contra os seus excessos. E' assim que se reproduzem esses arremedilhos do Terror, sonhado por cerebros emfermiços e diffluentes, onde a utopia sanguinaria precede a epilepsia, ou a imbecili dade.

Não valiam nada em sua origem. O chefe da nação tem a seu lado a força, a massa compacta da sociedade, a opinião publica, e contra si apenas um punhado confuso de arruaceiros, animados pelo apoio secreto de ambições impotentes. Mas recua. E a população, vendo que lhe falta a acção tutelar das auctoridades constituídas, concentra-se, encerra-se, apavora-se, emigra. Deste modo abre-se o vasio, onde ha de doidejar o cháos, e nasce da deliquescencia do poder a soberania da desordem. Essa insalubridade moral, que vai tornando inhabitavel o Rio de Janeiro, que deu as mãos á febre amarella para espantar dalli a tranquillidade e o trabalho, que dest'arte, pela insegurança e pelo descredito, oppõe á reconstrucção das nossas finanças o mais poderoso de todos os obstaculos, e tísna, decompõe, malquista com a indole humana do povo brasileiro as instituições republicanas, reduz-se a uma questão policial, só de providencias policiaes dependente, e que a policia resolverá, quando seriamente o quizer. Mas, para que a policia a tal se abalançasse, necessario seria um governo, que a movesse. A falta de governo é a doença actual da republica. O nosso ainda não comprehendeu que, não esposando a agitação, nem sabendo vencel-a, ha de ser fatalmente engolido por ella.

Essa é sempre a primeira causa da tyrannia dos grupos violentos sobre a nação. Na França, em 1792, os jacobinos não chegavam a trezentos mil. E, comtudo, puderam estender sobre vinte e sete milhões de almas

«um despotismo mais absoluto que o dos soberanos asiaticos». E' que «a força», diz Taine, «não se mede pelo numero. Elles constituem uma quadrilha entre a multidão; e, no meio de uma agglomeração desorganizada, um bando decidido a tudo penetra a fundo como cunha de ferro em montão de farragem. Contra a usurpação no interior, assim como, no exterior, contra a conquista, uma nação não se defende senão pelo seu governo. Elle é o instrumento imprescindivel da acção commum. Em fallendo, a maioria, distrahida, irresoluta e frouxa em toda parte, cessa de ser corpo, e faz-se pó.»

Ora, senhores, um governo não é uma figura, ideal, ou humana: é um homem, no sentido pleno da expressão, ou um conjuncto de homens, que acreditem na inexpugnabilidade da lei; porque a lei, n'este paiz, nunca foi vencida, a não ser quando o governo a tinha abandonado, ou conspirava contra ella com os seus inimigos.

Tremenda responsabilidade a da administração, cujos sustos acoroçoam, pela impunidade e pelo espectáculo sobre todos miseravel da intimidação do elemento repressor, esses desregramentos homicidas. Em taes conjuncturas a inercia é mais do que cumplicidade; porque com as consciencias cheias de escrupulos e vazias de firmeza é que o punhal inconsciente dos máus conta para salvo-conducto das suas obras. A inacção da lei deixa abrir leito a essa vasa, que enxurda e remoinha pelas calçadas n'esses periodos de marasmo administrativo. E é a essas tempestades da lia irritada que a inimidade ou o calculo de empreiteiros de situações atira os nomes importunos ao bom exito dos seus interesses. Altos planos encontram dest'arte execução summaria: removem-se candidaturas, previnem-se encalhes parlamentares, simplificam-se difficuldades eleitoraes, atalham-se dissidencias temerosas, e solidam-se chefias combalidas, empalmando adversarios receiados. Ardua fôra a empreza, na imprensa, ou na tribuna. Ahí não se leva a melhor sem

talento, idéas, moralidade. Mas inuteis são todas essas prendas ao adversario superior, ou contra elle conspiram, na tactica de surpresas desalmadas, em que aos mais baixos toca a vantagem,

e um Marcel diventa
Ogni villan, che parteggiando viene. (1)

Notai que na esdruxula concepção do holocausto civil á derrota militar de Canudos a minha pessoa não figurou sósinha. Commigo avultava, sacudido no escarcéo de noticias ferozes, o illustre representante da Bahia, que desde 1896 preside a camara triennial, precito por não haver adivinhado a necessidade de um exercito, para debellar as forças de Antonio Maciel. Mas o maior responsavel pelo desastre era o governador da Bahia, cuja deposição, anhelada pelos patriotas, que felizmente não encontraram apoio no governo federal, foi, por muitos dias, objecto de prognosticos, apprehensões e esperanças. Como se a propria lição dos ultimos successos não estivesse mostrando os recursos inextinguiveis de um estado poderoso e vasto, para defender contra despotas caricatos a sua constituição e o seu governo. Por cumulo, emfim, a Bahia inteira se vio empadroar na lista negra, entre os suspeitos de monarchismo e connivencia com os miseraveis que a infestam. Como se a sua augusta grandeza pudesse baixar a ré no tribunal das arruaças, e se aquella, que esteve sempre na vanguarda intellectual do paiz, houvesse de illustrar-se em democracia com os tragamoiros de um republicanismo fossilizado nas imagens do Terror. Que fio poderia ensartar nos tristes destinos de Canudos essas quatro responsabilidades? Não se enxerga senão um, que a cerrada urdidura das coincidencias está evidenciando. O meu crime são os noventa e dois mil votos bahianos, que me

(1) DANTE, *Purgatorio*.

elegeram; o da Bahia é ter-m'os dado; o do seu governador, não n'os haver impedido; o do dr. Arthur Rios, resistir, com a representação bahiana, á manobra, que m'os devia obstar.

Eis a razão. Vejamos agora os pretextos. Porque, senhores, havia de ser eu encambulhado no caldeirão patriótico dos despiques de Canudos? No juizo de uns, por já não ser republicano. No de outros, por ser peor que monarchista. E por que teria decahido eu da matricula republicana? Bem conheço esse jogo. E' o mesmo, por cujas artes os amigos do abuso, na monarchia, me increpavam de fomentar a republica, a que serviam efficazmente, canonizando os erros da corôa.

Tanto que um regimen entra a resvalar pela descambada dos excessos, quem quer que não concorra, para lhe acelerar o despenhamento, logo lhe desmerece dos fóros de amigo. Quando a revolução franceza se desassisou no jacobinismo, a pecha de moderação, que a principio decapitára os girondinos, acabou por exterminar os proprios terroristas. Em 1793 até a constituição ultraradical de Condorcet, que entregava á eleição popular todos os cargos, inclusive os da magistratura, foi encarada pelos jacobinos como criação anti-revolucionaria e realista. Para evitar, n'essas quadras pathologicas, o risco de suspeição, é necessario não hesitar até Marat.

Bem sabeis que nunca me emplumei com as honras de historico entre os republicanos. Tocqueville ensinou-me o que eram, em França, os republicanos historicos, a quem o profundo pensador político attribue *les bêtises* da republica de 1848; e no Brasil, desde que um conde do imperio se me apresentou, em 17 de novembro de 1889, como «republicano de todos os tempos», fiquei avaliando a presteza, com que os reis d'armas da democracia podem esquartelar brazões de alta antiguidade. Velho liberal, defendi a liberdade contra o imperio, que, por isso, me qualificava de republicano. Hoje a repu-

blica, pela mesma razão, me encoima de monarchista. E' que ambos os regimens se divorciaram da liberdade, e o segundo não quiz reconhecer na catastrophe do outro a necessidade vital daquella companheira.

Não tenho escudos na heraldica republicana. Mas, se a republica é a liberdade realizada, com a minha intransigencia immalleavel pela realidade liberal sob a monarchia, fiz jus, na historia das origens da republica, a um lugar, que não me amesquinha no confronto com os republicanos historicos. Deante desses me cabe sobre muitos a vantagem de haver sido experimentado pelas seducções do imperio, que não me alliciaram. A corôa offercia-me uma pasta de ministro, com o lugar de senador em segundo plano. Resisti ás duas tentações. Não posso dizer quantos historicos se souberam forrar á insinuação penetrante do imperador. Sei que muitos não lhe engeitaram as mercês, e outros não vieram a ser luciferarios na procissão republicana senão por desgostos pessoaes com o monarcha. Eu não troco essa procedencia pelo meu papel no *Diario de Noticias* e a minha parte na constituição do novo regimen.

Ouvindo-me arguir de incorrecção republicana pelos entusiastas da republica verbal, occorrem-me ás vezes as palavras de Gouverneur Morris á Barnave em 1891. Depois de escutar por mais de uma hora a rhetorica revolucionaria do celebre girondino, o ministro americano respondeu fleugmaticamente ao fogoso francez, empenhado em lhe saber a opinião sobre o que acabava de ouvir: « O que eu penso, é que sois muito mais republicano do que eu. » Na exaltação reinante entre nós essa resposta equivaleria, talvez, a uma confissão de monarchismo. Mas devéras, senhores, a não ser com o desdem dessa phrase na sua fria polidez, não sei como redarguir calmamente aos que enxergam abjuração das idéas republicanas na minha declaração de que « não idolatro fórmulas de governo. »

Na época, senhores, de que eu venho, de onde vem commigo a nação, ainda o paiz se não sobresaturára tanto de sciencia, que escusasse a manutenção do ensino superior, nem a infallibilidade politica accendera taes lumaréos entre governos e legisladores, que nas mais altas espheras da instrucção publica se recebesse como crime de lesa-magestade a critica de projectos obscurantistas incompatíveis com a educação nacional na sua expressão mais elevada. Não andavamos de rastos sob a sophomania de uma seita, nem nos viamos inundar nas maravilhas da cultura instantanea por essas myriades de semi-doutos, que hoje nos constellam o presente e o futuro. Mas naquelles nucleos laboriosos, onde se formou o que ainda resta de capaz nos homens que hoje nos governam, e onde os antigos republicanos se habilitaram, para julgar e condemnar a realza pelo criterio do direito violado, nunca se sonhou, ainda entrê os mais exaltados radicaes, que as instituições valessem, ou desvalessem, não pela essencia, mas pela exterioridade. Se o Brasil tivesse obtido a liberdade ingleza, só refinados monomaniacos, ou pernotticos enxovedos aspirariam á republica no Brasil. Se o Brasil se atrophiasse sob a republica paraguaya, só cretinos lhe não prefeririam a monarchia livre.

Os nossos velhos mestres, os cultos pensadores, os solidos publicistas, a cujo ensino maturaram tantas gerações intellectuaes, inculcando-nos, com a raiz da sciencia das constituições, a noção trivial de que os governos se quilatam pela substancia, não pela fôrma, longe estavam de suppor as tribulações, a que por essa heresia me fadavam. Para me reconciliar com o purismo indigena, se ainda fora tempo, conviria que eu, retractando-me, rezasse agora, pelo novo breviario, mais ou menos assim: «Coisa somenos é, na republica, a sua verdade: o que a faz, é o nome, os paramentos, a musica da festa. Nisso é que consiste a lei e os pro-

phetas, o sacerdocio e a presença real, o leccionario dos santos e a essencia da fé. Chama-te republica, e eu te idolatrarei, sejas embora a republica de Athenas, ou a de Haiti, a da Suissa, ou a de Honduras, a de Washington, ou a de Porphirio Diaz, a da America do Norte, ou a do Paraguay. Em vez de uma rainha Victoria, ou um Leopoldo I, dê-nos o Senhor um Francia, um Rosas, ou um Lopez: isso nos basta, para que sejas o meu idolo, e eu te adore, comtanto que de republica não percas o appellido.»

Em verdade, senhores, não sabem o que fazem aquelles, cuja pobreza de espirito julga promover deste modo o interesse republicano. Já me não admira o estado mental da revolução franceza, quando os Héberts faziam carga aos girondinos da sua vantagem sobre «os defensores dos direitos do povo» em saber ler e escrever. Seria necessario extinguir em uma nacionalidade o derradeiro clarão de entendimento, para lhe arrancar o assenso a essa formula extrema da abdicação intellectual perante o captiveiro politico.

Eu não idolatro fórmãs de governo; porque não devo idolatrar nada. Adoro a Deus, e, dentre as creações humanas, amo as sãs, as uteis, as verazes. A revolução franceza fez da razão idolo, sob a imagem viva da cidadã Maillard, uma estrella da Opera, acclamou Deus a liberdade pela bocca de Lacroix, e, pela de Anacharsis Clootz, erigiu o povo em Deus. Eram tres deuses, offerecidos pelo jacobinismo á idolatria da França. Mas os insensatos, cuja loucura se expunha nesse espectaculo á commiseração do mundo, tinham perdido a razão, da liberdade não conservavam nas instituições nem resquicio, e sob o nome de democracia esmagavam o povo com a mais pavorosa organização do absolutismo, que jamais horrorizou a historia. A breve trecho, pela idolatria da razão, da liberdade e do povo, chegaram á demonolatria de Marat,

cujo coração homicida os puros daquella época se indignaram de que um apologista mystico rebaixasse á irmanação com o do Christo naquella blasphema prece: *Cor Jesu et Marat, ora pro nobis.*

Eu quero a razão nos seus direitos, nos seus direitos o povo, e, pairando acima de ambos, a liberdade, garantia commum. Não admitto a idolatria da razão, a do povo, nem a da liberdade; porque a razão é fallivel, o povo humano e a liberdade contingente.

Impôr a republica pela sua fôrma, em lugar de recommendal-a pelo valor das suas utilidades, seria entronizar na política a superstição. As fôrmas, que não corresponderem ao espirito, á acção viva, á existencia interior, são mascaras de impostura. A republica é a democracia e a liberdade na lei. Logo que a fôrma viola a justiça, opprime o individuo, ou falseia o voto da nação, a republica está em contradicção comsigo mesma. O culto, que lhe reclamam, seria então o dos falsos deuses. E idolatria, senhores, não quer dizer outra coisa: religião da mentira, idiotice do religionario. Só as más republicas a podem ter. A republica verdadeira não quer fanatismos: contenta-se com a devoção reflectida e o entusiasmo intelligente de servidores austeros, francos, intementes no remedio e na censura. Dessa especie sou eu republicano. Quero a republica justa, a republica livre, a republica popular. Não sacrifico a substancia á fôrma: faço questão de harmonizar uma com a outra.

Bem mostram sentir os pregadores da idolatria republicana que a republica da sua predilecção não tolera a critica de um povo assizado.

Essa idolatria acaba em *idolatria*: no culto da degeneração republicana, tributado por ella a si propria. O idolo não é a republica, incensada pelos republicanos: é a tyrannia radical, occupando os altares, e adorando-se a si mesma. Pretendem por esta doutrina assegurar eternidade á republica. E' a mesma illusão dos seus antepassados em demagogia, os parizienses de 1793. Elles

tinham superexaggerado a superstição servil do culto exterior pela republica até á decretação de um « ritual republicano ». Nesse documento pomposo David, o artista das cerimoniaes vãs da liturgia jacobina, escreveu, em nome da Convenção: « A Republica é eterna. » Pouco tardou, porém, que essa eternidade expirasse na reacção de Thermidor, primeira legataria da herança do nune desthronado, cujo acervo, de dictadura em dictadura, successivamente passou ao directorio, ao consulado, ao imperio, á realza restaurada.

Ahi tendes como acabam pela idolatria as republicas entregues ao fanatismo.

Eu quero que a republica se enraize, e por isso tenho diligenciado approximal-a da liberdade e da justiça. Só o bem, neste mundo, é duravel, e o bem, politicamente, é todo justiça e liberdade, fórmulas soberanas da auctoridade e do direito, da intelligencia e do progresso. Se eu tivesse voltado á monarchia, não hesitaria em confessal-o. Mas então minha vida politica estaria encerrada para sempre. Minhas mãos não se levantariam contra a republica, em cuja fundação labutei. Minha actividade não tornaria a servir o imperio, cujo decreto de deposição subscrevi. Fui eu quem primeiro pronunciou o dilemma: republica, ou anarchia. Continuo a crer nelle. E é justamente por não vêr regresso possivel á monarchia, mas não querer tambem contribuir para a anarchia, é por isso exactamente que me opponho á idolatria republicana, convencido, como estou, de que, se a republica se tem de cimentar, será pela tolerancia e pela censura, pela opposição e pela reforma.

Minhas culpas são, porém, ainda mais feias que a de monarchismo. « Peior que monarchista » é a minha nota.—« Assassinado o Ruy Barbosa, porque? » perguntava o marechal Almeida Barreto a um alto funcionario ministerial.—« Porque foi o advogado dos revoltosos ». Eis ahi. Sou o inimigo mais fatal desta democracia

porque tenho sido o patrono infatigavel dos perseguidos. Esta maneira de accusar-me, bem vêdes, fulmina a republica, e não a mim, identificando a republica á perseguição. E' singular a persistencia, com que o jacobinismo, através de seculos, se repete nos seus sestros. Todos os homens, que, em 1793, tinham a coragem de votar-se ao regimen da lei, eram insimulados pelos clubs como «os peiores inimigos da constituição e da liberdade.» «Fallando constantemente na lei, esquecem que a lei é o povo, e o povo somos nós», diziam os apandilhados na seita. A theoria demagogica, em França, era a da democracia atheniense, moldada na idéa do estado omnipotente, mas com a differença de substituir o povo pela facção dominante, a nação pelos clubs. Nossas origens constitucionaes, porém, senhores, não se acham nas antigas democracias prechristãs, que diluiam o individuo no estado, nem na democracia anti-christã do seculo dezoito, que resumia o povo nos bandos facciosos. De onde a constituição brasileira procede, é das constituições americanas, cuja estirpe reside nos longes immemoriaes da liberdade ingleza; e nessas constituições a soberania popular tem o seu correctivo necessario nas declarações de direitos e na supremacia da lei, obtida mediante uma orgnnização da justiça, que as republicas europeas não conheceram. O saxonio dizia: *Rex sub lege*. O americano diria: *Populus sub lege*. A lei, sanccionada pelo soberano, limitava a corôa. A lei, feita pelo povo, modera a democracia. Não pôde haver duas coisas mais radicalmente oppostas do que o nosso regimen, o producto anglo-americano, e o outro, o artefacto francez da escola jacobina. Um hypertrophia a auctoridade popular até á omnipotencia, para a encenrar e encarnar na facção governante. O outro, reservando effectivamente o governo á opinião publica, aos proprios excessos desta oppõe barreiras insuperaveis nas garantias do direito individual.

O inaudito enxerto da demagogia franceza na democracia americana ensaiado pelos nossos radicaes é uma absurda tentativa de hybridismo, cujo resultado impreterivel seria a eliminação do factor constitucional pelo elemento intrusivo e subversor. D'ahi a aversão jacobina ao impulso que tenho lidado por imprimir á praxe republicana. Para medir, porém, todo o alcance deste antagonismo, cumpre ter em vista que, emquanto o constitucionalismo americano exprime uma regra juridica, a saber, uma theoria de legalidade, o jacobinismo constitue um partido, a saber, a organização de um interesse. Se o radicalismo revolucionario advoga para o povo uma especie de omnipotencia divina, é subentendendo sempre a condição de que a dictadura popular se immobilizará no gremio dos ultras, assegurados no monopolio do governo pela manipulação do systema representativo, pela impotencia da justiça e pelo sobrecellente dos golpes de estado. Bem comprehendéis qual a republica, a que a minha influencia poderia ser fatal: essa, a republica do privilegio jacobino.

A minha orientação, desde que abri a bocca, e empunhei a penna, ainda terceirannista de direito, me impossibilitava de alistar-me em tal bandeira. Isolei-me, sob a monarchia, de ambos os partidos, por fazer questão de reformas, que ambos na opposição promettiam, e nenhum no poder effectuava. Na republica está parecendo que nos tencionam reduzir á mesma comedia, com uma differença: a existencia de um só partido, já notavel pela mesma facilidade nos compromissos e a mesma esterilidade nas obras; com outra differença ainda: a de que, no outro regimen, os excessos partidarios eram alternativamente cohibidos pelo instincto de conservação de um throno consciente da sua fraqueza; com esta differença, emfim: a de que a purpura do poder ainda não se entecia em sangue nas ruas do Rio de Janeiro. Ellas então não se empennavam com tantos

nomes de heróes; mas, em compensação, não estavam pedindo as cruces expiatorias, que semeam, entre nós, as estradas ermas do sertão.

Não variei de character, senhores, com o passar de um para outro regimen. Não abjurei, aos 15 e novembro, o amor da liberdade, pelo qual renunciára, sob o imperio, interesses e grandezas. Inabalavel, por isso, nas minhas convicções primitivas, causa do meu assentimento á revolução, fiz da honra da republica a minha propria honra, contrariando as imprevidencias e os conluios, as ignorancias e ambições, que, a pretexto de falsos interesses, lhe tem querido burlar os compromissos, na fé dos quaes, a nação, ha quatro annos, sobespera a liberdade. Accuzem-me, pois, embora de infiel á republica, se actualmente o amor da republica « não é mais que um grito de inimizade e violencia; se consiste em suscitar catastrophes, e applaudil-as, em não pôr cobro á anarchia, só aos facciosos propicia, nem fazer selecção nos meios de adquirir a liberdade; se consiste em desconhecer todos os principios, e minar lance a lance a propria constituição, em turbar a ordem publica, a segurança, a liberdade individual, a titulo de vigilancia e zelo civico, em constituir um tremendo estado de guerra entre os fracos e os fortes, em punir por suspeitas, em provocar renascentes insurreições por causa de sombras, em converter a soberania do povo num despotismo illimitado. »

Nunca a minha critica aos governos republicanos armou a captar popularidade nas classes que meneam a força. Em 1892 ella requeria pelos proscriptos do estado de sitio contra a dictadura armada; em 1893, pelos sequestrados do incidente do Jupiter, brasileiros e estrangeiros, contra o arbitrio do calaboço sem processo; em 1895, pelos condemnados da amnistia, contra o regimen do castigo sem julgamento; em 1896, pela magistratura desvalida contra a prepotencia da aposentadoria

em massa, pelo magisterio espezinhadô contra as baionetas ministeriaes, pelo jury nullificado contra o despotismo comtista. Nem uma só vez appellei para as camadas agitaveis da sociedade, ou usei as armas dos agitadores: as predicas violentas, os *meetings* de sensação, a lisonja ás paixões inflammativas, a exploração dos malevolos, dos incultos, dos miseraveis. Foi no recinto sereno dos tribunaes que pleiteei, uma a uma, essas causas, cujas peripecias resvalam quasi todas entre as folhas silenciosas dos autos. O que scandaliza, portanto, a democracia brasileira no fim do seculo dezenove, em plena republica, é estrictamente a liberdade da palavra forense, esse officio sacerdotal do advogado, que, sob a monarchia de Luiz Felipe, abrigava o direito dos republicanos francezes na toga do legitimista Berryer, e, na medonha Napoles do rei Bomba, sob o mais infame dos governos absolutos, era, ultima voz da consciencia agonizante, desassombradamente exercitada, em defesa das victimas da tyrannia dos Bourbons, aos olhos attonitos de Gladstone.

Será, talvez, uma chimera do meu temperamento essa preocupação de incutir habitos da liberdade constitucional a uma nação degenerada pelo captiveiro. O captiveiro abolido continúa a viver entre nós pela sua infinita descendencia moral de vicios, de achaques, de crimes, e será por muito tempo ainda a chave de todas as nossas miserias. A escravidão, que as republicas hespanholas tiveram, em relação a nós, a vantagem de sacudir com a dependencia colonial, sellou a nossa indole nacional com stygmas profundos; e era a sabedoria que fallava pela bocca de Euripides, ensinando-nos, desde a Grecia longinqua, que, «quando nos alicerces de uma raça não ha solidez, desditosa tem de ser necessariamente a sua prole». Mas o grato devaneio, o sonho pertinaz da transfusão da liberdade nas veias de uma raça empobrecida não é peccado senão da minha sinceridade, do feito

moral do meu character : tem sua origem nessas entranhas da alma, que a vontade da creatura não domina. Um invencivel horror á violencia, uma sêde insaciavel de justiça constitue o fundo de minha indole, e têm modelado irresistivelmente a minha vida inteira. Sympathizei sempre com os fracos, respeitei sempre os vencidos, patrocinei sempre os oppressos. Minha estréa na tribuna popular, ainda estudante, foi a defesa do escravo contra o senhor. Era em S. Paulo, dois annos antes da lei Rio Branco, no centro do territorio servil. Minha estréa na tribuna forense foi, aqui, na Bahia, a desaffronta da honra de uma innocente filha do povo contra a lascivia opulenta de um mandão. Minha estréa na tribuna parlamentar foi o patrocínio da eleição de um conservador contra o partido liberal, em que eu militava. E, ainda no estrangeiro, entre os soffrimentos e as desesperanças do exilio, minha primeira missiva á imprensa brasileira, minha primeira carta de Inglaterra, foi a defeza do capitão Dreyfus contra a opinião geral da França e da Europa. Dizem noticias recentes que o meu senso juridico não se enganou, e que o governo francez, melhor esclarecido, cogita na rehabilitação do official injustamente condemnado. Merecerei eu de veras a morte, por nutrir sentimentos taes? Servirei com elles, realmente, menos bem á republica do que os que a incompatibilizam com os homens dados assim á benevolencia e á equidade?

Se esse espirito de rectidão, sobresubstancial ás instituições livres, essencia da virtude republicana, animasse ligeiramente os que entre nós alardêam o privilegio de exemplifical-a, não teriamos assistido ao tresvario, que converteu Canudos em laboratorio da restauração e a fortuna de Antonio Maciel em motivo de perseguição contra monarchistas e republicanos, confundidos na mesma solidariedade com o fanatico cearense. A demagogia é sempre a mesma na sua credulidade e na sua

fereza, nos seus ardis e nos seus dislates. Nas allucinações da multidão atheniense abysmada em medo, obcessa das visões da traição, fulminando a cada momento sacrilegos e suspeitos, todas as demencias couberam, até a proscricção de Alcibiades, responsabilizado pelo trama perverso, que destruiu mysteriosamente, na cidade, os bustos de Mercurio. Mas nunca o jogo das paixões, cujo interesse se apascenta nessas crises de desorganização intellectual, foi mais rapidamente desmoralizado pelos factos do que agora, neste exemplo solemne da infelicidade das sentenças anonymas da colera, da decepção e do rancor.

Tamanha luz derramaram, em pouco tempo, as circumstancias, que o phrenesi deve ter cedido á vergonha entre os promotores dessa agitação facciosa. O secretario de Moreira Cesar já nos transmittio as suas ultimas phrases, energico protesto contra o esmorecimento, que lhe demudou o triumpho em revez. Os traços do lamentavel acontecimento, delineados, em correspondencia da Bahia para o *Jornal do Commercio*, por uma penna das mais insuspeitas, revelam na historia da expedição uma serie de erros militares e na retirada, que dizimou as forças legaes, «um desses panicos inexplicaveis», a cuja invasão, segundo Thucydides, «estão sujeitos os grandes exercitos»: essa coisa indescriptivel, «o terror de uma multidão», assombrosamente pintado por Homero na scena dos troyanos fugindo a Agamemnon. O cabo Roque teve de receber vivo as perpetuas, desfolhadas sobre o heroismo do seu trespasse no campo da honra pela imaginação dos patriotas. O jagunço da Bahia, preso, na capital federal, com a mala monarchica de Antonio Maciel, para uma respeitavel matrona paulista, acabou por se confessar simples victima boçal da esperteza dos jogadores da *trancinha*. O batelão raso de armas e munições, que o sopro subtil das conspirações imperiaes subtrahira, uma noite, no Rio de Janeiro, ao arsenal de marinha, volveu á tona d'agua,

com as munições e armas, no mesmo sitio onde o seu peso o sossobrara. O ridiculo aqui desfecharia em hilaridade, se não desaparecesse esmagado pela tristeza, em que se envolvem as contradicções desse remate com o tragico horror da epopéa esboçada pela evidencia dos fariscadores de traições.

A poesia e o civismo não recolheram de tudo aquillo mais que a admiração por alguns valentes, a piedade pelos trucidados e uma profunda emoção ante o destino do chefe, em cujos labios a morte suffocou o depoimento da verdade, tão necessario á justiça dos vivos. Nem ao menos foi dado a mãos christãs proteger-lhe os ultimos despojos. Quando considero no exemplo dessa morte inutil ás suas testemunhas, no espectáculo do cadaver de um vencedor sepultado em uma derrota immediata ao seu triumpho e perdido entre os inimigos, de balde me esforço por sondar nos seus caprichos a fortuna das armas, entro a scismar no poder daquella morte, se Deus a agitasse, entre os sobreviventes, nas mãos de um heróe, como bandeira de desforra, e, por associação de contrastes, me passa pela mente, nos longes da historia mais remota, ultima scena das guerras médicas, a ventura dos athenienses, no regresso de Chypre, quando o corpo de Cimon, transportado pelas suas tropas, «venceu duas vezes a Asia», destruindo um exercito, e batendo uma esquadra.

Essa insimulação estólida, que encarna em Antonio Maciel as reivindicacões do monarchismo, nunca se deu sequer ao trabalho de autorizar com a mais tenue sombra de prova o libello, cuja ferocidade se cevou em chammas e sangue. Ninguem logrou, até hoje, precisar o mais leve indicio de mescla restauradora nos successos de Canudos. Não ha um facto, um testemunho, uma apparencia concludente, ou suspeita. Tudo foram desconfianças de transcendente extravagancia, dessas em que só se entralha a immensa patetice da multidão.

superagitada nas convulsões da epilepsia collectiva, cujo estudo pertence hoje ao dominio da psychologia criminal. O monarchismo, que não soube salvar Saldanha da Gama no Rio da Prata, não iria atravessar as difficuldades infinitas do sertão, para se alliar á loucura de Antonio Maciel. Os poucos estadistas do Imperio fieis, na republica, á tradição imperial, os que a não sacrificaram ao industrialismo de certas conversões, ou não entraram lealmente na collaboração republicana, eram incapazes dessa idiotia. Por muito severos que queiramos ser com o seu erro, consequencia dolorosa, mas natural, de uma ferida incuravel, não nos será licito desconhecer-lhes o patriotismo, a dignidade, o senso commum, incconciliaveis com a hypothese de uma restauração assente na victoria de uma horda de mentecaptos e galés sobre a razão nacional. São nossos compatriotas e nossos semelhantes: têm direito, quando menos, a esse rudimento de justiça.

Canudos é apenas um accidente monstruoso das alluviões moraes do sertão: a truculencia das lutas primitivas, a rudeza dos instinctos agrestes, a credence da descultura analphabeta, o bandidismo predatorio do crime, a pugnacidade implacavel dos odios locais, a escoria promiscua do campo e da cidade, as fezes do ocio, da miseria, da tarimba e da penitenciaria; todos esses sedimentos organicos da anarchia, derivados, *de todos os pontos do Brasil*, para um estuario commum nos enseios longinquos do nosso interior e incubados alli, cerca de vinte annos, em tranquilla fermentescencia pela fascinação de um illuminado, pelo tresvario de uma allucinação supersticiosa. Essa formação anomala e ameaçadora, tolerada, graças á sua primitiva apparencia de innocente monomania religiosa, pela indulgencia brasileira, durante mais, talvez, de um vicennio, sob dois regimens successivos, devia naturalmente resultar em um phenomeno desusado e fatal.

A extranheza dos que, sobremaravilhados, não com-

prehendem o character psychologico desse facto, ignora o poder incomparavel do fanatismo sobre a credulidade das populações ruraes, esquece a accessibilidade infantil da especie humana, em toda parte, ás suggestões do sobrenatural, explorado pelos fundadores de seitas. E os que desse caso se utilizam, para cunhar a invenção alvar de um trama politico, de uma reacção imperial, ou se devem inscrever na classe dos simplacheirões ludibriaveis pelas imposturas mais rasteiras, ou são victimas de um delirio mais perigoso que o dos adeptos de Antonio Maciel: o delirio de perseguição, que, sequestrado no individuo, conduz ás mais graves fórmulas da mania homicida, e, propagado aos povos, os inunda em catadupas de sangue. Nações das mais illustres esgotaram esforços, ainda neste seculo, durante gerações e gerações, contra a praga reproductiva do banditismo, do crime constituido em vastas communhões militantes, de indole sedentaria, ou erradia. Na Hespanha, na Italia, na Grecia medrou elle em organizações tremendas, que embebiam profundamente as raizes no seio das populações, e desafiavam com soberbia a força dos governos. A Inglaterra ainda não conseguiu vencer o fenianismo e a *boycottage* na Irlanda. Não quero fallar na Russia, onde as seitas desorganizadoras se multiplicam em manifestações inverosimeis.

Flagellos desses, podem experimental-os sem deshonra as nações mais civilizadas. O que não seria possível actualmente em nenhuma dellas, é o escandalo, a irresponsabilidade e a sobranceria do incendio e do homicidio, manejados como instrumento politico, numa grande capital, em face do governo.

Na effervescencia marcial determinada pelo infortunio de março, não sobrou tempo á nação brasileira, para exprimir a execração desses attentados. Dir-se-hia que o paiz inteiro se armava, para correr a Canudos. Era universal a disposição de pelear. Se me não en-

gano, chegou-se a fallar no concurso pessoal das duas camaras e do chefe do Estado, promptos a se incorporarem, para campear nas legiões vingadoras. Lembrou-me o dia, em que os commissarios das quarenta e oito secções de Paris aviltraram chamar ás armas a nação inteira, « para ir exterminar os despotas ». A Convenção decretou a leva em massa. Todos os francezes ficaram em requisição permanente. Mas a França tinha no coração o ferro da guerra civil e da invasão, arcava com a Europa inteira, e foi obrigada a lançar contra o inimigo estrangeiro quatorze exercitos. Eu me ensoberbeceria de ver levantar-se o Brasil todo, se nos ameaçasse um desses immensos perigos, que abalam a existencia dos estados. Mas nem no revez de Canudos, nem na sombra da restauração havia nada, que sériamente explicasse uma reacção nacional. O monarchismo, entre nós, é o pesadelo voluntario do espirito de perseguição. O desforço de Canudos é um problema simplesmente militar, para cuja solução deviamos contar recursos de sobra nos quadros da força armada. Era humilhante para o exercito estimular nas multidões uma crise hysterica, em vez de confiar n'elle. Muito grande é a patria brasileira, para estremecer deante de taes difficuldades. Figurando periclitantes a cada momento as instituições constitucionaes, o que faremos, é desprestigiá-las, em logar de servil-as.

Levantam-se em peso as nações, quando periga a sua honra, ou a sua existencia, para desoppressar da tyrannia intestina a sua liberdade, ou manter a sua independencia contra o inimigo estranho, não para bater hordas de faccinoras, ou desvairados. Contra esses sobeja o exercito e a milicia policial. Seria inexplicavel que, quando o nosso orçamento militar subiu ás proporções actuaes, um paiz, que se não teme de nações estrangeiras, e, descançando nas forças de terra, desorganizou a sua marinha, e abandona a defesa de suas costas, não disponha, ao menos, dos meios ordinarios de policia o

seu territorio, desinçando-o de uma colonia de bandidos.

Vive a nossa energia de paroxismos e collapsos. Dormimos largos somnos de indiferença, para acordar em excessos de phrenesi, ou terror. É, certamente, um dos mais soberbos espectaculos humanos o do patriotismo a se armar espontaneo para a guerra defensiva, e cobrir de legiões voluntarias a superficie de um paiz, cujas fronteiras estremecem á ameaça da invasão. Perigo maior que o das ambições estrangeiras, porém, cuja actividade ainda se não pronuncia contra nós, é fornecer ás ambições violentas, em uma época de retaliações politicas, o pretexto para se militarizarem sob o privilegio official; é semear, sob a apparencia de guarda ás instituições, os germens da guerra civil; é sobrepôr á defeza constitucional do paiz, confiada ao exercito, um enxame de organizações irregulares, entretidas em existencia extralegal por uma administração desfallecente, imprevidente e coacta.

Com a França, de onde tudo nos vem, bem podiamos aprender no que acabam as forças de patriotas, em tempos de demagogia. Accusados por um dos seus generaes, o cervejeiro Santerre, de fugir em multidão ao aspecto do inimigo, licenceados muitas vezes como «verdadeiro perigo para a população», denunciados por Biron, por Montesquieu, por Custines, por Carnot como «refinados bandidos», ferreteados pelo povo com o cognome de «heroes a 500 libras», infalliveis em se considerar *trahidos*, e despejar a cobardia em gritos de traição, quando levados a combate, os voluntarios do Terror perderam a Vendéa. Foi o exercito nacional, a velha tropa de linha, que a reconquistou; foi elle, não os voluntarios de 1792, quem venceu em Valmy, em Mayença, em Jemmapes, contendo os prussianos, rechassando para além-Rheno os colligados, forçando as portas da Belgica. Os voluntarios, entretanto (é o testemunho dos

generaes contemporaneos e dos historiadores militares), « sempre sob os protestos de um patriotismo de taverna », dispersavam em presença de forças « vinte vezes menores », desertavam em massa, « formavam bandos mais perigosos ao paiz do que ao inimigo », devastavam museus, collegios, bibliothecas, rapinavam em pilhagens de toda casta, vendiam as armas, a polvora, os sapatos, e não deixaram tranquilla a França, enquanto a Convenção os não amalgamou e dissolveu na vasta unidade militar das forças regulares, onde a politica cessou de absorvel-os, dividil-os, e corrompel-os.

Esse foi sempre o objecto exclusivo do « exercito revolucionario », constituído por aquelles bandos fraticidas, cuja bravura « não sahia das salas de reunião », cuja coragem « só se exercitava em victimas indefesas », e cuja fraternidade republicana se retratou na phrase de Boulanger, o seu soto-capitão: « Nós requisitamos uma guilhotina, que nos acompanhe sempre. » Senhora da capital e, pela capital, da republica, essa organização do patriotismo armado reproduziu, em 1792 e 1793, « a imagem da guarda pretoriana dos Cesares em Roma e da guarda turca dos kalifas em Bagdad ». Seu campo de actividade é o morticínio dos cidadãos inermes, a arena da sua intrepidez as cidades apavoradas. « Não davam ouvidos aos movimentos de um falso patriotismo », o que quer dizer que não pisaram a fronteira. Na capital é o seu posto: *juraram defender alli a liberdade*; d'alli não os arredarão, antes ou depois de setembro. Quando, ao cabo, depois de se terem feito pagar por todos os cofres e sob todos os pretextos, annuirem a deixar Paris, será para volver a Marselha, onde só operarão no interior e sobre adversarios politicos. Eis o futuro, que se aparelha, e o resultado, que se obtem, dando, com o alistamento de corpos irregulares para a defesa apparente da patria contra os cidadãos, instrumentos de guerra e existencia militar aos elementos aggressivos de uma facção.

Nada, portanto, me podia ser mais grato do que a attitudo isenta, viril, judiciosa da imprensa bahiana, do que a linguagem altiva, previdente, firme da classe operaria bahiana, declarando que a Bahia não estava no caso de aceitar ou tolerar a formação de batalhões patrióticos em outros estados, para restabelecerem a ordem publica no territorio deste. Por vossa bocca, operarios bahianos, fallaram as nossas tradições de valor, de força paciente, de brio tranquillo e resolutivo. Com uma palavra temperada e alta soffreastes o impeto do desrespeito. Deixastes ver que a calma desta população é a das superficies profundas. Por entre as agitações facticias de exploradores e explorados mantivestes o equilibrio do senso moral. Duchastes com uma nota de bom senso os excessos da nevropathia republicana. Dêstes o exemplo da reflexão no entusiasmo e da serenidade na repulsa das offensas. O demagogo atheniense não vos poderia chamar «espectadores de discursos e ouvintes de acções». Mostrastes que o vosso instincto politico é pratico, destemido e frugal: não se embriaga ás provocações, não se amedronta de visões, não se nutre em chimeras.

Aqui a fonte dos grandes sentimentos ainda borbo, limpida e crystalina, da matriz antiga. A mocidade aqui ainda é mocidade. Ha luz do futuro dealvando-lhe o horizonte amplo do pensamento. O manifesto, onde ella vinga a Bahia, desaffrontando «os verdadeiros amigos da republica», evidenciando a inopportunidade dos alaridos levianos, de rebate á patria, honrando a terra bahiana, «que se não deixou arrastar na corrente das injustas violencias em outros logares praticadas», envergonha os publicistas, os administradores, os homens de acção e responsabilidade, que por ahi cooperaram nos ultimos desregramentos. Senti, ouvindo-a nesse documento, senti crepitar viva debaixo da cinza a minha fé juvenil. Na sensata inexperiencia desses mancebos vi rutilar o genio dos antepassados, como se a longa claridade



do tempo, coada através das gerações, se reflectisse, concentrada por elles, na objectiva de uma lente diamantina. Jovens, fostes vós os estadistas, enquanto os homens de estado se fizeram creanças.

Meu amor pelos moços divinizava outr'ora a mocidade. Nada me parecia mais seductor, nos cantos de Homero, do que a encarnação da juventude heroica em Achilles, a força e a belleza olympicas na pessoa de um mortal. Mas nesse typo de graça viril, cujo segredo se perdeu na lyra dos aedas, «o orgulho da victoria se adumbrava na tristeza da morte vizinha». A consciencia do destino inevitavel ennuviava a alvorada humana. O odio, a vingança, a fatalidade levantavam e abysmavam entre duas catastrophes essas aparições Inminosas e melancholicas, a que a lenda se comprazia de entrelaçar a guerra, a mulher e o canto. Na juventude da especie a juventude do individuo, instrumento de predestinações violentas, avergava ao peso da necessidade inexoravel, da desproporção primitiva entre o homem e a natureza, entre os deveres e as paixões. Verdadeiramente semidivina só veiu a ser a mocidade, depois que, pela transfiguração christã e scientifica do homem, se fez alegria, generosidade e esperanza. Essa é a juventude na sua virgindade e no seu heroismo. Nessa é que eu me revejo, pai, christão e patriota.

Eu amo a mocidade na plenitude da sua pureza, como o firmamento na plenitude do seu azul. Dizem que o «atheniense laborioso e livre, só se corrompia na idade madura». O ser moço, «valia uma casa cheia de oiro»: não se trocava por «todas as riquezas asiaticas». «Cingida a fronte de loiros fructescentes, o mancebo era de si mesmo toda uma gloria. Respeitava-se essa inflorescencia: não se permitteria que «um infeliz» nublasse «a alegre juventude». E é com essa mocidade, enthusias-tica e enfeitçada, forte e submissa, é com esse soberbo batalhão sagrado que Pericles creou a sua Athenas,



«expansão magnífica de poder e moderação, isto é, de vontade». Surgiu depois o christianismo; e de Maria, do evangelho, da cruz expremeu na corolla radiante da vida, que desabotoa, uma essencia nova: a piedade, que preserva do egoismo os ditosos, do orgulho os robustos, da intolerancia os illustres. Desde então a alma das gerações juvenis sympathizou sempre com a equidade, com o soffrimento, com o desinteresse, com o perdão. Da sua limpida alacridade fez-se, para todas as grandes reivindicações humanas, um sorriso benevolo e perenne como a transparencia da saphira infinita, cuja doçura se espelha do céu nas aguas e nas almas.

Eu tive ao meu lado essa mocidade. Ella não seguia partidos, nem militava em facções: amava no universo a sciencia, no homem o bem, na patria o direito. Só se inflammava pela verdade, pela liberdade, pela humanidade. Discursos meus, imbuidos nas mesmas convicções e nos mesmos sentimentos que este, eram por ella mandados imprimir e encadernar em velludo como escriptorios de coisas preciosas. Guardo ainda as reliquias de uma época tão remota pela distancia moral, em que a juventude sem prevenções, apaixonada pela equidade e pela caridade, protectora dos pequenos, dos vencidos e dos oprimidos, inimiga da crueldade, entusiasta do talento, confiante na palavra, inaccessible ao interesse, crescia ao contacto das causas illibadas, vibrava ao sopro das aspirações santas. Muitas vezes depois não a tenho reconhecido. Mas não fui eu, foi o ideal dos meus amigos de outr'ora que mudou. Eu não troco a justiça pela soberba. Eu não deixo o direito pela força. Eu não esqueço a fraternidade pela intolerancia. Eu não substituo a fé pela superstição, a realidade pelo idolo. Posso dizer, como Pericles aos athenienses, após a derrota das suas armas na segunda invasão pelo ponia: «Eu de mim sou o mesmo homem que era, e estou onde estava. Vós é que mudastes.»

expansão mundial de poder e de influência, isto é, de
 "uma nova ordem mundial", a qual se manifesta
 de forma mais clara e mais evidente na vida
 econômica, de onde se originam as grandes revoluções
 que desdobram-se em sucessivas crises e períodos de
 expansão de enorme amplitude. É evidente que
 a luta entre as classes sociais é a luta entre as
 forças produtivas e as relações de produção, e
 que a luta entre as classes sociais é a luta entre
 o progresso e o retrocesso, entre a liberdade e
 a opressão, entre a justiça e a injustiça, entre
 a paz e a guerra, entre a vida e a morte, entre
 a luz e a escuridão, entre o bem e o mal, entre
 a verdade e a mentira, entre a vida eterna e a
 morte eterna.

É evidente que a luta entre as classes sociais é
 a luta entre a liberdade e a opressão, entre a
 justiça e a injustiça, entre a paz e a guerra,
 entre a vida e a morte, entre a luz e a escuridão,
 entre o bem e o mal, entre a verdade e a mentira,
 entre a vida eterna e a morte eterna. É evidente
 que a luta entre as classes sociais é a luta entre
 o progresso e o retrocesso, entre a liberdade e
 a opressão, entre a justiça e a injustiça, entre
 a paz e a guerra, entre a vida e a morte, entre
 a luz e a escuridão, entre o bem e o mal, entre
 a verdade e a mentira, entre a vida eterna e a
 morte eterna. É evidente que a luta entre as
 classes sociais é a luta entre a liberdade e a
 opressão, entre a justiça e a injustiça, entre a
 paz e a guerra, entre a vida e a morte, entre a
 luz e a escuridão, entre o bem e o mal, entre a
 verdade e a mentira, entre a vida eterna e a
 morte eterna.

Minhas senhoras, meus senhores.

O facto dominante na actualidade é a recrudescencia de esforços para estabelecer o regimen da força contra as idéas, do tumulto contra o direito.

Não ha, em todo o mundo, nestes dias, paiz civilizado, onde um homem possa correr perigo material pelas suas opiniões politicas. O semitismo, na Alemanha, é tractado segundo as leis, e, na Russia, não está sujeito ao arbitrio, senão porque neste consiste a substancia da constituição moscovita. O internacionalismo, o anarchismo, o nihilismo, os varios proselytismos dissolventes da ordem social expiam, na Europa na America, sempre de accordo com as fórmãs instituidas em protecção da consciencia e da defesa, a sua guerra systematica de crimes ás constituições mais livres. Não me indicareis, porém, centro policiado, onde um troço de furiosos possa destruir impunemente uma typographia, ou assassinar um editor. Menos ainda me nomeareis uma povoação urbanizada, entre a qual senadores, ou deputados

vejam ameaçada a sua pessoa, ou a sua vida, por causa das idéas, cuja popularidade os elegeu.

Sou constrangido a insistir; porque não se trata de conflictos ou desmanchos accidentaes. Os casos esporadicos prenunciam e preparam a endemia, cujos elementos se implantam e lavram nas camadas menos visiveis do organismo, até que o envolvam, e subjuguem. A apologia desses attentados está feita no silencio imposto á sua reprovação publica e nas escusas de enthusiasmo, indignação, correnteza patriotica, a que se recorreu, deshonrando o patriotismo, a indignação e o enthusiasmo, para assegurar aos delinquentes a impunidade; está feita, ainda, na descomposta nudez, com que se assoalha, nos grupos, nas conversas, nas vozerias, nos conchavos, a doutrina dessa adaptação politica da justiça de Lynch. Em ultima analyse, pois, a questão, que se acha proposta pelos recentes acontecimentos, entre os que preconizam na violencia a sublime necessidade da manutenção republicana e os que a stygmatisam como o delirio da incapacidade, está em saber se um partido tem o direito de espoliar e matar os seus antagonistas. O delicto castigado, na especie, a fogo e bala, seria meramente um delicto de tendencia, um delicto de opinião. Não se deram, em auxilio desta, factos illegaes; não houve sedição ou conjuração monarchista. Quando a houvesse, o correctivo estava nos tribunaes, na policia, na força de linha.

Se a revolta contra a legalidade excede esses limites, não é a multidão, é a nação, pelo exercicio dos seus poderes, ou sob o peso de sua massa, que ha de vencel-a; e, se a não vence, é que a maioria está com a idéa insurgente: a opinião fez-se revolução; a revolução, legitimidade. Ninguem, associação, ou partido, auctoridade, ou povo, ninguem a opiniões inermes tem o direito de oppôr outras armas que não as da contra-propaganda, as da resistencia moral.

O ajuntamento popular reúne-se, delibera pacifica-

mente, e representa. Além do *meeting* e da petição não lhe é lícito um passo. Dessas faculdades usámos nós outros livremente na monarchia, em época de intensa agitação social, comquanto as nossas assembléas constituíssem mólés de acção respeitaveis, verdadeiras forças; porque sobre ellas irradiava a eloquencia de grandes oradores. Sob a republica, em que essas liberdades cahiram quasi em desuso para o povo, e são de ordinario mal vistas, ou suspeitas, á auctoridade, a multidão, que não ouve, não discute, não raciocina, pretende julgar e condemnar, decretar e executar.

O terreno perdido pelo direito foi ganho pelo crime. A área, de que se enxotou a palavra, entregou-se ao motim. Insuspeito sou; porque á propaganda restauradora só devo, senhores, hostilidades. Meu nome, aqui e no exterior, foi o mais lacerado por ella. Mais do que contra ninguem se enviperavam contra mim as aggressões dos seus órgãos mais eminentes e dos seus agentes menos dignos. Contra a minha reputação cruzava indefesso o monarchismo os seus fogos com o comtismo, o florianismo, o jacobinismo.

Ainda ha poucos mezes, os seus periodicos, no Rio de Janeiro, reeditavam pressurosos das folhas radicaes as diatribes mais sanhosas contra a minha honra. Systematica no seu combate aos elementos republicanos, a opinião monarchista, entre nós, expia hoje a cooperação, com que serviu neste regimen ás facções violentas, ferindo sem treguas os espiritos moderados, confundindo-os, na mesma guerra, com os barbarizadores das novas instituições. Estadistas, que, á véspera da queda do throno, auguravam cincoenta annos de vida á coròe, no dia immediato á revolução não davam tres de duração á republica.

Irreconciliaveis assim, pela certeza da desforra, fizeram da abstenção e do pessimismo os dois principios da sua politica e da sua esperanza. Em todas as suas omissões e em todos os seus actos transparecia o mote do

«quanto peor, melhor», já usual nas digladias partidarias sob o outro regimen e, ha poucos mezes, abertamente confessado nos auditorios de um tribunal. Repetiam os monarchistas, no Brasil, o erro, que, em França, gerou a emigração, levou ao cadafalso Luiz XVI, e entregou a revolução ao radicalismo. Imaginavam que a desordem traria a ordem, e da anarchia reemergeria, vingado, o imperio, sem reflectir que certas anarchias acabam em dissolução, e a desordem nada origina senão desordem, se a maneja o exclusivismo de uma facção livre de todo contrapeso. Por esse modo não houve influencia, que mais ajudasse, entre nós, as paixões exaltadas. Faltou-lhe prudencia e longanimidade, depois de faltar-lhe providencia e justiça. Durante os derradeiros mezes da sua propaganda no Rio de Janeiro, sua linguagem se demandava a miude, excessiva e irritante. Para homens interessados na suppressão de um regimen novó, desequilibrado, propenso a extremos, a situação era de precauções e reservas. Mão de proeiro subtil, afortunado na mareagem, devia rotear-lhes o barco, sondando, capeando, presentindo as monções, evitando os surgidoiros desabrigados. Vimol-o, porém, varar quasi triumphante, descuidado da sonda, da costa e do gentio, como em mar fiel e terra dominada.

Na critica dos actos do governo em relação aos fanaticos de Canudos, especialmente, a vehemencia das suas increpações foi iniqua e descomedida. Não obstante essa propaganda era juridica, era constitucional. Quem tinha, neste paiz, o direito de impedir-a? Que se podia contrapôr licitamente ao jornalismo senão o jornalismo, ao talento senão o talento, á censura senão o revide? Cada crime theorizado decompõe-se em um infinito de sophismas, como cada putrefacção em myriades de miasmas. As monstruosidades de março foram honestadas em nome das exigencias da ordem. Era incontrastavel o vagalhão popular: atravessar-lhe obstaculos seria enfu-

rial-o, engrossal-o, arremessal-o, talvez, desvairado até ao cimo do poder. Ninguém sabe o que se salvaria, a se quererem salvar as victimas reclamadas «pela indignação nacional». Era tempo de acabar com a superstição de uns «tantos principios abstractos» (assim se menospresavam as fórmulas e direitos constitucionaes), empecilho impertinente á consolidação republicana. A nação adoptou as regras normaes para tempos ordinarios. Nas épocas de perigo geral a lei tem de ser a necessidade. Se o governo, infiel e somnarento, não sabe manejar-a, exercite a multidão, sobrevigiando, a dictadura providencial. Eis a moral regeneradora. E' com isso que se pensa em firmar republica, attrahir credito, restabelecer finanças, assegurar futuro. Bem dizia Diderot, senhores: «Com uma só idéa falsa póde correr-se o risco de ir ter á barbaria». Começando-se insensato, acaba-se atroz. Este codigo de selvageria é uma calumnia ao povo, cujos sentimentos repellem essas maximas sinistras.

O povo ama a paz e a familia, a segurança e a liberdade, a intelligencia e a justiça. O povo é o amigo fiel dos que discutem e produzem a luz, dos que pugnam pela humildade dos fracos, dos que arrostam a soberbia dos prepotentes. O povo vive de persuasão e esperança, benignidade e trabalho. Não é do seu seio que sae a *Mão Negra* das desforras anonymas. Não é ao seu lar que se abraçam os premiados da delação e da cobardia. Não é sob o seu tecto que se licencia a vaia publica, a prostituta das arruaças pusillanimes, embriagada no licor das sargetas. Quando a marafona dos dias de terror cruza a capa das suas aventuras, e vai esgançar a voz avinhada á porta dos jornaes, todos nós sabemos de onde sahio a mensageira do medo imbecil. Ninguém te toma pelo povo, ó michela privilegiada das orgias ao relento. Só os que não ouviram o leão e a hyena, poderiam confundir o cainhar dos teus latidos com a voz da consciencia nacional. A expressão della, a defesa da repu-

blica, está nas suas leis, que é indispensavelmente preciso observar, ainda quando forem o abrigo dos seus inimigos.

Quando as leis cessam de proteger os nossos adversarios, virtualmente cessam de proteger-nos. Porque a característica da lei está no amparar a fraqueza contra a força, a minoria contra a maioria, o direito contra o interesse, o principio contra a occasião. A lei desapareceu, logo que della dispõe a occasião, o interesse, a maioria, ou a força. Mas, se ha, sobre todos, um regimen, onde a lei não pôde ser vicissitudinaria, onde nenhuma conveniencia pôde abrir-lhe excepção á estabilidade, á impersonalidade, á imparcialidade, é o republicano. A republica é a lei em acção. Fóra da lei, pois, a republica está morta.

Quando as facções pretendem suspender a lei por amor das instituições republicanas, o seu sentido é trocar as instituições republicanas em puro dominio das facções. Houve em Paris, nos mais lobregos dias da grande revolução dementada pela hysteria revolucionaria, uma caterva de salteadores e crapulas, que se nomeou por excellencia a *Sociedade dos Defensores da Republica Una e Indivisivel*. Compunham essa associação monstruosa, alfobre de todos os crimes, vasadoiro de todas as fezes, os principaes magarefes das degollas de setembro. Eis o propugnaculo genuino das instituições republicanas, desde que a republica, adultera ao regimen legal, convolara ás nupcias da força, em busca da salvação. A associação congenere, que os argentinos conheciam pela alcunha de *Mashorca*, tambem se chamava officialmente a *Sociedade Popular Restauradora das Leis*. Sob o seu emblema, a espiga de milho, symbolo de união e fraternidade, ella chegou a apunhalar o presidente da representação nacional na sua cadeira, em sessão aberta da assembléa; e á logomachia da imprensa e dos decretos de Rosas pertence a honra de ter, por essa occa-

sião, precedido a nossa democracia nos melhores primores de estylo ultimamente esfolhados, no Rio de Janeiro, sobre os benemeritos de março, órgãos «da justa indignação das turbas, da exaltação do sentimento popular, da excitação propria desses momentos». Tão certo é estar a honra de todo regimen civilizado no culto da lei e no horror á violencia, que nenhum póde falsear esse voto, sem descer á infima degradação, onde se despe á porta o pudor, e se entra com a mesma indifferença para o sangue, ou para a lama. Foi sobretudo para os tempos extraordinarios que se armou o mecanismo da lei, enfreiadora commum do povo e do poder. Não assiste ás auctoridades prepostas ao serviço da ordem o arbitrio de facilitar satisfações criminosas a agglomerações amotinadas, para poupar ao governo difficuldades maiores.

Cada attentado, que, se tolera á desordem, é um novo alimento, que se lhe ministra. A fera não se desaffaz de devorar, devorando. Nas prezas menores se lhe aguça o appetite das maiores. Não reagindo em defesa dos particulares, o poder abandona a da sociedade. Não atalhando os delictos individuaes, semeia as sedições. Começa-se atacando a palavra no jornalista, para a violar mais tarde no representante do povo. Mata-se, para aterrar. Aterra-se, para callar a censura. Elimina-se a censura, para alluir a barreira aos excessos; e, entrando-se no torvelinho dos excessos, o unico paradeiro é o cháos. Destróe-se agora o jornal, para amanhã depôr o governo: Principia-se, abolindo a liberdade, para acabar supprimindo a auctoridade. Quando Tallien, acobertando os crimes de Rossignol, exclamava: «Que me importam algumas demasias particulares e a pilhagem de algumas casas aristocraticas!» a França estava submersa na anarchia, e os homens de estado acenavam ao diluvio, que havia de engolil-os. O governo, que não puder impedir um crime, salvar um direito violentado, uma vida em perigo, caia, luctando

por essa vida, abraçando-se com esse direito, seja embora o direito de um miseravel, ou a unidade de uma vida obscura. Desse sacrificio momentaneo do poder, mantendo a honra do seu posto, a auctoridade renascerá mais forte. Ninguem deu á sentinella o arbitrio do escapar á custa da praça. A praça não é o chefe da nação, nem os seus ministros: é a inviolabilidade da lei. Se deixardes immolar uma pessoa, contando salvar muitas, tereis trahido o interesse e alienado a confiança de todos.

Outr'ora a increpação de golpe de estado passava quasi como um stygma. Agora, sob o pretexto de salvação do estado, o novo regimen tem legitimado tudo. Um golpe de estado, em 1894, dissolveu o Congresso. Mezes depois a reacção constitucional, que vinha restabelecel-o, cobria o paiz de golpes de estado, fazendo por toda parte dispersar e depôr governos, congressos e magistraturas. Não seria necessario ser vate, para predizer, como eu predisse, que essa vereda era a da dictadura e a do absolutismo. Já muito antes de Christo eram inuteis os vaticinios de Solon, prevendo Pisistrato. A politica de 1892 continuou, em abril, a tradição dos golpes de estado. A de 1893 reforçou-a. A de 1894 levou-a ao apogeo. Não houve lei, que atravessasse incolume a procella. Não restou lei, a que se obedecesse. Não se cedeu ás civis, nem ás militares, ás da paz, ou ás da guerra, ás da nação, ou ás da humanidade.

A vida humana perdera de todo em todo o seu valor. A auctoridade só se affirmava por attentados. Era até então o intuito dos golpes de estado aferrar o poder, exercido exclusivamente por um partido. Logo que este se julgou menos bem representado no governo, a razão de estado baixou da esphera official para a das ruas. Tivemos, agora, em 8 de março, o primeiro golpe de estado da multidão. O alcance desse é incommensuravel; porque elle affirmou a irresponsabilidade do

assassinio politico, a suppressão moral da imprensa e a dictadura das sedições.

Sobrepondo, em uma sociedade organizada, senhores, ao principio da lei o da salvação publica, a escola da força desencadeia a maior das calamidades; porque acaba pela base com a auctoridade do direito. A razão de estado é o direito de revolução do poder contra o povo. As nações estabelecem a lei como o limite da obediencia devida aos governos, e os governos, pela razão de estado, se desatam da lei, para impôr ás nações a submissão illimitada. Todo o direito moderno estriba no principio da soberania nacional, fundamento commum das constituições contemporaneas. Esta soberania não se aliena senão pelo cesarismo, onde o dictador corcoado personaliza e substitue o povo. Fóra desse regimen a auctoridade politica, inabdicavel na sua plenitude original, é sempre uma delegação de poderes subordinados aos termos da carta, que os define. Admittir, portanto, aos poderes constitucionaes a discrição de transpôr esse limite, seja sob que pretexto fôr, será inverter o systema representativo, trocar a soberania da nação pela soberania do governo. Aquelle que exceptua na lei, é o verdadeiro legislador. Aquelle que dispensa na constituição, é de facto o poder constituinte. Onde, sob a invocação do interesse social, uma entidade exerce o arbitrio de transgredir a lei, e suspender a constituição a lei, a constituição é essa entidade suprema. A procuração, que não obriga o procurador a lhe respeitar as clausulas, não é instrumento de mandato, mas abdicação do mandante no mandatario, substituição do delegante pelo delegado, eliminação do committente pelo preposto.

Nunca se desenvolveu tão caracteristicamente como na revolução franceza a theoria da razão de estado. A «salvação publica» fez da historia daquelles tempos o sommatorio incommensuravel de todos os crimes. A ser

efficaz o systema, cuja legitimidade não se advoga senão pela efficacia das suas propriedades, as instituições republicanas deviam ter profundado na França, em 1793, alicerces eternos. Não tardou, porém, que a arma das suas iniquidades se voltasse contra ellas. A razão de estado passou facilmente das mãos da demagogia para as de Bonaparte. Foi em nome da preservação das instituições constitucionaes que a espada do vencedor da Italia as traspassou, no 18 brumario. Poz-se em circulação a nova persistente de um trama contra ellas. A republica supplicava, de braços estendidos, um salvador. Periclitava a patria. Esse pretexto bastou, para fazer o imperio. O golpe de estado napoleonico dissolveu á baioneta o corpo legislativo. Vinte e cinco, dos seus quinhentos membros dispersos, ficáram, para certificar que nada se perpetrara contra as fórmãs. E a obra da revolução desapareceu no mesmo sorvedoiro, onde successivamente se sepultaram as victimas e os auctores da tyrannia revolucionaria. Em nome da salvação da sociedade franceza se restabeleceu o Terror sobre os restos da Convenção violada, pouco antes instrumento docil do Terror. Em nome da salvação da sociedade franceza os ultimos restos do Terror acabaram sob os pés do cesarismo nascente. A revolução reeditára, de 1792 a 1793, o antigo regimen, as dragonadas, S. Bartholomeu. O consulado reproduziu a revolução, esmagando-a sob a conclusão tradicional do antigo regimen, esposada pela revolução: «a necessidade do absolutismo». Essa tendencia fatal não cessou de se reerguer, inculcando a salvação da sociedade, «arma de cabeceira de todos os que se sentiram movidos a subjugar a França». Se a republica, no Brasil, se acolher definitivamente a esse principio, quem a salvará?

Commodo é elle para os seus profitentes, quando estes detêm o poder, a que a razão de estado servio sempre de pretexto ondeante para a perpetuação dos que o ex-

ercem no mando supremo. Esse principio desconhece a necessidade das opposições, e acaba vedando-as sob pena de morte. No Brasil o precedente está firmado. Desta vez cahio sobre o monarchismo. Mais tarde, pela progressão inevitavel do impulso recebido, as opiniões republicanas lhe experimentarão uma após outra a severidade. Porque não ha meio termo, senhores, uma vez liquidados esses «principios abstractos», a que chamamos lei. A verdade é que não existe coisa mais concreta, mais estricta, mais positiva do que ella. Abstracto será o arbitrio; porque é indefinido, cambiante e intacatil. Não ha para elle canones, nem juizes. «Que deviendrait la république, si Robespierre etait tenu de se justifier?» dizia a Convenção, absolvendo a Commissão de Salvação Publica das suas maiores atrocidades. «Senta-te! Era necessario», bradava Robespierre, tapando a boca a um homem de alma, que se levantara, para protestar, em uma reunião de próceres do estado, contra a matança de setembro. «Que loucura a de processal-os! (dizia Marat, concitando a turba á carnificina dos presos.) «O processo delles está feito.» Eis «o arbitrio salutar», confiado pelas circumstancias aos salvadores de povos. Em França, durante a revolução, decapitando a principio os realistas, elle extermina afinal os republicanos. Deu entrada, guilhotinando os militantes. Dentro em pouco ceifava «os malevolos». «Se não obraste mal, mal pensaste», replicava o cabo de uma escolta a um pobre condemnado. A pena de morte, que no começo ameaçava os inimigos das instituições», passou a varrer «todos os que, directa, ou indirectamente, desobedecessem ao executivo». Onde cessa a lei, é isso o que se funda. Contem embora os ingenuos e os parvos com a proscricção exclusiva dos monarchistas. O arbitrio, que os ha de julgar, é que os joeirá. Ponha-se ao republicano o sambenito de monarchismo, e a sentença está justificada.

Vê-se bem que, preconizando essa doutrina, as facções não contam com o empallidecer da sua estrella. Num paiz onde os interesses politicos se alternassem regularmente no poder, nenhum delles quereria soberanizar a conveniencia, e avassallar a ella as leis. «O Evangelho deu a mais simples, a mais breve, a mais completa *declaração dos direitos do homem*, dizendo «Não faças a outrem o que não quizeres que te façam.» Esse catalogo de liberdades, que antes da revolução franceza já perfulgia nos *bills de direitos* e no direito consuetudinario dos inglezes, tem a sua verdadeira origem na palavra de Christo, o libertador. Os que opprimem, não tolerariam ser opprimidos. Das garantias constitucionaes, cuja sustentação tanto mal me tem custado, não ha uma, pela qual os meus adversarios não suspirassem, se a dictadura, que nos vexou, fosse brandida por nós contra elle. Declamador violento de theses liberaes na opposição, o radicalismo só se faz jacobino, isto é, contemptor da lei e entusiasta da força, quando a fortuna o tonteia.

Perto de quatrocentos e cincoenta annos antes da nossa era, senhores, já os corinthios, testemunhas das alternativas da sorte da força, diziam aos athenienses: «O caminho real da conveniencia é o caminho do direito.» Esta é a verdade ainda hoje, senhores. A ausencia de uma auctoridade, que, nas relações internacionaes, applique a sancção do direito, é a grande fraqueza das civilizações mais adeantadas. Não ha, porém, civilização nacional, emquanto o direito não assume a fórma imperativa, traduzindo-se em lei. A lei é, pois, a divisoria entre a moral publica e a barbaria. O regimen, que della se alonga, rompe com os seus interesses essenciaes, absorvendo o germen deleterio, que o decomporá.

Cantava a musa de Solon que «o desprezo da lei alastra de males a cidade», ao passo que com a sua observancia, pelo contrario, «tudo entre os homens se con-

verte em harmonia e razão». Edificador da democracia grega, Solon devia saber o que dizia. Mais de vinte e cinco seculos conta, portanto, a pravidade dos que, como eu, acima de todas as coisas reverenceiam, na terra, a lei como a entidade omnipotente, que, na phrase do estadista hellenico, «encadeia os máus, extingue a violencia, cohibe a sedição, e aplaca os furores da discordia».

A base da democracia no seculo dezenove é a mesma que ha dois mil e quinhentos annos: a religião do direito.

A consciencia republicana dos que o sacrificam á opportunidade, e a bem desta abrem á lei as mais odiosas excepções, emparelha com o sentimento religioso dos gregos, transfugas da patria, arrastados a Athenas na torrente barbara de Xerxes, que, cúmplices na destruição do Pantheon, no saque da Acrópole, na mutilação da arte hellenica, na trucidação dos defensores do templo, cuidavam reconciliar-se com a deusa ultrajada, offerecendo, entre as ruinas, um sacrificio expiatorio, e acalentavam o ultimo escrupulo dos deveres trahidos com a fabula de que a oliveira de Pallas, queimada pelas mãos do invasor, reverdecera sorridente dos escombros.

A democracia, se por democracia entendermos o governo livre da nação pela nação, ou, na definição de Alcibiades, «toda organização do poder avessa ao despotismo», depende visceralmente, mais que outro qualquer systema politico, desses «principios abstractos», dessas fórmulas tradicionaes, unico elemento de estabilidade e confiança, unico valeadoiro do individuo e da sociedade contra as agitações e surpresas de um regimen, onde não ha outro dique á ambição.

Na realza absoluta o arbitrio é exercido por um homem, e o privilegio, que o immobiliza pela successão na descendencia do soberano, abriga o estado e o povo contra as inquietações e desgraças do imprevisto. O mo-

nopolio do poder é, em certo sentido, uma garantia; porque fixa a responsabilidade em uma frente eminente, e subtrai o imperio á avidez das paixões. A tendencia funesta, que, nas democracias escurias, deprecia essas combinações tutelares, esses principios geraes, cujo sabio ordume se entretece na lei, outra coisa não faz que tomar ao absolutismo imperial a soberania do arbitrio, alterando-lhe apenas a séde. Das mãos do principe resvalou ás da plebe. Cada agitador é um autócrata, cada molécula inconsciente da multidão um tyranno. As miserias do captiveiro cresceram na proporção infinita do numero de senhores, que dispõem da soberania sem a menor responsabilidade.

Tivemos d'essa experiencia rapida amostra. Durou apenas dois dias. Mas, n'essa passagem quasi instantanea, photographou o character da dictadura dos conciliabulos secretos servidos pelo motim. O florianismo suspendera jornaes. A desordem acabou-os. O florianismo atacara a palavra; mas respeitára a propriedade. A arruaça politica, de machado e archote, estabeleceu o silencio, destruindo. No codigo do florianismo antes da pena capital havia a prisão, ou o desterro. No das machinações, onde se elaboraram os acontecimentos de março, todas as expiações se unificam na morte. Se esse dominio prevalecesse uma semana, o paiz havia de ter saudades da dictadura da espada. Esta, comtudo, teria sido a genearcha da outra; porque a illegalidade enthronizada por um despotismo é a mãe de todos os demais.

Naturalmente o radicalismo brasileiro não cura, por ora, em ir tão longe, quanto o Terror francez. Não se faria questão de sangria tão abundante. Para uma raça, a que o captiveiro imprimiu a sua mollicie, a ição, menos severa, poderia ser sufficientemente exemplar. Alguns ensaios de energia jacobina, franca, incisiva. inexoravel, abrir-nos-hiam a éra de paz nos braços da facção. Mas, senhores, o curso do jacobinismo não se predetermina.

E' impossivel antecipal-o, e projectal-o. Só uma coisa se poderia préviamente assegurar: é que, desencadeado, será irrefreavel.

Quando a desordem, com a omnipotencia e a irresponsabilidade, se apoderam de uma nação, não ha praias, que circumscrevam o diluvio. Os patriarchas do terrorismo não previam o Terror. Ainda entre as convulsões mais violentas do mal epileptiforme, elle não encontrou, em França, doutrinarios. Aos olhos dos seus adeptos, era «um expediente, uma crise, um estado transitorio».

Carrier mesmo, o Attila de Lyão, sustentava que o Terror não devia transpor novembro de 1783. Cada paroxismo seu era, entretanto, invariavelmente o pródromo de um accesso mais agudo. Contra as previsões dos seus inoculadores, a doença comicial da revolução cresceu incessantemente; não se encontrando termo, ou sedativo ao desenvolvimento da sua intensidade, senão no exterminio geral dos terroristas. E' que «no Terror ha isto de fatal: quem o emprega está condemnado a empregal-o sempre, ou a perecer, em renunciando ao seu uso». Não vos podeis servir da crueldade, para fundar a liberdade; porque as barbarias, a que recorrerdes, não vos permitirão nunca mais licenciar o carrasco, sem vos entregardes á reacção das vinganças accumuladas; e, se desarmardes, o poder illimitado irá parar ás mãos dos adversarios, cuja tranquillidade só se realizará pela vossa eliminação absoluta.

Eis, portanto, a primeira lei do inevitavel no jacobinismo: uma vez evocado, é irreprimivel; estabelecido, zombará do arrependimento dos seus iniciadores. Filho do medo, viverá de geral-o. «J'ai peur, et je fais peur», eis o segredo de todas as atrocidades revolucionarias. Cedo, ou tarde, sobrevem o momento, em que a arte de aterrar invade o espirito do artista, e o apavora. E' então que o Terror vacilla, e pensa em retroseguir.

Com o abrir desse periodo se apparella a segunda

lição, a lição culminante do jacobinismo: a volta final do Terror contra os terroristas; a cessação de um pela extirpação dos outros; ou, como se diria entre collegas de Guillotin e Marat, a extincção do microbio pela sua propria toxina.

A acção da violencia desperta a reacção violenta. Uma anarchia elimina-se por outra, até que, na plaga desbravada pela saca e resaca de sangue, o despotismo emergente das ruinas da desordem substitua a multidão por Cesar. Todos os terrores afundiram-se no vórtice do Terror. A Talião historica é infallivel. O Christo o disse naquellas palavras de sublime simplicidade: «Quem com ferro ferir, com ferro será ferido.» As demagogias são cataclysmos passageiros: todas as revoluções da vertigem popular naufragaram na dictadura. Só as revoluções do direito são definitivas: a que descaptivou a Hollanda no seculo dezeseis, a que renovou a Inglaterra no seculo dezesete, a que organizou as colonias anglo-americanas no seculo dezoito, as que fizeram, no seculo dezenove, a America latina, a Belgica, a Italia, a Grecia. A França, malquistada com a republica pelo jacobinismo, teve de atravessar oitenta annos, passando por uma duzia de revoluções e constituições, até voltar a 1791, relegando 1792 e 1793 para o musêu historico dos seus monstros.

«Consiste a illusão persistente dos terroristas em invocar o triumpho, para com elle se cobrirem ante a posteridade. Só elle, de feito, os poderia absolver. Mas onde esse triumpho? Os terroristas devorados pelos cadafalsos, que alçaram; a republica, além de perdida, execrada; a contra-revolução politica victoriosa; o despotismo, em vez da liberdade, pela qual uma nação inteira jurára morrer: eis o triumpho. Quanto tempo repisareis ainda o extranho contrasenso da necessidade dos cadafalsos, para salvar a revolução, que não salvaram?»... Não obstante, «a guilhotina proseguia. Sim; mas fôra

mister que proseguisse até o fim do mundo; em parando, entrava a decapitar os algozes».

O Terror creára no povo o «habito da ferocidade». Esse o seu primeiro fructo. Era o estado moral da Hellenia, barbarizada por aquellas luctas intestinas, das quaes Plutarcho escreveu: «Não se podem enumerar os que pereceram.» O cartaz do Directorio, dando rebate, em 1796, da conjuração Babeuf, que devia cortar a cabeça a todas as auctoridades, operar na população uma carnificina, e saquear a cidade, não impressionou a ninguem. O publico encolheu os hombros, entredizendo: «Não se degolou tanta outra gente?» A indifferença mais absoluta, o mais radical egoismo enregelavam, paralyzavam e desaggregavam a nação. Dêem a corôa a Carnot, ou ao duque de Orleans, a Luiz XVIII, ou ao infante de Hespanha, escrevia Mallet du Pan, comtanto que qualquer delles traga um governo toleravel, e o publico estará satisfeito. «Ninguem cuida senão em si, só em si e sempre em si»: tal o segundo effeito da perseguição jacobina. Em pouco tempo a nação envelhecêra, e degenerára: eis o terceiro resultado. Ella perdeu a esperança, «o maior dos bens», e o criterio do direito, a primeira das qualidades sociaes. «Envolvendo no mesmo desprezo verdades e chimeras, só a força lhe parece respeitavel; e, já não tendo nada que salvar, nem um sonho, entrega-se incondicionalmente ao homem, que por um momento a possuir.»

Ahi tendes, senhores, a lição para os projectistas do futuro jacobino, para os professores do selvagismo revolucionario, para os confiantes na prestancia do terror. Como, porém, o ensinamento da experiencia não desfantasia os furiosos, aos homens de senso toca aproveitar do exemplo a advertencia, que sobre todas nos interessa: a facilidade, com que de um minusculo germen se desenvolve uma calamidade nacional, com que de um grupo de violentos se proliferam os exercitos

da anarchia, com que uma diminuta minoria se apodera de um povo, com que um paiz cae sob o dominio de uma capital, uma capital sob a tyrannia de um conluio de incendiarios, com que uma nação do valor da França « é saqueada quatorze mezes por um bando de malfeitos ». Quatrocentos ou quinhentos vozeadores, postados nas tribunas da Convenção, bastam, para constringer ás maiores demasias aquella assembléa, e por esta a França inteira. Cincoenta fanaticos revogam numa noite o mandato popular á edilidade de Paris, reconstituindo-a logo depois a seu bel prazer, sob o nome de municipalidade revolucionaria, como representante da facção. Eis o que se chama a revolução de 31 de maio. No attentado subsequirente cinco mil allucinados são a alma do movimento, que força a representação nacional a abdicar no arbitrio de Marat o direito de vida e morte sobre os seus proprios membros. Ahi está o que se denomina a revolução de 2 de junho. Não sobem a trezentos mil os jacobinos existentes em toda a França. Não chegam a seis mil os homens dessa parcialidade em Paris. Desses, trezentos, ou quatrocentos, « sem titulos, sem haveres, sem existencia », são os amos da legislatura. O nucleo deliberativo e propulsor de tudo é, porém, ainda muito menor: « cem individuos reinam soberanamente em uma capital de setecentos mil, e estendem pelo paiz inteiro sua auctoridade a vinte e seis milhões ». Sobre os cidadãos de Paris, « que se crêem, na praça publica, o povo, a universalidade dos cidadãos », sobre « esse populacho parisiense, que se inculca a nação », como dizia Rivarol, se eleva em um ascendente irresistivel a acção inepta, façanhosa e cynica « dos brutos e semi-brutos, que, confundindo a soberania dos ajuntamentos da rua com a da nação nos seus comicios, se têm na conta de reis, porque, a poder de demencia e atrevimento, acreditaram na propria realleza ». Um punhado feroz senhoreia essa matilha numerosa, inti-

mida com ella a cidade, e pela cidade se impõe á nação. Esse regimen arrasta nos seus destinos a civilização européa: é graças a elle que um Brissot, ex-agente de policia, arvorado em oraculo das relações exteriores, insulta da tribuna a trinta soberanos estrangeiros, e «do fundo da possilga, onde a mulher lhe lava as camisas, desencadeia sobre a Europa uma guerra, que destruirá seis milhões de vidas».

Desse resultado é auctor o principio demagogico do club, a sua organização absorvente e anarchizadora. O club, no seu typo francez, é a cellula do cancro jacobino. Por elle uma associação de cerca de mil individuos, «mais de novecentos dos quaes são apenas miseraveis idiotas, incapazes de reflectir e fallar», dispõem absolutamente da França. Retira-se aos amigos da ordem o direito de reunião. Proscrevem-se as associações conservadoras como «fócos de conspiração», «centros de malignidade» e escolas -de «incivismo», ao passo que a planta jacobina do mesmo nome, classe e destino medra, entronquece e entoicha livremente. N'uma facção numericamente exígua, intellectualmente mediocre, moralmente desacreditada se concentra em monopolio o direito commum, subtrahido aos adversarios da desordem. Tudo isso mercê de que, senhores? A principio, simplesmente «da connivencia das auctoridades». Retraem-se os moderados, sentindo fallecer-lhes o amparo legal, e os affeitos vão invadindo. Cada attentado triumphante, attestando a ausencia da lei, offerece nas ruas o poder discricionario ao arrojo do primeiro occupante. Os audazes e desabuzados, mas organizados, não encontram difficuldades.

E' assim que em cada localidade surde «o pelotão jacobino», e assume, no seu cantão, a «dictadura local». O nucleo parisiense reproduz-se em todos os municipios, e em todos abolio a lei. Quarenta vociferadores, em Ville Neuve Saint-Georges, supplantam um districto de cem mil habitantes. «Sendo jacobinas as administrações,

o club governa através dellas; sendo passivas, governa ao seu lado; sendo refractarias, governa, depurando-as, cassando-as, subjugando-as pela força, pelo homicidio, pela carnificina.» Taes os meios, por onde se chega áquelle gráu de anarchia «quasi sem exemplo», na phrase do ministro americano em Paris, e de aversão tal ao dominio dessas sociedades, que, segundo o representante dos Estados Unidos, em França, n'aquelle tempo, «a generalidade da nação franceza consideraria o proprio despotismo como um beneficio, desde que lhe trouxesse a segurança das pessoas e do patrimonio usufruida sob os piores governos europêos». N'estas palavras se encerra o testemunho da liberdade saxonia e da democracia americana ácerca das benções do jacobinismo.

A um breve eclipse da auctoridade, senhores, recentemente se entrevio, no Brasil, a subitaneidade, com que esse principio fermentescente leveda a massa social em phenomenos espantosos. O mais despropositado pretexto, o menor sobrevento no rumo do governo, logo que um incidente exploravel attrae ás ruas a patrio-tice pugnaz, se as forças legaes hesitam, e recolhem, uma emanação de terror embrusca a atmospherá, e começam a esfuziar torvas ameaças. Um rumor continuo e crescente annuncia, de bocca em bocca, certeiras vinganças, eliminações exemplares. Revelações mysteriosas indigitam os nomes dos proscriptos. Esmorece a vida na cidade, as famílias encerram-se, ou emigram para o campo. As forças concentram-se nos quartéis em tom de prevenção contra um perigo imminente. Os órgãos da opinião submettem ás precauções da surdina a vivacidade habitual da sua linguagem. Crer-se-hia ir estalar uma revolução mais grave do que todas as a que tem assistido a metropole brasileira.

Entretanto, senhores, nenhuma das classes, em que se divide a sociedade, encontra no seu seio a explicação da desordem annunciada. Mas todas lhe sentem a pro-

ximidade, sem atinarem com a justificação do poder, cuja colera turva o ambiente. Por entre o estupor geral, apenas se descobre um inimigo, corpo estranho a todos os elementos da existencia social, por elle affrontada, conturbada e violada: a arruaça, que interrompe a circulação publica, vareja casas, destroe propriedades, arraza typographias, dicta mortes, ultraja, fere, assassina. Foi porventura um assomo incogitado, fortuito, da vertigem popular? Não, que, n'um centro de mais de setecentas mil almas, não encerraria mais de algumas centenas a zona agitante e agitada.

E, depois, nada se fizera sem antecipação completa. Tudo estava previsto, predicto, preordenado: a razzia, o ataque á imprensa, a morte, com os nomes das victimas precitas. Da propria região official vai ter a algumas dellas o aviso assustado, a confidencia do risco, a suggestão da fuga. Entrevada, não se sabe por que acção indefinida, a auctoridade vacilla na reacção urgente e salvadora. E' que, por traz do inimigo visivel, a atmospheria artificial da propaganda entreabre o seu horizonte de fórmas indecisas e tenebrosas: a demagogia, a politica secreta, o club.

Do até onde elle pôde chegar já nos deram cópia os dias abominaveis de março. De um salto essa potestade sobrepujou a constituição, e pisou-a aos pés. O acto federal promettera-nos a liberdade de expressão do pensamento, a liberdade de imprensa, a liberdade da palavra, liberdades inseparaveis desde a Grecia, que não nos deixou senão um nome, *logos*, « para significar pensamento, raciocinio, palavra ». Ella reduziu essas liberdades á mais derrisoria mentira. O pacto da união nacional consagrou a propriedade; e ella dessagrou-a, entregando-a ao furor dos incendiarios. O direito constitucional brasileiro abolio a pena de morte, e a democracia do revolver avocou-a para o seu uso. Neste paiz a justiça não mata; mas mata a politica,

matam, em nome da patria e da republica, os chefes de troça.

Todos se receiam de trazer a publico estas verdades, de responsabilizar pelo seu nome esse mal omnipotente nas trevas. Mas cumpria que alguem o desmascarasse, para o confundir, e chamar a postos a nação, antes que a calamidade se prolongue. Hoje as mancomunações violentas decretam a morte dos chefes moderados. Se amanhã os inimigos dos ameaçados se constituíssem, por seu lado, em outra carbonaria semelhante, para responder com a mesma ameaça aos cabeceilhas da politica homicida, não regressariamos ao dominio da justiça individual, á barbaria reconhecida, ao estado selvagem ?

Vingando o precedente, porque não teriamos d'aqui a pouco analogas sentenças, executadas pela manada arruaceira, contra juizes e chefes de estado, se a cobardia desses assaltos já não respeita deputados e senadores? E porque não acabariamos vendo o mesmo instrumento republicano agitar-se patrioticamente no seio da força armada, em conspirações de uns militares contra outros, da officialidade contra os generaes, dos subalternos contra os superiores, da baioneta contra a espada? Desaçamando, na sociedade, o principio selvagem da justiça pela força, da democracia pelo punhal, do governo pelo homicidio, metteriam a nação em uma jaula de feras. Com a superioridade da força, essencia dessa aspiração, o soldado, depois de experimentar contra os seus chefes a vantagem do numero sobre a auctoridade, reivindicará logicamente o exercicio, contra o paizano, desse direito, que os civis pretendem menear uns contra os outros; e teremos a lucta da anarchia militar contra o povo, succedendo á lucta da fileira contra a subordinação militar. A soberania da força não póde ter limites senão na força.

Se se tractasse, senhores, apenas de factos momen-

taneos, ou casuaes, eu não lhes attribuiria solemnidade tamanha. Mas é de uma politica que se tracta, de uma politica, que se esconde atraz da desordem; é de um systema, que, por não deixar duvidas ácerca das suas affinidades, aqui se baptizou com o mesmo nome francez: o systema do arbitrio popular, unica lei jacobina. E, como o povo, nessa tendência, se acha acima de todas as leis, o jacobinismo feitiou o club, para dispôr do povo. Na accepção universal do vocabulo, o povo é a nação. No sentido jacobino, é a turbamulta manipulada pela demagogia. Foi essa philosophia que absolveu os excessos criminosos de março, a poder de cortezias, declamações e fallacias, que obliteram completamente a distincção entre o bem e o mal.

Nas vespéras desses factos se sustentara, no Rio de Janeiro, por occasião de um triste processo, que «a multidão brutal e anonyma devia impôr ao jury o seu dever.» Ouvis, senhores? Medis o alcance desta phrase despercebida no borbórinho do jornalismo? Ella encerra toda uma escola, todo um partido e todo um programma. E' o que o jacobinismo ensaiava em 1793, declarando ao jury revolucionario, pela bocca do seu mais auctorizado membro, o famigerado Antonelle: «O povo exige as cabeças dos contra-revolucionarios: os jurados têm de dar-lh'as.» Eis ahi. Os magistrados são os juizes; mas acima dos juizes está, nessa doutrina, o sobre-juiz, que é o ajuntamento popular. Se, porém, a multidão é que indica o veredictum aos juizes, os juizes são, nesse caso, uma superfluidade, um empeco á justiça, que melhor seria commetter-se directamente á multidão.

A democracia do Terror não tem formula mais cabal. Quando os magotes se debruçam, vozeando, sobre os tribunaes, para lhes impôr os seus desatinos, a abolição da lei encontrou a sua expressão definitiva. Infelizmente, na republica, o governo tem sido grande factor nessa manifestação lethal; porque d'elle partio a lição de

menoscabo á magistratura, cuja independen cia está hoje sitiada pela politica. Não foi mais religioso no tragico grego o sentimento da santidade do direi to, ao attribuir a Pallas a fundação do Areopago, do que em nós ao crearmos a justiça republicana. Não sei, porém, que será della, se os interesses facciosos lograrem occupal-a, se continuarem a desaparecer os grandes nomes, que a illuminavam. A cada uma dessas lampadas que se apaga no santuario, a nação se embebe em presagios dolorosos, e pergunta qual a que restará no dia de trevas.

Não principiou diversamente a demagogia franceza. «Toda gente ria: só eu não podia rir», dizia, á vespera da sua maior erupção, uma testemunha, que lhe sentia os passos. As nossas circumstancias, caracterizadas pelos successos de março, têm intimas relações de parentesco moral com a situação, de que dizia, em 1790, o homem, cujos escriptos ácerca da revolução franceza foram sempre oraculares: «Se cada sociedade parcial, arrogando-se o poder da nação e o da auctoridade publica, é senhora de emmudecer a lei, oppor os desejos do povo aos sagrados privilegios dos cidadãos, votal-os por sentença ao anathema, e executal-o, está dissolvida a sociedade, a innocencia já não tem asylo, e a constituição não é mais do que a fallencia total de governo.» Deante dos successos de março, das antecedencias que os possibilitaram, da esteira que abriram, dos interesses, opiniões e experiencias, que animam, eu digo que essa é a situação, para onde caminhamos.

O dever, senhores, manda-nos reagir contra ella. Mas os homens capazes de cumpril-o necessitariam de saber se a nação os acompanhará, ou se se deixa invadir, conformada, pelo anniquilamento.

Menos reprovavel é a exaltação jacobina do que o indifferentismo nacional. Como Hermócrates aos sicilianos, eu vos direi: «Não censuro tanto os ávidos por dominar, como os resignados a servir. A mesma natureza

humana, propensa sempre a captivar os subservientes, nos ensina a nos defendermos contra os ambiciosos. E, se, scientes disso, continuamos a nos deleixar do futuro, em vez de pôr acima de tudo cada um de nós o seu timbre em se precatar do risco impendente a todos, desastroso erro commetteremos.» Se a consideração do estado, a que descemos, não actuar sobre nós como energico revulsivo, iremos despenhadamente, de cahida em cahida, até onde haja um infortunio que esgotar.

Foi a retracção geral do paiz que entregou a França ás miserias da demagogia. D'entre os seus sete milhões de eleitores, mal compareciam ás urnas setecentos mil: faltavam seis milhões e trezentos. Eis o segredo da conquista jacobina. O espartano, desavesando-se da vida civica, chegou a cobiçar como bemaventurança a pena vilipendiosa da atimia, que, banindo o cobarde e o criminoso dos direitos de cidadão, o eximia, ao mesmo tempo, de todos os onus da cidade. Afinal, dos dez mil eleitores contados por Lycurgo, subsistiam apenas setecentos. Deante de um povo resignatario, basta uma facção, um grupo, ou uma récua, para empolgar a soberania abandonada nas ruas. Em Paris jacobinizado «uma duzia de loucos, dominando a secção exaltada, afugentava as outras quarenta e sete.» «Por esse desamparo da coisa publica os cidadãos se antecipam em se render, e, na grande capital, como outr'ora em Sparta, ou na antiga Roma, ao lado de uma immensa população de subditos sem direitos, uma exigua oligarchia de despotas constitue só por só o povo soberano.»

A' medida que a nação recúa, avança a marulhada aggressiva. Cada dia aggrava essa abstenção progressiva da opinião publica e, com ella, a affoiteza crescente da invasão. E' por este modo que a questão policial, rapidamente agigantada, tende a se transformar em questão politica, em questão nacional. Vêde a prova

inequívoca dessa maravilhosa força de propagação na instantaneidade, com que a turbulencia de março, no Rio de Janeiro, repercutiu pelos estados, em excessos consonantes no pretexto, no espirito, no aspecto, na subordinação ao mesmo interesse partidario. Mal soprou, na rua do Ouvidor, o sulvento de perseguição, a levadia encarneirou a superficie á facção violenta nos pontos mais remotos do paiz. A flacidez de um povo acobardado não pôde resistir ao impeto de uma seita possessa da furia do poder, convencida, pela inercia geral, da victoria futura e indifferente aos meios de logral-a. «A' embriaguez, que centuplica as forças», accessce em seu favor a ausencia radical de escrupulos, que lhe multiplica as armas. «Em toda lucta politica ha acções defesas; a maioria, pelos menos, por pouco honesta e judiciosa que seja, as evitará. Repugna-lhe violar a lei; porque uma só lei violada incita a violar todas as outras. Repugna-lhe derruir o governo estabelecido; porque todo interregno, é um regresso ao estado selvagem. Repugna-lhe desenfrear a sedição; porque seria entregar o poder publico ao tresvario das paixões brutaes. Repugna-lhe fazer do governo uma machina de confiscos e assassinios; porque o emprego natural, que lhe attribue, é salvaguardar a propriedade e as vidas. Eis ahi porque, deante do jacobino, que a tudo isso recorre, a maioria se acha como um homem inerte a braços com um homem armado». Ahi tendes as vossas desvantagens em face dessa minoria usurpadora e desapoderada. Mas, ainda assim, a differença a vosso favor é incalculavel; porque vós sois o numero, a tradição, a riqueza, a competencia, o direito, isto é, sois a ordem e a paciencia, a intelligencia e a força, o prestigio e a justiça. Só vos falta a confiança, a cohesão e o impulso, a saber, a consciencia de que sois a nação e a vontade efficiente de affirmal-o. Estaes como um oceano quiescente e adormentado, que se esquecesse, e estagnasse na immo-

bilidade, que, por uma absurda cessação das leis phisicas, perdesse as ondas e as correntes. A maré morta não se póde eternizar: cumpre que volteis ao fluxo e refluxo da acção, ao sentimento da vida.

A occasião é decisiva. Não era eu o homem de autoridade, para dirigir este appello ao paiz. As forças, que, ha seis annos, se apoderáram da republica, tem feito della quasi continuamente um mechanismo de reacção contra as idéas, cuja preponderancia me esforcei por estabelecer na constituição, e inaugurar nos primeiros actos do seu governo. A independencia da minha attitude e a indole juridica das minhas opiniões transformaram-me o novo regimen em uma campanha extenuante para as energias de um homem armado unicamente das suas convicções. Malvisto á republica, em 1891, pelo meu antagonismo á desorganização dos estados, entregues, com as deposições e acclamações, aos caprichos do governo e da sedição; suspeito, em 1892, por me ter opposto á dictadura do estado de sitio, que anniquilou todas as garantias individuaes; denunciado, calumniado e a custo escapo do exterminio, em 1893, por ter aberto ao florianismo a opposição constitucional da justiça, da imprensa e da tribuna parlamentar; exilado, insultado no estrangeiro, com um decreto infamante, por obra da prepotencia e da calumnia, interessadas na minha identificação com a revolta; açoitado, em 1895 e 1896, á volta do desterro, por não ter immolado á severidade da minha experiencia os meus compromissos com a verdade republicana; indigitado ás furias da mashorca, em 1897, por haver despertado, com a fortuna da vossa approvação eleitoral, os interesses empenhados na extirpação da resistencia aos corrilhos; flagellado, empicotado, assediado constantemente, atravessei até hoje a éra republicana, e passei pelos governos republicanos, cujas escadas não subi nunca, de cuja politica divergi sempre, como um estranho, um intruso, um inimigo. Na unisonancia desse

concerto de malignidade e perseguição apenas se destaca a nota persistente da minha triplice eleição pela Bahia.

Mas o vigor, a sinceridade, a plenitude desta nota na sua ultima vibração, longe de me protegerem, asselvajaram, frezeziaram contra mim a malevolencia das antigas hostilidades. Não é só o fervilhar de *parasytas* obscuros á cata de um nome conhecido, onde sobrenadem, creaturas que vivem do escorrallho dos odios alheios. Não é só o recrudescer das supersecreções da calunnia omnivora e deslavada. Não é só o restampar de arguições pulverulentas, mil vezes pulverizadas. E' o voto da minha eliminação como a primeira necessidade republicana. A republica decompõe-se, não porque elles praticam a violação habitual da lei, mas porque eu prégo a sua observancia religiosa. O crime floresce, não porque elles manietam e exautoram a justiça, mas porque eu a estimulo, nobilito, e santifico. As instituições anarchizam-se, não porque o elemento liberal e antirepublicano as permeia e corrompe, mas porque eu não transijo contra a sua sinceridade constitucional. O paiz declina, e empobrece, não porque o arbitrio brutal afugenta a segurança, o capital e o trabalho, mas porque eu timbro em reduzir todas as luctas ao pretorio, á imprensa e á tribuna. E' o clamor do mal rebramindo no encalço do offendido:

La colpa seguirà la parte offensa

In grida, come suol. (1)

Mas esse clamor, senhores, esse embate, que nunca estremeceu a minha consciencia, póde exaurir as forças do luctador, cuja tenacidade, insulada numa convicção exposta a tantas provas, sente em derredor o marasmo publico, a estagnação das vontades honestas, a inercia das sympathias acobardadas e irresolutas. Aqui está porque afinal me tem penetrado a ambição individual do nirvana politico, o desejo crescente de renunciar á honra das minhas funcções electivas, e absorver-me exclusi-

(1) DANTE : *Paradiso*, XVII.

vamente na vida particular, na existencia espiritual do homem de letras, na philosophia e na paz dos meus caros estudos. Não ha sacrificios, que eu recusasse á minha terra; mas, para que elles fossem rasoaveis, seria mister que pudessem ser uteis. E, depois, senhores, quando os meus serviços venham a ser imprestaveis, ou nocivos á minha patria, tenho, deante de Deus, outros deveres, obscuros, mas santos: os que o paiz reclama de todos aquelles, que instituiram familia, e têm, pela prole, uma corresponsabilidade necessaria no futuro.

Mas o ferver torrentoso dos vossos suffragios em torno do meu nome, a grandiosidade surprehendente dessa eleição resoou aos meus ouvidos como um chamado, um despertar matinal, uma voz de esperanza. Tamanho reclamo me impõe o dever extremo de um derradeiro toque de alerta á nação.

Eu considero critica na sua existencia a actualidade.

Se o unico elemento vivo, no paiz, não se reduz ao elemento discricionario, o elemento anti-juridico, o intolerantismo de uma facção, mais que tempo é de que as partes revivescentes da nossa sociedade entrem em um movimento de reacção contra o torpor, que nos submete á prepotencia dessa oligarchia. Somos um paiz inteiramente desorganizado e quasi indefeso no exterior. Perdeu-se o sentimento da lei, perdeu-se a auctoridade da justiça, perdeu-se o rumo da administração, perdeu-se a noção da competencia, perdeu-se o travamento da subordinação necessaria, romperam-se os compromissos constitucionaes, abastardaram-se as ligações politicas, descimentaram-se os vinculos moraes. Todas as forças inermes, condições fundamentaes da vida, educação e progresso, decahiram: o direito, a magistratura, a eleição, o ensino, a imprensa, a tribuna. Todos os órgãos armados, pelo contrario, e todos os interesses aggressivos se hypertrophiam e descome-

diram: o poder, o funcionalismo, a espada, a industria, a politica. Não se sabe que pontos de estabilidade e que principios de recomposição nos restem. Só se sente o acelerado crescer da desordem, da despeza, da desconfiança, do desalento, do desatino. Alguns annos mais deste desabe, e o egoismo dos nossos desfructadores, o indifferentismo dos nossos fatalistas, o optimismo dos nossos poetas abrirão os olhos entre surpresas, que a previsão dos habitudos a sondar o futuro mal ousa encarar.

Não cuideis que se tracta de males superficiaes e localizados. A molestia é profunda e geral. Soffremos nas fontes da vida commum. São os seus principios organicos que se derrancáram. Os governantes abandonaram a auctoridade á força; os governados entregaram o direito á servilidade. Uns esqueceram a medida fatal do arbitrio; outros, o limite humano da irresistencia. Dahi esse mixto insalubre de absolutismo e laxidão, de excitação e abatimento, de pusillanidade e revolta, de intransigencia e apostasia, de ferrenha sujeição e anarchia descarada a reclamarem a mudança mais radical nas influencias, nos processos de governo, na hygiene moral do paiz. Exposto ao acaso de cada dia, o Estado lembra a Athenas de Eubolo, «náo sem piloto na corrente do tempo». Não é por meio de topicos e palliativos que se acode a situações taes. Ellas só admittem uma cura: a medicina pela regeneração organica, isto é, o volver das instituições á sua natureza constitucional pelo advento da nação ao governo de si mesma. Cégo será o symptomatismo, que se occupe de manifestações episodicas em enfermidades como estas. Tomar o mal pelas suas causas é o unico meio de extingui-lo.

Se nos não reconciliarmos com os principios, em cujo nome solapámos a monarchia, a cuja sombra fizemos a revolução, para cuja execução organizámos a

republica, bem cedo os vícios, que de nós se apoderaram, terão consummado estragos irreparáveis. Esses princípios traçam o dever da republica, definem o character da revolução, legitimam o sacrificio da monarchia. Faltar a elles é justificar a monarchia nos erros, em repressão dos quaes a suprimimos, é deshonrar a revolução nos intuitos, cuja sinceridade era a nossa defesa, é arrastar a republica a uma esterilidade, a um descredito, a um desconcerto, a um destino mais fúnebres que os do regimen, a que succedeu.

Foi rememorando as grandes origens do imperio de Athenas, as instituições e os costumes, cuja solidez haviam estabelecido a sua magnificencia e o seu poder, que o chefe da democracia atheniense, escolhido para tributar, no funeral publico dos primeiros heróes da lucta contra Esparta, a homenagem da eloquencia, evocou aos olhos do povo reunido a imagem da victoria futura. Não me assiste o genio do filho de Xantippo, o primeiro na palavra e na acção entre os seus compatriotas, nem me cabe a fortuna de poder imital-o no orgulho, dizendo-vos que as nossas instituições servem de modelo aos nossos visinhos. Mas aos mais exaltados, como aos mais prudentes, ouço dizer que a democracia brasileira periga a tres passos do seu berço, vejo que, entre os povos independentes, as constituições não succumbem senão aos seus defeitos, ou á degenerescencia do seu organismo, á illegitimidade dos seus principios elementares, ou á infidelidade dos homens a esses principios, e, interprete natural dos da nossa revolução, da nossa constituição, da nossa republica, tenho o direito de jurar solemnemente a favor delles contra a sua pratica, attestando que desta nasce a ruina, que a constituição republicana, vivedoira e forte nos seus elementos organicos, definha por obra dos seus executores

Isso naturalmente, senhores, porque essa constituição se fez, para ser animada pela nação, e a nação,

ausentando-se, deixou-lhe as fórmulas, vãs do espirito, á exploração de estreita minoria. Essa minoria concentrou em si a acção e o poder, o direito e a força: substituiu-se á lei, ao estado e ao povo. Eis o damno, senhores. Eis o perigo.

Que pretendestes vós, adoptando a fórmula republicana? A soberania da nação, o governo da maioria, a critica das opposições, a preeminencia nacional da União, a autonomia dos estados, a vivificação dos municipios, a liberdade do individuo, a inexpugnabilidade do direito, a supremacia da magistratura na interpretação constitucional, a moralização dos costumes electoraes, a responsabilidade do executivo, a severidade do orçamento. E que tendes alcançado até hoje? Um acanhado circulo de ambiciosos proclamou-se a nação, superpoz-se á maioria, eliminou as opposições, negou a reparação federal aos estados opprimidos, e opprimiu com a força federal os estados organizados, desconheceu o papel constitucional dos tribunaes, abateu o nivel representativo, emancipou o executivo da lei, e submetteu-o aos mandões de camarilha, fez do imposto a guella do *deficit* e do erario o seu ventre insaciavel, enxovalhou na farragem da demagogia franceza a incruenta sublimidade das instituições americanas, explorou o estado de sitio, as leis de excepção, os golpes de estado, e acabou arre-messando contra a liberdade, a propriedade, a segurança da existencia, elementos fundamentaes de toda civilização, os instinctos atrozes da rebanhada terrorista.

Um pouco mais, e poderemos ter chegado a esse lethargo nacional, cujas consequencias Malouet resumia em poucas linhas nas suas *Memorias*: «Uma duzia de homens obscuros, a mór parte dos quaes morreram no cadafalso, governavam as secções, a assembléa, a França inteira, se se podem ter por governo essas explosões de furor, que a embriaguez de um auctor de moções communica aos seus cúmplices. Busque-se uma nação,

em paiz entregue a taes calamidades, e nada se achará, que o pareça. Foi-se o espirito publico, o character nacional. Todas as coragens emmudecem, vendo-se sósinhas. Para se segurar, os pusillanimes fizeram-se audazes e máus.» E' então que as grandes capitaes das maiores nações apodrecem n'aquella insensibilidade caracterizada pelo stygma de Mme. Rolland contra a Paris revolucionaria: «Todo Paris deixou fazer tudo. . . Eu cessára de esperar que se pudesse estabelecer a liberdade entre cobardes, frios espectadores de attentados, que o valor de cincoenta* homens facilmente obstaría.»

Ha quatro annos, reagindo contra a dictadura, eu vaticinava a anarchia, já prelibada agora por nós nos crimes de março; porque a anarchia succede e precede ás dictaduras, nasce d'ellas, e as géra: a dictadura do primeiro Bonaparte e magou a primeira anarchia jacobina; a dictadura do outro legou Paris á segunda. Dirigindo-me ás classes conservadoras, em 1893, dizia-lhes eu então que a ellas estava reservada a missão de salvar o paiz, e que só ellas o poderiam. Surdas aos meus esforços, porém, ellas assistiram, durante quatro annos, ao sacrificio dos seus interesses. A acerba experiencia das desgraças operadas pela cumplicidade do seu indifferentismo dará, talvez, hoje mais peso á mesma exhortação, ultimo cumprimento de um dever até agora esteril.

Quando nos lastimamos dos males do dominio militar, dizia eu, deviamos advertir primeiro em que as classes, que mais o deploram, são, talvez, as mais responsaveis por essa calamidade. O militarismo occupou o lugar deixado, no governo nacional, pela deserção das grandes forças sociaes, que abandonaram a direcção do paiz á audacia dos mais arrojados como objecto *primi capientis*. Elle não deslocou as influencias naturaes; não teria elementos, para as deslocar: achou-as fóra do seu posto, adormecidas, inertes, resignadas á destituição; e

assumiu-o. Quinze mil baionetas são muito pouco, são nada, para manter prisioneira uma nação de quinze milhões de almas, em um territorio de mais de oito milhões de kilometros quadrados, e ditar-lhe soberanamente a sua vontade.

Se as vastas e poderosas camadas populares, em cujo seio se elabora a consciencia, a virtude, a riqueza das nações, não se tivessem retrahido completamente, como braço de oceano, que, após uma catastrophe, se despede das plagas, onde costumava desdobrar as suas ondas, a dictadura da espada não assentaria tão commodamente o seu acampamento n'esse territorio conquistado sem esforço ao paiz. As resistencias, que essa opinião tem encontrado, são quasi individuaes. A opinião conservadora murmura approbatoriamente em torno dellas. Mas não se mõe dessa attitude passiva, a que parece affeita, como se houvesse interesses comparaveis ao de uma reacção pacifica, mas tenaz e robusta, contra esse regimen, que nos esbulha de tudo.

Não me tendo escutado em 1893, ella acaba de provar, em 1897, após a dictadura da espada com um responsavel pelos seus attentatos, a dictadura amorpha, innominavel, invulneravel, irresponsavel da mashorca. Grande progresso e grande lição para tão breve decurso!

Comtudo, ainda não pude conformar-me a vêr de braços cruzados essas classes conservadoras, as que representam a propriedade e o trabalho, a producção e a riqueza, a intelligencia e a fecundidade, a paciência e a força. Em parte atordoamento pela instantaneidade da revolução, em parte horror ás desgraças, com que a degeneração do seu regimen nos mortifica, renunciaram desesperadas á acção victoriosa, que poderiam exercer, confundindo o systema politico, a que esses males se associam, com a corrupção, que o abastardou, e os determina. Abrigam-se na despreoccupação absoluta, como

se, na catastrophe, o maior sacrificio não houvesse de ser o dellas, e assistem como a espectaculo extranho ao ultimar da sua propria ruina. Imaginam que será sempre tempo de iniciar a reivindicção, e que quanto mais tremendos forem os estragos, mais certa ha de ser a crise salvadora.

Não se póde conceber maior erro que o dessa tactica, maior tresvario que o dessa esperanza. Ha, na historia, desmentidos indeleveis a essa theoria da confiança de uma opinião nas loucuras e nos crimes dos seus inimigos.

Se os que, na primeira phase da revolução franceza, temiam as tempestades da quadra revolucionaria, não se imbuisssem nessas inspirações insensatas, o movimento de 1789, feito antes contra o antigo regimen do que contra a monarchia, não teria precipitado a grande nação nos horrores de 1793, entregando-a á tetania dessas convulsões successivas, cujo remedio, procurado no cesarismo militar, arrastou o paiz ás miserias do captivo, da guerra e da invasão. Suppondo gravitar, alli, para a monarchia, os pessimistas gravitavam rapidamente para o diluvio de sangue, para o anniquilamento da propriedade, para o demagogismo, a anarchia militar e a bancarrota. «Quizeram a desordem, tiveram-na», diz um historiador. «O exercito, desde que aprendeu direito publico, já não é exercito: debanda, ou recusa obedecer. A guarda nacional assiste, em geral, immovel e de armas descancadas, aos maiores conflictos. A sedição reduz-se a estado permanente sob a direcção dos vencedores da Bastilha, *les plus grands drôles de Paris*, diz Mirabeau. «Se Mandrin o quizesse», affirma este, «poderia cingir a corôa de muitas provincias.» Ainda que se não faça desse quadro em todos os pontos uma prophecia para o Brasil, na sua synthese, na sua expressão geral, nas suas tendencias caracteristicas ha lições, onde a previdencia conservadora tem cada vez mais em que se edificar.

Esta abdicação do paiz em massa, esta aversão ao escrutinio, este desdem pelos negocios politicos, esta ausencia de um partido avesso ás agitações e devot do á justiça começaram por ter o effeito ominosissimo de entregar a legislatura, a administração e o governo ora á incompetencia, ora á debilidade. A preterição do merito, o predominio da incapacidade, o monopolio da influencia pelos violentos foram as primeiras feições do regimen, cuja physionomia revestio, em março, a catadura do terror. A responsabilidade pertence á nação, infiel aos seus interesses, desertora dos seus direitos. Bastava que ella se mostrasse, para vencer triumphalmente, não pelos meios tumultuarios, não pelas temeridades subversivas, mas pelo simples exercicio das suas forças moraes, pelo vigor da opinião constitucionalmente manifestada, pela vontade popular expressa nas urnas, pela pressão do sentimento publico actuando sobre os governantes.

Enganam-se infallivelmente os que se voltarem para traz, pondo as suas esperanças no regresso ao passado. Se todos os que o serviram com honra, elevassem acima das suas prevenções o amor impessoal da patria, dedicando-se a extrahir da nova constituição o bem, de que é susceptivel, desde que esteja em mãos sinceras, educadas na cultura da lei, disciplinadas na experiencia do governo, a republica estaria organizada no sentido da liberdade, em vez de se ter perdido em uma servidão torva e corrompida. A demasia do mal não nos reconduz ao antigo regimen. E' para um regimen novo, ignoto, povoado de surpresas dolorosas que nos leva a corrente.

E, quando elle se ostentar em todo o desenvolvimento das suas consequencias, os que têm de perder, não serão os aventureiros, que a espuma da enxurrada fôr deixando nas posições dominantes (esses nada arriscam: não têm senão que lucrar), mas aquelles, que, recusando, por systema, timidez, ou egoismo, os sens

serviços á ordem republicana, e retirando-lhe o concurso do seu civismo, acreditam poder observar de palanque o desmoronamento, e ser chamados então, para reedificar dos destroços o porvir. Essa reconstrucção será impossivel ás gerações actuaes, se o seu pessimismo imperturbavel nos deixar continuar a cahir assim pela escarpa.

Nossos destinos não vogam entre a monarchia e a republica, mas entre a republica e a anarchia. Cumpre escolher. E todos os que têm um lar, todos os que economizam um cabedal, todos os que estremecem a patria, todos os que não se sepultáram no egoismo da alimaria imprevidente, não podem hesitar na opção.

Não é licito, pois, ás classes conservadoras persistir na reserva, em que se encerram. Quando a segunda republica esteve a sossobrar, em França, na tormenta da insurreição de junho, a propria aristocracia, profundamente adversa ás instituições reinantes, pegou em armas, por todo o paiz, para defender a ordem constitucional. As eleições em 1849, mandando á camara cento e cincoenta montanhezes, eleitos com o concurso dos camponios e da tropa, deram a conhecer que « as duas ancoras de misericordia acabavam de quebrar-se na procella ». A força armada e os districtos ruraes decampavam para a demagogia. No meio do pavor universal, que esse facto derramou, os amigos da realeza, que desaparecêra, longe de fazer votos pela aggravação dos embaraços á nova ordem politica, ou deixal-a garrar para o desconhecido, reconheceram, de toda parte, que já não podia ser questão de sahir da republica, e que o unico recurso era *oppor os republicanos moderados aos violentos*. (*Muito bem, muito bem.*)

Foi sob a impressão desses sentimentos que Tocqueville, opposto em these á fórma republicana, « governo sem contrapeso », dizia elle, « que promete sempre mais, e dá sempre menos liberdade do que a monarchia constitucional », não hesitou em se alistar entre os collabo-

radores mais conspicuos da republica, e acceitar, a seu serviço, uma pasta no ministerio do presidente eleito.

Esse é o papel das forças conservadoras: apoiar as instituições novas, emquanto se desenvolvem, reforçar a protecção, que ellas offerecem á sociedade contra os interesses desorganizadores, extrahir dellas toda a virtude, todo o beneficio, todo o progresso possivel, crear-lhes um ambiente de tranquillidade e segurança, em que se possam expandir as suas qualidades, habilitar o paiz, por uma experiencia razoavel, a conhecê-las, julgar-as, e melhora-las.

Durante um periodo, pelo menos, cujo termo não se poderia prever, a republica será, para nós, uma situação irrevogavel. As gerações actuaes não hão de conhecer outra solução politica, se é que a Providencia reserva á nossa patria um futuro permanente no immenso todo que a faz respeitavel entre as nações. E' necessario, pois, conservar a republica. Mas a conservação da republica não se póde operar senão pela liberdade.

Urge fundar, na republica, a liberdade, que a constituição republicana lhe deu, e os governos republicanos lhe tiraram. Um erro vulgar enxerga exclusivamente na auctoridade a essencia do principio conservador. Ha, porém, um elemento não menos essencial á conservação dos estados: a liberdade. A democracia conservadora, oppondo-se á oppressão e á licença, faz-se, a um tempo, de auctoridade e liberdade. Na republica actual uma e outra estão arruinadas. Para salvar, portanto, as instituições republicanas, decretadas, mas impraticadas, eu crearia, se pudesse, o partido republicano conservador. (*Apoiados, bravos e palmas.*)

Eis a conclusão da minha predica, eis a substancia do meu appello, eis o termo da minha jornada. Ella não teria sido vã, se a minha palavra fructificasse na razão dos meus conterraneos, se o bom senso nacional se

convencesse de que o paiz entrará forçosamente em uma época de dissolução, desde que os interessados na ordem, na paz, nas necessidades elementares da existencia em commum não se associem, contra a politica de agitação, em um pacto de resistencia, de acção persuasiva, de defesa eleitoral, de organização ampla, cujo programma seja a conservação pela liberdade, a liberdade pela legalidade. (*Bravos, muito bem, palmas prolongadas.*)

Deus teria abençoado a minha vida, se a semente desta idéa germinasse no espirito dos que valem e podem, se agora, que a nação tem de eleger pela primeira vez, em pleno regimen constitucional, o seu primeiro magistrado, os elementos pensantes, os elementos laboriosos, os elementos pacificadores, os elementos uteis contarem um centro, uma bandeira, uma alliança estavel contra o officialismo das combinações destinadas a perpetuar a minoridade do paiz. (*Muito bem, bravos enthu-siasticos, salva de palmas.*)

Nesse partido eu seria ainda capaz de prestar obscuros serviços á minha patria, comtanto que o meu logar fosse na linha commum, entre os operarios; porque outra condição não sonho, não pretendo, não quero.

Se, porém, minha voz se perder no deserto, minha carreira politica estará concluida com este ultimo esforço pela liberdade de minha terra.

Liberdade! entre tantos, que te trazem na bocca, sem te sentirem no coração, eu posso dar testemunho da tua identidade, definir a expressão do teu nome, vingar a pureza do teu evangelho; porque, no fundo de minha consciencia eu te vejo incessantemente como estrella no fundo obscuro do espaço. Nunca te desconheci, nem te trahirei nunca; porque a natureza impregnou dos teus elementos a substancia do meu ser. Teu instincto derivou para elle das origens tenebrosas da vida no temperamento inflexivel de meu pae; entre as mais bellas tradições da tua austeridade oscillou o

meu berço; minha juventude embebeu-se na corrente mais crystallina da tua verdade; a penna das minhas lides aprou-se no fio penetrante do teu amor, e nunca se imbuu n'um sophisma, ou se dissimulou n'um subterfugio, para advogar uma causa, que te não honrasse. De posto em posto, a minha ascensão na vida publica se graduou invariavelmente pela das tuas conquistas; as vicissitudes da minha carreira acompanharam o diagramma das alternativas do teu curso; contra os dois partidos, que dividiam o imperio, luctei pela tua realidade sempre desmentida; renunciei por ti as galas do poder, suspiradas por tantos, com que elle me acenou; sósinho, sem chefes, nem soldados, tive por ti a fé, que transpõe montanhas; usei pôr na funda de jornalista pequenino a pedra, de que zombam os gigantes; aos ouvidos do velho rei, sacrificado pela familia, pela côrte, pelas facções, vibrei nos teus accentos o segredo da sua salvação e a prophécia da sua ruina; na republica saudei a esperança do teu reinado; quando a republica principiou a desgarrar do teu rumo, enchi do teu clamor a imprensa, o parlamento, os tribunaes; e, porque eu quizera fundar assim uma escola, onde te sentasses, para ensinar aos nossos compatriotas o exercicio viril do direito, ouvi resoarem-me no encalço, convertidos em grita de perseguição, os cantos heroicos de civismo extrahidos outr'ora do bronze da tua égide pelos que combatiam a monarchia á sombra da tua bandeira. (*Bravos, palmas prolongadas, acclamações.*)

Emquanto a fascinação do teu prestigio podia ser util a uma deslocação do poder, tua aurea lenda foi o estribilho dos entusiastas, dos ambiciosos e dos illudidos. Mas assim que a victoria obtida sob a tua invocação entrou a ver na tua severidade o limite aos seus caprichos, um culto novo, armado de anathemas contra os espiritos incorruptiveis no teu serviço, começou a te contrapôr as imagens da republica e da patria, d'antes

associadas á tua, e della inseparaveis. Eu não podia aceitar o paradoxo e o artificio dessa substituição; porque tu és o centro do systema, onde ambas essas idéas alongam as suas orbitas, e, no dia em que te apagasses, ou desaparecesses do universo moral, a que presides, incalculaveis perturbações transtornariam a ordem das esferas politicas, abysmando a patria e a republica no eclipse de uma noite indefinida. (*Bravos.*)

Dos que de véras te amam, e entendem, nem a republica, nem a patria podem receber detrimento; porque tu és para uma e para outra a maior das necessidades, o primeiro dos bens, a mais segura das garantias. Só entre os que te não trocam por outros interesses a patria encontrará um dia os capazes de reerguel-a; e, se a republica animar a expansão da tua seiva, deixando frondescer ao largo a piedade das tuas ramas, as ultimas sementes do outro regimen mirrarão e morrerão á sombra da tua indiferença.

A democracia, que te nega, ou te cerceia, engoda os povos com o chamariz de uma soberania falsa, cujo destino acaba sempre ás mãos das facções, ou dos aventureiros, que a exploram. Senhoras de si mesmas, na accepção verdadeira da palavra, são unicamente as nações, que te praticam sem obices, nem reservas; pois só onde a unidade humana fôr livre, a collectividade humana póde ser consciente. Os que fallam nas tuas demasias, esquecem que não te poderás desregrar, senão quando fores impura, ou não sejas completa, e, onde te observarem por igual no desenvolvimento simultaneo de todos, não ha meio de contrariar o de ninguem.

Ahi está por que eu te advoguei para a consciencia e para a palavra, para o ensino e para o culto, para a imprensa e para o meeting, para a opinião e para o voto, e, depois de ter lidado com os que te deram ao negro, entendendo que os emancipadores necessitavam de ser emancipados, expuz-me á revolução, quando nos

negaram a reforma, certo de que as instituições, em que te encarnámos, inaugurariam entre nós uma era de sinceridade.

E' tempo de vires animal-as, ó liberdade tantas vezes abandonada pelas creaturas da tua propaganda, pelos pequeninos, que fizeste magnates, pelos desvalidos, que elevaste a omnipotentes.

Teu nome é como o do povo: vencedor sempre na batalha, preterido quasi sempre nos despojos. Na hora das grandes reivindicações triumphava irresistivel a harmonia das tuas promessas, como o *paean* grego, o hymno da victoria infallivel. Mas não raro os teus apóstolos assumem no outro dia a tua tutela, e os crimes contra ti concebidos passam a se perpetrar em teu nome. A ordem, a auctoridade, a razão de estado entram desde logo a habitar a bocca dos teus antigos confesores, como se a razão de estado não fosse a velha meretriz do despotismo, e a auctoridade, ou a ordem, pudesse ter bases mais estaveis que a observancia estricta dos teus mandamentos. Os tons podem variar, mas a gamma é a mesma: auctoridade, ordem, patriotismo, povo, democracia, republica, liberdade, tudo são modulações do mesmo motivo, o poder: poder em aspiração, poder em goso, ou poder em saudade. (*Bravos. Muito em.*)

Mas tu não és a escada para o poder: és, nas sociedades adeantadas, o elemento sagrado, que o limita. Não te chamas dominação: chamas-te igualdade, tolerancia, justiça. Não te entregas em monopolio a um predestinado, a uma religião, a uma parcialidade, a um systema: existes uniformemente para todos, eliminadora do mal, fonte igual de luz, calor e prosperidade para o bem. (*Bravos.*)

Só te comprehendem os que te não recusam aos seus adversarios; porque tú és a discussão, a lucta das intelligencias, o combate das idéas. Nenhuma opinião, nenhuma politica, nenhuma invenção humana é privile-

giada contra ti: sobre todas entornas imparcialmente os teus raios, a cujo clarão o erro se descobre, e prevalece a verdade. Teu influxo decompõe as creações ephemer-
ras, e crystalliza as divinas.

Muitos seculos te rejeitaram em nome da fé religiosa, até que acima de todos os dogmas a humanidade puzesse o teu dogma, não como a negação de Deus, mas como a sua confissão mais sublime. Tremendos soffrimentos atravessou o homem, primeiro que te enxergasse nesta evidencia, percebendo a impotencia dos cultos fabricados na terra, para concorrer com o que encerrasse a expressão da eternidade. Destronizada, porém, a intolerancia religiosa, querem agora desmentir-te, as sentando no mesmo solio a intolerancia civil. Os que adquiriram o direito de affirmar que Deus é o mal, perderam o de dizer que a republica não presta. Mas é preciso não ter colhido os rudimentos da tua experiencia, para não saber que o regimen, cujo principio não se discute, é um regimen pela sua propria desconfiança condemnado á antipathia, ao descredito e á morte. Uma constituição indiscutível é, perante a lição da tua experiencia, uma constituição caduca, gerada na decrepidez, condemnada de nascença á senilidade.

Só por ti se discriminam authenticamente os regimens. Tua presença faz as republicas, dando-lhes o governo da opinião, formula necessaria da realidade republicana. Tua ausencia as infama, as desmascara, as aruina, insurgindo contra ellas as tuas forças, as maiores que a nossa natureza conhece, as que revolvem até o fundo a alma humana, as que levantam, ao grito da consciencia, as pedras das calçadas, as que fazem pairar sobre as revoluções o espirito de Deus.

Ai dos que poem as mãos na tua arca, ó liberdade, que ergues as nações, e abates os imperios! As democracias, que attentam contra a tua magestade, perecerão na tyrannia dos Cesares, ou na anarchia das ruas. Onde tu

decaes, ou te somem, não tarda em te seguir na desestima e na extincção o governo do povo pelo povo. Toda maioria, que te comprime nos individuos, ou nas minorias, pronuncia a condemnação de si mesma; porque o principio das maiorias é um principio de evolução e rotação, em que alternativamente as maiorias se decompõem em minorias, e as minorias se dilatam a maiorias. E' graças a essa actividade continua das tuas correntes na formação da vontade popular que as democracias se depuram, esclarecem e legitimam. Porque nada seria menos toleravel á dignidade humana, mais contrario á natureza moral da auctoridade e da obediencia, do que a supremacia do numero, se tu não suscitasses as vocações, para o illuminarem, as virtudes, para o converterem, as capacidades, para o reprimirem. Em lhe faltando essa abobada estrellada, onde rutilam as superioridades, esses confins, que limitam a força, esse paradeiro, de onde os instinctos refluem, cohibidos pela razão, a sorte dos estados entraria na zona das catastrophes, onde, extinctos os teus signos e os teus pharóes, rola a vaga negra da loucura collectiva, succedendo ao povo, com a sua intelligencia, a sua generosidade e a sua grandeza, «a calamidade terrivel» do tragico grego, a tyrannia das multidões. (*Muito bem.*)

Quando ella espuma convulsiva nas praças de uma cidade, imagina ter empunhado o sceptro de um paiz; e os que não tem crenças, ou gastaram o character no attricto dos interesses, desertam espavoridos a tua milicia, para aggregar o falsete da sua pusillanidade aos bramidos da catastrophe desencadeada. Ella passará, como todos os phenomenos da desordem. As procellas, as trombas, os cyclones devastam, mas não duram. O que não passa, é o oceano das verdades eternas, indifferente ao rugir das paixões contemporaneas, e por sobre elle a immensidade siderea das almas, que és tu, ó liberdade. (*Bravos.*)

Com a fronte banhada na claridade que derramas sobre o curso dos tempos, o historiador, que se debruçar para a chronica das miserias do passado, terá muitas vezes repugnancia em memorar entre os mais desnobres specimens da degenerescencia no homem civilizado os panegyricos da demagogia aos crimes commettidos contra ti pelo delirio anonymo das ruas. Querem santifical-os essas despreziveis apologias, indo buscar-lhes a origem na indignação, que inspira acções grandes, ou no enthusiasmo, que move os heróes, e transfigura divinamente os povos. Por essas vociferações passa a miude a tua evocação profanada. De quando em quando na eloquencia dessas cumplicidades se estorce, glorificada com as tuas palmas, a allucinação rubra de uma especie de Káli indiana. Mas tu não és a musa do sangue, ó liberdade; tú és o genio da paz. (*Bravos.*)

A abafadiça magnificencia das civilizações sem ideal não te entrevio. Nasceste, quando a intelligencia principiou a devassar o infinito, no espirito dos que resgatavam com o ostracismo, ou a cícuta, o amor da verdade e a independencia da razão contra o estado. Na Hellenia se deu um dia a medida do teu valor, quando os embaixadores de Athenas, quatro seculos antes de Christo, affirmavam a Esparta que os athenienses não negociariam a liberdade, para salvar o territorio. Mas tua organização, que dividia os homens, perante o direito, em gregos e barbaros, em cidadãos e ilotas, não podia resolver a tua incognita. Foi a cruz do Nazareno que decifrou o teu mysterio, levantando-te num pedestal, que as maiores revoluções não combaliram, nem hão de combalir. Quando a justiça de Cesar e a justiça do povo suppliciarão, entre dois malfetores, a divindade, que as nações civilizadas adoram ha mil e novecentos annos, o homem vio que o arbitrio de matar e a auctoridade de opprimir acabam logicamente no deicidio. Desde esse exemplo tremendo todo aquelle que te mal-

tratar, perseguindo uma opinião, ou derramando o sangue a um semeador de idéas, commette debaixo do céu o summo sacrilegio. O homem, que é o erro em procura da verdade, não pode traçar a divisória entre a verdade e o erro; e por isso, em todo pensador, em todo apóstolo, em todo reformador, em todo heterodoxo, ha alguma coisa, que os poderes da terra não tem meios de saber se é humana, ou divina. A maior victima das maiorias politicas foi o Deus crucificado. E aqui está porque a imagem da sua paixão é a tua propria imagem. Entre os braços daquelle patibulo tu e a verdade soffrestes juntamente, e com a verdade resurgistes dos mortos. Porque tu não és a verdade; mas, se a verdade pode entrever-se da terra, é pelos horizontes que tu nos abres.

Bem merecias que a republica, no Brasil, te estremecesse, ó liberdade. Ella emanou de ti, da tua aspiração, do teu programma, dos sacrificios de teus amigos. Ella nunca se teria firmado, se não se annunciasse como a tua portadora. Os povos não distinguem as instituições, a não ser pela tua presença, ou a tua falta; e nisto é o bom senso que se exprime pelo instincto dos povos. A experiencia dos agitadores não tarda em mostrar ás nações o character odioso dos idolos, com que o phrenesim demagogico te intenta supprir. As nações vivem de tranquillidade e segurança, de credito e trabalho, de intelligencia e probidade; e nem um só desses beneficios resiste á vasa dos sentimentos, em que transborda o regimen da ameaça, da intolerancia e da sedição. O motim não é a democracia; a celeuma não é o parlamento; a rua não é o paiz; o incendio não é a razão; o crime não é o direito; o assassinio não é a justiça; a anarchia não és tú, o liberdade. (*Bravos.*) Teus heróes não são os gigantes da carniça, os classicos da perseguição, os semi-deuses do terror: são os bons, os mansos, os justos, os martyres da infallibilidade politica no

throno, na plebe, nas seitas ferozes, os homens limpos de sangue alheio, que venceram prégando, escrevendo, edificando, salvando, e morrendo, os que, abraçados contigo, semearam a religião, lavraram o direito, e estabeleceram a moral politica, esse composto de moderação, experiencia e senso commum. (*Bravos.*)

O primeiro desses santos, o archétypo delles, expirou no Golgotha; e do horror á violencia, envolvido no qual o madeiro sublime alonga atravez da historia a immensidade melancolica da sua sombra, cada éra, cada geração, cada povo exprime o sentimento sempre vivo na santificação dos que elles viram agonizar por ti, ó liberdade, em cuja descendencia de martyres não és o ultimo, ó Tiradentes.

Da força, onde padeceste a morte infamante reservada aos malfeteiros, baixou á tua patria o sonho republicano, que outras gerações tinham de ver consummado. Teu supplicio é um dos crimes da perseguição historicamente fataes aos perseguidores. A posteridade enflorou o teu cadafalso em altar; porque o villipendio da expiação, que te immolou, fez da tua memoria divinizada a padroeira nacional do direito. Suppliciado por uma idéa, deixaste de emblemar a figura especial della, para te converteres em symbolo universal da inviolabilidade da opinião humana. Morto pela republica, ó Tiradentes, és a lição immortal, dada á republica, da aversão ao sangue e á intolerancia; és, perante a republica, o advogado geral contra a vingança e a oppressão. Victima de um terror, passaste á posteridade como a condemnação de todos os terrores. Tua historia não afina com os cantos da guerra cruenta, mas com as immaculadas aspirações da liberdade, que floresce na paz. Se se erigisse um templo á justiça, onde os tribunaes se abrigassem da politica, na frontaria desse templo, ó Tiradentes, seria o logar para o teu nome.

Prégar com elle a força é apostolar com o do

Christo a fogueira. Na physionomia das tuas imagens, mais fiéis á verdade do teu destino do que o gesto politico da tua effigie militante, da sua contrafeição moderna, a intuição da arte poz, com um toque de ideal, o sello da firmeza na bondade, a vaga sombra de uma tristeza semelhante á do filho de Maria: a tristeza prophetica dos precusores, presentimento das profanações da sua victoria e do seu nome entre as longas vicissitudes do futuro. Se lograsses renascer, ó Tiradentes, não seria para te reveres nos furores republicanos, mas para lhes dizeres que não te déste á morte, por legar á republica o baraçõ das Ordenações do Reino; que na revolução por ti servida só havia odio aos algozes; que não terias tramado, se pudesses imprimir; que os que destróem prelos, espargem conspirações; que o exterminio das opiniões é o suicidio dos regimens; que o culto dos martyres só não tolera a intolerancia; que o proprio erro é inviolavel no seu direito de se enunciar pacificamente, porquanto o juiz infallivel não se acha entre nós, e esse ensinou aos homens a liberdade pela mais alta das lições, dotando-os, na palavra que lhes deu, com a faculdade de negal-o.

Por isso, ó Tiradentes, quando se pensasse de veras em consolidar a republica, e para esse effeito se creasse o meu partido, o unico em que eu devotadamente serviria a um governo, o partido da resistencia á politica agitadora, o partido da lucta pelo direito, o partido da regeneração pela democracia na lei, o partido da paz na tolerancia, um partido que não mate, não proscreeva, não odeie, o partido da liberdade conservadora, poderíamos, ó Tiradentes, eleger-te nosso patroho, e o teu santuario não seria defendido por baionetas, mas pela amplidão hospitaleira das tuas portas abertas á garantia de todas as opiniões.

(O auditorio, ha muito enlevado, prorompe em um delirio de palmas, de bravos, de aclamações, victoriando o orador.)

JACOBINISMO E TERRORISMO (*)

.....
.....

Aquelle, que primeiro substituiu a lei pelo ferro, foi entre nós o primeiro jacobino. O heróe de tamanha gloria tem direito á pronação dos seus devotos. Por uma intuição inconsciente elles perceberam as relações de consanguineidade moral entre o regimen, cujas saudades os amofinam, e a desabrida tendencia politica, a que ligou para sempre o seu nome, nos ultimos annos do seculo passado, o famoso club parisiense.

Entretanto, o jacobinismo não é especialmente francez, senão por ter encontrado na revolução franceza a sua realização ideal.

(*) Artigo publicado no *Correio de Noticias*, da Bahia, em 28 de maio de 1897.

Já a antiguidade lhê conhecera o flagello. A quem tiver manuseado Thucydides não correrá despercebida a extrema consemelhança entre as feições moraes da commoção que abalou o mundo hellenico cerca de cinco seculos antes de Christo e a que vastou a França dezoito depois d'elle. A peste nascera na sedição de Corcyra; mas dentro em breve se dilatava pela Hellade inteira, sob todas as fórmas do mal. Recrescendo de cidade em cidade, o espirito revolucionario porfiava em se avantajár a si mesmo na originalidade dos seus excessos e na crueza das suas vindictas. Já não consoitava com as coisas a accepção natural das palavras. Confiava-se nos desabridos; enquanto os moderados se indigitavam como suspeitos. Na delação estava a suprema habilidade. Os laços de partido, contrahidos em desafio das leis, obliteraram os do sangue. Já não se obrigavam os homens pelo dever, de origem divina, mas pela communhão no crime. Inculcando o bem publico, o vampirismo das ambições não fazia mais que sobrepor os interesses geraes, e commetter os mais monstruosos attentados. Não podendo fiar de ninguem, cada individuo lidava por se acastellar na sua propria força como n'uma trincheira contra todos. Expirara nas facções o sentimento religioso. Reinavam as intelligencias subalternas. As capacidades pereciam aos golpes audazes da perseguição. Decompunha-se rapidamente a vida civil. Naturalmente propenso a transgredir as leis, o instincto humano, socalcando-as agora aos pés, galeava indomavel nas suas paizões, sobreposto em auctoridade á justiça e rebelde a todas as superioridades. De todas estas miserias era origem o amor do poder, adverte o filho de Oloros. «Quando os homens se entregam entre si a essas retaliações», diz o grande historiador grego, rematando a descripção lapidar, «não cogitam no futuro. Por isso vão annullando essas leis communs da humanidade, em que todos, no infortunio, põem

a esperança de salvamento, e esquecendo que em vão, depois, na hora da necessidade, lhes buscarão o ar-rimo.» (*)

O genio dos antigos, porém, não elevou a theoria a infernalidade desses horrores. A propria revolução franceza não obedeceu á logica de um plano, ou á sciencia de uma doutrina. As perseguições do antigo regimen tinham infiltrado na França «o desprezo das coisas moraes.» O Terror de 1793, na sua medonha immanidade, «não egualou em tudo o terror de 1687.» O seculo dezesete déra o modelo ao seculo dezoito. Louvois precedeu a Merlin, Planque a Carrier, Villars a Collot d'Herbois. «Luiz XIV, Louvois, Tellier extirparam a Deus.» De todas as revoluções a franceza é a mais sanguinolenta; «porque a historia de França é a que mais iniquidades deixou accumular.» O Terror foi por ventura o legado inevitavel do passado francez. Por elle «subitamente os homens novos, sem sentir», se adunavam aos de outr'ora. Nas duas eras a essencia do Terror era a mesma: a extincção da lei. Da lei moral, sob os reis; da lei constitucional, sob os demagogos. «O vosso sistema, dizia, em 1792, um directorio de departamento ás auctoridades jacobinas, «é proceder arbitrariamente em todas as situações, ainda sob uma constituição estabelecida e depois de traçadas as fronteiras dos poderes, como se o imperio se achasse de continuo em insurreição, como se estivesseis investidos n'uma dictadura necessaria á salvação da cidade, como se por amor da salvação publica houvesseis revestido todos os poderes.» Por toda a parte o elemento do governo jacobino é esse: «a substituição universal do governo da lei pelo governo da força.» Se a revolução franceza se tivesse feito para esse resultado, se 1792 e 1793 não fossem

(*) THUCYDIDE-, III, 81-85.

precedidos por 1789 e 1791, a humanidade não teria lucrado com ella mais que um banho de sangue e uma nova justificação do captiveiro militar.

A cremos, entretanto, os importadores dessa bastarda mercancia liberal, desse viroso producto democratico, dessa desacreditada contrafeição republicana, o Brasil de 1889 não teria adoptado as fórmulas anglo-americanas, senão para as desacreditar sob essas anachronicas tradições francezas. Porque a França teve jacobinos, e atravessou o Terror, o Brasil estará irregenerado, enquanto as nossas instituições não passarem pelo Jordão rubro. Como se a França tivesse ganho alguma coisa em afogar no sangue, sob a republica de 1792, a immensa opulencia moral e intellectual dos victimados por não commungarem na jacobinagem, para, afinal, entregar, sob a republica de 1870, o principio republicano á liberdade de todas as negações, e respeitadamente ouvir descrever por um Schérer no futuro da democracia «a tragedia da mediocridade», embalsamar na essencia de um estylo immortal, por um Renan, as aspirações conservadoras, fazer a necropsia jacobina e negar a soberania do povo por um Taine. Como se o republicanismo houvesse colhido, n'aquelle paiz, o minimo proveito de um regimen, que «diffamou o nome de republica, ao ponto de tornal-o, não obstante a differença dos tempos e das coisas, sempre suspeito á França» durante oitenta annos.

Nunca os instinctos imitativos do anthropoide se accentuaram mais simiescamente no grotesco das reproducções. Em França, a Convenção bracejava contra quatorze seculos de monarchia e os exercitos da Europa. Na desmarcada grandeza desse spectaculo ha traços de sobrehumana enormidade, que parece reflectirem a imaginação das theogonias heroicas. Dir-se-hia que Titães e Hecatónchiros abalavam a terra. Mas o Terror, brandido por elles, sempre os trahiu. No interior era

sua missão frustrar as conspirações da tyrannia renascente: e o seu resultado foi o imperio de Bonaparte. Só elle, «supprimindo tudo o que era intelligente e consideravel em França, tornou possível o silencio e a servilidade dos quinze annos subsequentes». No exterior a sua tarefa era quebrar a cinta da invasão, em que as armas da Europa realista apertavam o paiz; e a sentença da historia é que «foi a arte da guerra, não o Terror, quem salvou a França» nos campos de batalha. Eis a intervenção salvadora, para que se quer appellar no Brasil, em soccorro da republica ameaçada unicamente pelas exaggerações de nevropathas.

Para as opiniões radicaes, para essas obstetrizes da democracia, a vida placentária dos seus fetos não termina regularmente senão por copiosas hemorragias. A liberdade, que não nascer num matadouro, morrerá de anemia. As republicas amamentam-se de sangue. Antes de vadear a Stygia do Terror, o Brasil não esquecerá o antigo regimen.

Mas então digamos uma vez a esta terra o que vem a ser essa apparição miraculosa, o Terror, «o salutar Terror».

O Terror, ou o jacobinismo, expressões univocas á mesma entidade, é a separação do paiz em duas classes: «a espoliação de uma, a dictadura da outra»; é a unanimidade eleitoral obtida em beneficio de uma facção pela proscripção geral da maioria; é «a legislatura convertida em uma fabrica de parvoices, em uma escola de extravagancias, em um theatro de declarações»; é a abolição das immunidades parlamentares, taxadas de liberticidas; é «a nação das galerias» dominando a pistola as sessões da representação nacional: Carnot, o regicida, confessando que a Convenção votara a morte do rei, por haver deliberado sob a pressão de punhaes; é a abstenção universal nas urnas e o absentismo no parlamento; é a tribuna emmudecida, os seus degraus

confundidos com os do cadafalso, os mandatarios do povo depurados pela guilhotina; é o governo representativo trocado no governo dos clubs; é a delação ostentando-se no cynismo que Camillo Desmoulin retratou nesta glorificação da torpeza desalmada: «Tenho sido sempre o primeiro a denunciar os meus amigos»; é a supressão de todas as garantias individuaes e de todas as formas judicarias; é o tribunal revolucionario desembaraçado inteiramente das regras do processo e a defesa eliminada como intoleravel condescendencia com «a loquacidade dos accusados»; é a substituição da magistratura pela lei marcial, e da lei marcial pelo assassinio organizado; é a confiança refugiando-se nas prisões, e d'ahi mesmo sumindo-se, afinal, pelo morticínio dos presos; é o stygma de «facção scelerata», dirigido como lamina de faca ao collo de todas as opiniões independentes; é a denegação de passaportes a nacionaes e estrangeiros e a lei dos refens applicada ás familias; é a perseguição religiosa no clero, no santuario, no lar, na auctoridade paterna, na recusa, até, dos ultimos sacramentos ás victimas christans; é a abolição da clemencia com os adversarios e a amnistia aos galés evadidos; é a destruição total, pregada á canalha, da «raça maldicta dos que possuem»; é o confisco individual pelas sentenças e o confisco em globo pelos emprestimos forçados; é a devassa geral aberta sobre a consciencia politica dos cidadãos e o civismo outorgado por diplomas officiaes; é o poder tumultuario dos instrumentos da anarchia pondo «fóra da lei» os seus antagonistas, reduzidos assim, na condição legal de cães damnados, a carniça dos transeuntes; é Fouché escrevendo: «Anniquilemos de um só golpe todos os rebeldes»; é Danton substanciando o supremo desprezo da vida humana nesta formula: «Sêde como a natureza, que, visando só a conservação da especie, não faz conta de individuos»; é Collot d'Herbois exclamando, na tribuna dos jacobinos: «O 2 de se-

tembro é o artigo maximo do nosso credo»; é o homicidio a granel dignificado com o titulo de «justiça do povo»; é a secção de Bruto» requerendo que o anniversario da execução de Luiz XVI se commemore com um regicidio annual; é Marat pedindo pela imprensa as cabeças de duzentos mil cidadãos, e dizendo a Barbaroux: «Dae-me duzentos napolitanos de faca, e eu, percorrendo o paiz, farei a revolução»; é Baudot sustentando a necessidade absoluta da morte contra os incursores em defficiencia de republicanismo; é a maioria dos clubs revolucionarios opinando pelo exterminio de um terço da população franceza, para estabelecer a igualdade das fortunas; é Saint André querendo que, para constituir solidamente a republica, se reduzam os habitantes do paiz a menos de metade; é Jouffroy propondo a amputação nacional de *vinte e um milhões de vidas* numa população de vinte e seis; é Carrier definindo o programma do partido nestas palavras: «Transformaremos a França em um cemiterio, se a não regenerarmos ao nosso modo»; é o incendio total decretado contra uma provincia, a carniceria de homens indefesos pela metralhada, a asphyxia de fornadas de cidadãos nas aguas dos rios, abençoados por essa utilidade como «torrentes revolucionarias»; é a decepção de mil e quatrocentas cabeças, em poucos mezes, na capital e as sangueiras de 20 de junho, 10 de agosto e 2 de setembro multiplicadas ás centenas pelos departamentos; é a sentença de indignidade e suppressão pronunciada contra cidades inteiras: Bordeaux, onde, sem processo, se fazem, de um lance, mil e quinhentas prisões, se encarceram, numa noite, duzentos membros do alto commercio, se levam em desfilada ao cadafalso novecentos innocentes, se extorquem «aos ricos egoistas» nove milhões em multas; Tolosa, onde os carcereiros transbordam; Marselha, faccionada, insurreccionada e lacerada pelos proconsules da Convenção, que amontoam doze mil proscricções, con-

fiscam doze mil patrimonios, guilhotinam com uma presteza, da qual disse o seu principal motor: «As cabeças caem como granizo, sob o gladio da lei», e pretendem a demolição geral, e planejam o aterro do porto; Toulon, «a cidade infame», espavorida e ermada ao rugir da matança, que em alguns dias fuzila a esmo oitocentos homens, que decapita, em tres mezes, mil e oitocentos innocentes, que delira na penna de Fréron: «Fuzillar, até se acabarem os traidores!» que espuma pela bocca de Salicelle: «Os que ficarem da guerra, servirão, para aplacar os manes de nossos irmãos», que lhe reduz a população de vinte e oito a sete mil habitantes, emquanto das cercanias se requisitam doze mil alveneres, para arrazar tudo; Lyão, egualmente «infame» por acto legislativo, onde «a estupidez feroz e barbara do jacobino» gasta do Thesoiro Nacional quinze milhões em seis mezes, para destruir quatrocentos milhões de valores, convoca quatorze mil operarios, para lhe alluir a casaria, os entrepostos, as construcções industriaes, num exemplo de demolição colossal, equiparada pela historia ás da selvageria asiatica dos mongoes no quinto seculo e no seculo treze, manda, com pregão de Barrère na tribuna, accender os fornilhos, para enfogar as balas, destinadas a produzir a deflagração onde cahirem, degola, espingardeia, metralha, systematiza o roubo, enxota a familia, generaliza o lupanar, e sobre os destroços de edificios soberbos, de immensos armazens, de grandes monumentos, determina que se lhe risque o nome da historia das cidades, exultando, por um decreto, de que se procure em vão nas margens do Rhódano o logar, onde ella existira, e ululando pelos commissarios da torva assembléa: «A humanidade está vigada, consolada a patria, a republica salva.»

Eis o Terror, sepulcrario immensuravel, onde, por entre uma anarchia que renova «a loucura cesareana», a loucura exterminadora de Calligula, Nero, Caracala,

Commodo e Theodosio, macabrêa uma luxuria, uma cobiça, uma rapinagem, que á propria lingua tigrina de Hébert arrancáram o nome de «Sardanapalos» contra os emissarios do poder jacobino, cujo absolutismo extrae e concentra a quintessencia de todos os absolutismos, o absolutismo romano, o absolutismo oriental, o absolutismo inquisitorio, o absolutismo popular, numa synthese estupenda, o superlativo da tragedia, a ultima expressão do horror, mesquinhamente esboçado em Eschylo, Dante e Milton.

Doidejando na sua primeira temulencia, a chusma dos entusiastas planta «as arvores da liberdade» fadadas por elles «a se regarem com o sangue dos tyrannos». Não tarda, porém, que se abram as veias da França, para lhes ensopar as raizes. Entre osculos de união, juncto «á taboa dos direitos do homem», a communa de Paris, que nunca os conheceu, ergue «o carvalho da fraternidade»; e ao abrigo dos seus ramos o povo se dilacera como raça de «irmãos em Caim». O 10 de agosto «celebra a festa da unidade» na capital da nação espostejada. A «santa colera da patria» fulgura na proscricção e na carniceria. Emquanto se queimam as imagens, e se despojam os templos, venera-se no patibulo «Santa Guilhotina». Canonização do cadafalso, esse culto dignifica nos hediondos cortadores de carne humana «os apóstolos da revolução.» Numa alegria funeraria a multidão baila em torno delle «a dança dos departamentos», representados cada qual pelo seu poste, seu escudo e seu nome derredor da machina exterminadora.

«Patria da liberdade» passa a ser a cognominação proverbial do paiz, onde a obsessão perseguidora só respeita a inviolabilidade do algoz, a cujo ministerio se confiou «o cutello nacional.» Quando o espectro da invenção carnifice entra a projectar a sua sombra na representação nacional, a Convenção, mutilada pelo

holocausto dos girondinos, entregues á sanguinolencia da farandula armada, que a sitia, ouve, por entre o silencio tumular do sacrificio arrebatado ao medo, a paralytia de Couthon, carregado á tribuna, eelebrar a independencia dos legisladores: « Agora, membros da Convenção, todos vós estaes vendo que deliberaes livremente ». E, comtudo esse assomar de Molière ao pé de Eschylo, o lugubre sonsonete daquella ironia adocicada nos labios de um aleijão e de um verdugo é ainda o traço fino da mascarada, onde o mulhierio das « furias da guilhotina », o femeação dos marimachos do Terror, « A SOCIEDADE INCORRUPTIVEL DAS MULHERES REPUBLICANAS », acolhidas na Convenção, festejadas na Communa, « laureadas na deanteira de todas as revoluções », reclama os titulos supremos de « assombro dos tyrannos », « baluarte da republica » e « sentinella da liberdade ». O Terror é isso: — INSANIA, RIDICULO, MENTIRA, ANARCHIA E CHACINA.

.....

.....

Se ao menos o Terror fosse leal aos que o iniciam, se esses pudessem fiar delle a extirpação de seus inimigos, sem receio de cahirem por sua vez entre os dentes do mechanismo destruidor, e verem-se triturar por elle, o systema seria util, pelo menos, aos seus inauguradores, empossando-os para sempre, com o privilegio de exterminar, no monopolio do absolutismo sob a sua expressão mais pavorosa. Comprehende-se que, quando um partido não conhece outra preocupação mais que a de dominar, a certeza desta vantagem lhe esmague todos os sentimentos de humanidade, e lhe afie nas mãos o instrumento formidavel do seu poder.

Mas, por desgraça dos seus inventores, o regimen feroz, depois de ceifar entre os inimigos da facção que o estabeleceu, acaba por voltar contra ella o gume da arma irresistivel, e não descança, emquanto a voragem

de sangue não devora, até ao ultimo, os insensatos, que a abriram. Do proprio seio do Terror a necessidade suscita a lei de Talião inevitavel. No fundo da sua embriaguez alguma coisa o adverte de que é forçoso parar, de que a colheita da morte deve ter fim, sob pena de extinguir a materia, sobre que se exerce o governo, e em que se sacia a ambição politica: o povo, a nacionalidade, o elemento humano. Fóra do gremio jacobino todas as molas da vontade e da reacção vital estão quebradas. Mas ainda no circulo dos seus proprios adeptos as responsabilidades, as impaciencias, as diversidades de temperamento não tardam em semear reciprocas desconfianças entre os solidarios na obra fatal. A principio são os mais compromettidos que entram a suspeitar dos menos exaltados. Estes, aterrados com a inversão imprevista do systema contra os seus amigos, começam então a sentir a urgencia de se precatar contra a tyrannia dos chefes. Aos golpes da auctoridade contra o numero, revidados pelo numero contra a auctoridade, bem cedo succede a confusão geral entre os membros da familia atroz. O apparelho desconcertou-se, as suas peças, dispersando-se, entraram em lucta umas contra as outras, e desbravam agora a esmo a fileira jacobina, com a mesma cegueira, o mesmo furor na crueldade, com que o bando jacobino dizimara a nação; até que, afinal, esta, acordando ao estrepito do conflicto entre os malfeitores, intervem, para lhes liquidar os ultimos restos.

Deste modo o Terror desaggrava, por fim, elle mesmo, a humanidade, eliminando implacavelmente, radicalmente, completamente os terroristas.

Danton não ousa denunciar o Terror; mas quer circumscrevel-o aos «inimigos da republica.» Sacrificado por este seródio escrupulo de justiça, infamado pela calumnia dos correligionarios, antes de executado pelo algoz, elle expia, com Desmoulins, com Chabot, com Séchelles, com Lacroix, o sangue dos gi-

rondinos. «Em tal dia, a tal hora», dissera elle uma vez, «contribuí para a fundação do Tribunal Revolucionario. Peço perdão a Deus e aos homens.» Tinham feito, magnificado, exercido o Terror: morreram-lhe ás mãos.

Chaumette pronunciara uma vez, no conselho da communa, o elogio da situação revolucionaria: «Tractam-nos de anarchistas», dizia, «agora que temos governo.» Bem depressa a guilhotina o reclamará, e, o que é singular, pelo crime de innovação em materia religiosa, como o bispo Gobel por haver renegado a igreja. Robespierre intenta reconciliar-se com Deus, vitupera o atheismo, e submerge no sangue dos seus levitas o culto da deusa Razão, substituído pelo do Ente Supremo. A Nemesis implacavel, suscitada pelo martyrio dos perseguidos, delira agora, sanguisedenta, contra os perseguidores. A lei dos emigrados volta-se contra o seu proprio relator: «na prisão, ante-camara do cadafalso, Osselin, envolvido no escarninho das suas victimas, excava laboriosamente o artefacto da sua iniquidade, em busca de um resquicio de justiça no systema por elle urdido contra ella.» Fôra-lhe delator o irmão, um cura d'almas, cuja infâmia, gabando-se de «calcar aos pés, a exemplo de Bruto e Mucio Scévola», os sentimentos do sangue, offerta a sua torpeza «á divindade republicana.»

Extranho incubo opprime o terrorismo. Os seus martyres resurgem-lhe na imaginação espavorida. Barère disse: «Os mortos não voltam.» Mas Barère errava ou mentia como Barère. Sentia-se positivamente, atravez da revolução, o genio da Orestia, o aviso do escravo a Clytemnestra na casa deshonrada e ensanguentada de Agamemnon: «São os mortos que matam os vivos.» Couthon não cessa de repetir que as sombras de Danton, Hébert e Chaumette vagueiam por entre elles. «Uma coisa perdeu os homens da revolução», observa Quinet: «não avaliaram o poder da morte; suppu-

zeram que nella tudo acaba; não entreviram que ella, pelo contrario, gera o immortal, e que cada victima produz o seu vingador.

Mas, quando os cúmplices do homicidio republicano entraram a cahir tambem ás mãos do victimario, o calafrio de um presentimento gelou os sobreviventes, os próceres do regimen, os arautos do systema. Era como se o coro das Cephoras lhe ululasse aos ouvidos, na voz de além tumulo, a colera dos mortos, cujo espirito não morre, «o lamento dos mortos, que revela os assassinos.» Robespierre e Saint Just tinham suppliciado, uns após outros, os *feuillants*, os girondinos, os dantonistas, os hebertistas: o realismo, o liberalismo, a democracia, o proletariado. Os principaes chefes da revolução haviam perecido aos golpes desses dois exterminadores. Continuassem elles a senhorear o paiz, dizia-se, e em breve o teriam reduzido a um eremiterio com vinte trappistas. Mas, com o 8 thermidor, surde, para os summos sacerdotes do exterminio, o *dies iræ*. Então o homem que creara o Terror, o tribunal revolucionario, a commissão de segurança geral, desmaia numa palinodia ignobil, rejeita com horror a auctoria da sua obra, indigna-se de que o associem ao mecanismo da sua tyrannia, ultraja os instrumentos do seu absolutismo. Uma palavra opportuna de Cambon fulmina o Mario decahido, o pae renegado da proscricção. Repudiado pelos seus titeres, não obtem, sequer, a palavra da assembléa, ha pouco sua serva, a cujo primeiro magistrado chama agora «presidente de assassinos», elle o archichefe de todos, e tomba, dictador de hontem, ao tiro de um gendarme. Nem assim evita o patibulo, a que o transportam agonizante. No dia immediato setenta convencionaes passam pelas mãos do verdugo; treze, no outro. «Cobrando animo, a poder de medo, a Convenção principia a terrorizar os terroristas», buscando lavar-se «no sangue culpado, que verte, do sangue innocente, que verteu».

Ao estertor de Robespierre começa a apostasia do robespierrismo pelos robespierristas. Mas nem por isso os poupa a divina Eumenides. Implacavelmente golpeados pela reacção do Thermidor, esses formidáveis jacobinos se encoucham e pulverizam á primeira palavra do vencedor. O 12 germinal e o 1º prairial acabam de aniquilar, na Convenção, os ultimos restos do prestigio revolucionario. A turba-multa brada ao presidente da assembléa: «Pão, tratante!! que fizeste do nosso dinheiro?!» Ouvem-se gritos como este: «Um rei e um pedaço de pão!» E, quando esse viveiro do terrorismo, convertido em açouque dos terroristas, se dispersa no desprezo publico, «*Nous en voilà quittes*», diz o povo, «*ils s'en vont, les brigands.*» Então o partido que puzera a nação fóra da lei, experimenta a retaliação nacional na «caçada ao jacobino.» «O nome de cidadão transformou-se em injuria, o de patriota em injuria maior, por serem, um e outro, synonymos de jacobino.» Entretanto, a guilhotina fere «obscuramente e á pressa». Estão sobrecheias as prisões, que em poucos dias receberam dez mil revolucionarios. Todos os povoados, onde campeara o Terror jacobino, são abysmados em sangue pelo Terror thermidoriano, que lavra das cidades ao campo e «assassina em grande, gygantescamente, sem outra forma que a do assassinio.» Para devorar o Terror rubro, o Terror branco sente-se compellido a excedel-o.

Poderíamos abranger num olhar a tela immensa dessa lição, attentando num só episodio: o fim do tribunal revolucionario. «Como essas armas sobrecarregadas, que offendem os que as empregam, a machina tremenda acaba por estoirar, derribando todos os circumstantes. Juizes, jurados, accusadores publicos, testemunhas infames, quasi todos os que tinham tido um papel nessa tragedia foram decapitados na ultima scena, em que o espectador se sente alliviado, senão consolado, pela moralidade do desenlace.» Fouquier

Tinville põe o mais abjecto zelo em precipitar a execução dos seus amigos, conseguindo ultimar de 9 a 12 thermidor a tarefa do cadafalso contra o robespierismo. Mal lhe deixam tempo de aviar, porém, esse rapido expediente; porque dois dias depois já a reacção, a que elle serve, o entrega aos juizes, que o hão de enviar á guilhotina com todos os seus collaboradores no simulacro de justiça terrorista. Conta o chanceller Pasquier, nas suas admiraveis *Memorias*, que o accaso o levava a atravessar o paço da justiça, nos dias em que Fouquier Tinville se achava em presença dos juizes, que iam julgal-o. « Não pude acabar commigo de ver com os meus olhos esse grande acto da justiça divina », escreve o venerando magistrado. « Naquelle sala funcionara o tribunal revolucionario: alli tinham comparecido a rainha, Mme. Elisabeth, M. de Malesherbes, os membros do parlamento de Paris, meu pai emfim; d'alli tinham seguido todos para o cadafalso elles e tantas outras victimas. E era alli que eu via sentado, no banco onde por tanto tempo sentara as suas victimas, o monstro, cujo nome tantas vezes me fizera tremer . . . Abaixo d'elle estavam os obscuros assassinos, que se designaram sob a denominação de jurados do tribunal revolucionario. Cabisbaixos, pareciam acabrunhados. Eu não contava, de certo, rever esse homem. Pois quiz ainda o destino que uma diligencia me levasse á camara municipal no dia do seu supplicio, e vi-lhe cahir a cabeça. Debateu-se como um cobarde.»

Podeis estar certos de que essa cobardia é quasi sempre, desde Nero, a irmã inseparavel da crueldade politica.

Patriotes! Eh quoi ces poltrons intrépides
Du fond d'un cabinet prêchant des homicides! ()

(*) *L'ami des lois*, comedia proscripta, em 1893, pelo Terror.
V. DAUBAN, pag. 17.

Emmagotado e de costas quentes pelo poder o jacobinismo tropeja como um Jupiter. Disperso, desinvestido da auctoridade, desprotegido da policia, do governo, da força armada, chamado a prestar contas, enjoará o mundo com o espectaculo da sua fraqueza. Em lhe cessando o poder de malfazer, o mal empallidece, e treme nas mãos da consciencia.

Mas ha coisa ainda mais terrivel para a tradição jacobina: é o seu repudio final pelos soberanos do Terror. Robespierre dera o exemplo, em cuja lama se precipitou a facção inteira. O processo de Fouquier Tinville é o julgamento do terrorismo, sentenciado pela consciencia dos terroristas. «Eu não era mais que o machado da Convenção», dizia, exculpando-se, no tribunal, o *Jeffreys do Terror*. «Processa se accaso um machado?»

Barère é o primeiro a reclamar da tribuna da Convenção que o Terror se ponha em ordem do dia. Elle pede o arrazamento de cidades; manda envermelhar as balas de canhão, para levar o incendio ao seio de populações innocentes; sobre as ruinas de Lyão rejubila, exclamando: «Lyão já não existe»; quando Toulon cai, aconselha a conflagração geral; preconiza os serviços de Lebon, uma de cujas menores venialidades era requintar a guilhotina, dilatando as execuções; recommenda a queima geral das bibliothecas; proclama a abolição da historia pela destruição dos archivos anteriores á revolução; allue monumentos; espalha aos ventos as cinzas dos reis; após uma série de victorias francezas, ante as quaes cessara o argumento habitual da defesa jacobina, reconstroe, com Robespierre, o tribunal revolucionario, onde os réos não têm advogado, onde a condemnação não requer prova, onde a pena unica é a morte; ainda a 17 thermidor pronuncia o panegyrico de Robespierre. Dois dias depois raia, com a data de 19, o dia fatidico do Terror;

e Barère, um dos seus órgãos mais truculentos, uma das manivelas mais vis do Scylla jacobino, exige a sua cabeça e a dos seus cúmplices, sustenta que nunca advogára medidas severas, prega a clemencia da mesma tribuna, de onde, uma quinzena antes, declamava contra a moderação. Ha quinze dias apenas que cessou de guilhotinar á razão de trezentas victimas por semana, e já nega todas as relações com o Terror, fazendo praça da sua antiga associação com os girondinos, cujo verdugo foi. Na sua pessoa o terrorismo vai acabar folliculario e espião de Bonaparte, já que a deportação o salvara da morte. São assim todos esses heróes do patriotismo corta-cabeças. «Mal se vêem diante dos juizes, dir-se-hia que estremunham de um sonho. Para logo os abandona o fanatismo. Pleiteiam, defendem-se como o commum dos accusados. Foram illudidos, e devolvem uns aos outros a responsabilidade dos seus actos. Renegam, sobretudo, o seu idolo de hontem: ninguem fez o Terror, ninguem o quiz.» De modo que o Terror expira invariavelmente desafamado, repellido e maldicto pelo Terror.

Nem se imagine que a glória militar se evada á sujeição d'essa tyrannia. Cioso do predominio das armas, o despotismo da anarchia civil soube soffreal-o, e mettel-as sob os pés. Um exercito, onde florescem as antigas virtudes militares, «religião da lei, escrupulo, submissão da força ao direito», onde rutilam nomes como Joubert, Ney, Gouvion-Saint-Cyr, inclina-se obediente aos emissarios da Convenção avassalada e nullificada pela oligarchia jacobina. Esses heróes vêem nos representantes do corpo legislativo a encarnação «da auctoridade do magistrado e do temor da lei». Amparado n'esse alto sentimento, «por onde o heroismo se preserva de degenerar em militarismo», o Terror, receiando no patriotismo militar um obstaculo futuro aos seus projectos, penetra na seara da gloria, e ceifa por entre ella como a foice nas mãos do segador.

Para desorganizar essa força regeneradora, a influencia jacobina busca semear na fileira os assassinos de setembro, que o soldado repelle com asco, acooroça até por um artigo expresso de lei a denuncia contra os generaes, fomenta a delação entre os varios grãos da gerarchia armada, escraviza e espiona, pelos representantes do povo em commissão, todos os commandos, remove quasi mensalmente os generaes, as mais das vezes para o carcere, ou o cadafalso, abandona as tropas de linha a uma espantosa nudez. «Quer-se mais cuidado no reprimir um miseravel jacobino do que em enviar á morte o mais valoroso general dos exercitos da republica». As cabeças mais laureadas pela victoria são premiadas com a destituição, o processo revolucionario e a guilhotina: Brunet, Custines, vencedor de Mayença, Houchard, vencedor de Houdschoot, La Marlière, vencedor de Lille, de Anvers, de Roubaix, de Pourcoing, todos esmagados pela calumnia terrorista. Incidentes inevitaveis ainda entre os louros de um triumpho, um comboio ou um parque de munições tomado pelo inimigo bastam para a sentença capital. Tantos generaes são arrebatados ao exercito do Rheno, Custines, Beauharnais, Meunier, Landermont, «que o seu commando acaba por passar como o preludio certo do cadafalso». Uma nomeação de general, diz Kleber, é um diploma de guilhotina. Generaes ha, que requerem servir na fileira como soldados, officiaes, que refugam o generalato, soldados, que enjeitam logar na officialidade. «Os heróes tremem da sua gloria. Chega a se considerar a promoção «como calamidade.» Frequentes vezes o accesso é o degrau do patibulo.

Emquanto, porém, as mais altas capacidades militares se dobram, «vimes de ferro», sob o pulso de Saint Just, preferindo obedecer a mandar, despreveis instrumentos da facção omnipotente, intrigantes de baixa

estofa, malfeitores notorios galgam de enfiada as mais eminentes situações militares: Santerre, o cervejeiro, por alcunha «o general espumoso», que chega de um salto a marechal de campo, assinalado, na invasão das Tulherias, por não ter corrido ante os guardas da camara do rei e, no commando de um exercito do oeste, por nunca se acercar do inimigo mais de dez leguas; Rossignol, promovido por um decreto a general dos exercitos da Rochella, benemerito na Vendéa, por ter feito esmagar de proposito o exercito de Kleber; Ronsin, actor dramatico, que do 1.º de julho aos 5 de outubro, vinga successivamente todos os postos de capitão a general.

Essa tyrannia da rua assusta-se singularmente da tyrannia dos quartéis. Debry pede, na tribuna, a organização de um corpo de mil e duzentos voluntarios, «para atacarem um a um, corpo a corpo, os tyrannos e os generaes». Henriot, larapio, espião, assassino de setembro, ultimamente commandante da guarda nacional de Paris, na farça das suas ordens do dia acautela do perigo militar o rebanho da democracia do Terror. «Um paiz livre», dizia elle, «não se policia com chuços e baionetas, mas com a razão e a philosophia». E d'outra vez: «Tratando-se de festas, não pensemos em força armada: é muito visinha ao despotismo». Mas a situação se retrata principalmente no ministerio da guerra, centro de desorganização e maniversia, onde se faz a cozinha da delação militar, se canaliza o soldo das forças para o bolso dos hebertistas, se falsificam escandalosamente os effectivos militares, especie de tarimba superior, onde se estabeleceu entre os funcionarios o indecoro, a convivencia dos sexos, a sordidez, a concussão e a venalidade em gráu tal, que o ministro dos Estados Unidos em Paris escreve: «Se não ha traidores, é porque o inimigo não tem senso commum.»

Eis a administração militar, o paradeiro da gloria militar, da honra militar, dos serviços militares sob a ascendencia jacobina. (*)

.....

Ray Barbosa.

(*) Sobre os factos, a que se allude nestas paginas em relação ao jacobinismo e o terror, vejam se, entre outros :

TAINÉ : *La Révolution*, 10^e ed., v. I, II e III.—SOREL : *L'Europe et la Révolution Française*, v. II, 1887.—ED. QUINET : *La Révolution*, v. II.—DAUBAN : *La démagogie en 1793 à Paris*, Paris, 1868.—SAYOUS : *Mémoires et correspondance de Mallet du Pan*, Paris, 1811, 2 vols.—MALOPEL : *Mémoires, publiés par son petit fils*, Par., 1874, 2 vols.—GOUVERNEUR MORRIS : *Diary and Letters*, Ed. de New York, 1888, v. I.—AND. MICHEL : *Correspondance inédite de Mallet du Pan*, Paris, 1884, 2 vols.—CHANCELIER PASQUIER : *Mémoires*, vol. I (Paris, 1894).—HYDE DE NEUVILLE : *Mémoires et Souvenirs*, v. I (Paris, 1892).—ROCQUAIN : *L'esprit révolutionnaire avant la révolution*, (Par., 1878).—RIVAROL : *Oeuvres choisies*, (Paris, 1880) 2 vols.—DE LESCURE : *Rivarol et la société française*, Par., 1883.—MGR. DE SALAMON : *Mémoires inédits de l'Internonce à Paris*, (Par., 1892).—LENOTRE : *La guillotine pendant la révolution*, (Par., 1893).—ERNEST D'HAUTERIVE : *L'armée et la Révolution* (Par., 1894).—SAINTE BEUVE : *Causeries de lundi*, vols. II, III e IV.—SAINTE BEUVE : *Nouveaux lundis*, vols. V, VIII, IX, XI e XV.—SCHERER : *Études sur la littérature contemporaine*, v. X, p. 120.—NISARD : *Manges d'histoire et de littérature*, p. 21 e seq.—TAINÉ : *Derniers essais de critique et d'histoire*, p. 189-213.—EDM. BIRE' : *Journal d'un bourgeois de Paris*, v. I.—PRE'VOST PARADOL : *Essais de politique et de littérature*, v. III, p. 64-76.—COMPARDON : *Le tribunal révolutionnaire*, 2 vols.

